

## Capítulo 5

# Cultura material

## 5.1. Materiais de pedra lascada

---

### 5.1.1. *Preâmbulo*

As análises realizadas sobre os elementos da cultura material dos primeiros grupos neolíticos têm, tradicionalmente, concedido particular destaque aos recipientes cerâmicos e aos utensílios, mais raros, de pedra polida tratando, muitas vezes, de forma marginal os materiais de pedra lascada.

A frequência relativa dos fragmentos cerâmicos recolhidos nestes contextos arqueológicos e, sobretudo, a plasticidade própria da argila que permite inúmeras soluções formais e múltiplas possibilidades decorativas, cujo significado cronológico e cultural foi desde cedo percebido pelos arqueólogos, justifica a atenção que esta componente artefactual tem recebido, em detrimento de outros campos da cultura material.

No caso específico do território português, onde o “movimento tecnológico” (Garanger, 1992, p. 172-187), desenvolvido a partir dos anos 80, sobretudo, em contextos francófonos, não encontrou eco significativo numa comunidade, à época, particularmente atenta aos paradigmas anglo-saxónicos da *New Archaeology*, o panorama conheceu, no entanto, nos últimos anos, alterações significativas.

Em 1998, a publicação de A. Faustino Carvalho (1998a), sobre o talhe da pedra, em sítios do Neolítico antigo da Estremadura portuguesa, estabeleceu, em língua portuguesa, um primeiro quadro tipológico para estas indústrias, e abriu o campo onde se pretende, para além das tradicionais classificações e, sumárias, descrições tipológicas, avançar na área da caracterização tecnológica.

Ainda que não esteja, cronologicamente, relacionado com esta problemática, o trabalho de J. Zilhão (1997a), acerca d’“O Paleolítico Superior da Estremadura Portuguesa”, permitiu a caracterização dos objectivos da debitage e dos esquemas de circulação de matérias-primas ao longo dessa etapa, e tornou possível a identificação, numa perspectiva diacrónica, de soluções recorrentes e de alterações de comportamentos, e a detecção, em distintos quadros crono-culturais, de estratégias similares de gestão de recursos líticos.

As análises que Ana Cristina Araújo (1995-1997) [1999] e Grégor Marchand (2001) realizaram sobre conjuntos provenientes dos concheiros do vale do Sado constituem, pela proximidade cronológica, mas eventual distanciação cultural, ao tema em análise, contributos decisivos para uma efectiva caracterização das utensilagens líticas produzidas nas etapas terminais do Mesolítico, que devem ser contrastadas com os conjuntos realizados durante as primeiras etapas do Neolítico no Sul de Portugal.

No caso específico, das indústrias de pedra lascada do Neolítico antigo do interior alentejano não existiam, no momento de arranque deste trabalho, “dados prévios”.

A presença de alguns micrólitos geométricos na gruta do Escoural (Santos, 1971), de problemática conexão com os fragmentos de cerâmica cardial recolhidos na cavidade (Araújo e Lejeune, 1995, p. 51), e o pequeno conjunto recolhido no sítio das Pipas (Soares e Silva,

1992), onde se destacava a macro-utensilagem realizada sobre seixos de quartzito, associada a um pequeno número de peças de sílex e de quartzo, não constituíam uma amostra que permitisse caracterizar a indústria lítica destes grupos humanos.

Por isso, os materiais líticos recolhidos ao longo das campanhas realizadas na Valada do Mato constituíam um campo estratégico de análise, porque possibilitavam a criação de uma primeira base de dados acerca da indústria de pedra lascada dos primeiros grupos neolíticos estabelecidos no Interior/Sul de Portugal, e em simultâneo representavam, ao nível da cultura material, uma área determinante para identificar e avaliar continuidades e rupturas com as utensilagens mesolíticas.

Neste sentido, procurou-se realizar uma observação tão exaustiva quanto possível do material recuperado, ainda que se reconheçam as limitações implícitas a uma análise, que se pretende tecnológica e, onde não foram ensaiadas remontagens, onde não se recorreu ao talhe experimental, e onde as análises traceológicas incidiram sobre um número restrito de peças pertencentes a grupos tipológicos específicos.

### *5.1.2. Características do conjunto: dimensão e condições de recolha*

O conjunto dos materiais de pedra lascada é composto por 5688 peças, e inclui elementos que atestam o desenrolar no sítio, a partir de matérias-primas locais e alóctones, de todas as etapas do processo de talhe. A utilização, durante os trabalhos de escavação, de crivos com malha de 1,5 mm deve ter permitido uma recolha quase integral do material conservado na área intervencionada.

Estão presentes peças de descorticação, ainda que em pequeno número, materiais de configuração, manutenção/reavivamento dos núcleos, produtos brutos e subprodutos de debitagem, estes últimos em grande número, e por vezes de muito reduzidas dimensões, utensílios e núcleos, quase sempre exaustos.

A dimensão do conjunto, e a existência de peças provenientes das distintas fases do ciclo de debitagem, podia ter permitido uma análise quase etnográfica do talhe da pedra. No entanto, no momento da escavação os materiais encontravam-se, já, em posição secundária, deslocados por factores de perturbação de ordem, intra ou pós-deposicional.

Parte significativa deste conjunto provém da U.E. 1 (3145 peças), e se a este valor se acrescentar o número do material recuperado na U.E. 2/3 (1784 peças), torna-se evidente a absoluta ausência de conexão entre a posição de recolha de cerca 87% do objectos e a da “conjuntura zero” do seu abandono.

A morfologia e a dimensão destas peças, associadas à ausência de resistência que oferece o sedimento não compactado existente no sítio justificam, em grande parte, o carácter migrante que este material apresenta.

A dispersão do material nas unidades estratigráficas conservadas parece aleatória, e dada a ausência de concentrações significativas não foi possível definir áreas funcionais específicas relacionadas com o talhe, a utilização ou o abandono da utensilagem.

O conjunto recuperado constituiu, assim, um claro indicador do peso da componente oficial, no âmbito das actividades realizadas no sítio, mas atendendo à posição de jazida não permite o desenvolvimento de análises de carácter microespacial.

Uma vez que, até ao momento, está registado no sítio um único horizonte de ocupação optou-se por tratar em bloco o conjunto dos materiais de pedra lascada e reservar para outros pontos a discussão acerca do significado cronológico e cultural de elementos específicos.

### 5.1.3. Critérios e objectivos da análise

Reconhecendo que, no caso da Valada do Mato, a leitura da distribuição espacial do material lítico não permitiu uma aproximação aos comportamentos do grupo que ocupou o sítio, e aos critérios de organização interna do espaço habitacional, a análise centrou-se na caracterização técnica e tipológica desta indústria.

A indústria de pedra lascada foi analisada de acordo com os pressupostos teórico-metodológicos implícitos ao conceito de cadeia operatória (Tixier et al., 1980, p. 8; Geneste, 1991; Garanger, 1992, p. 174). O conjunto foi, portanto, abordado numa perspectiva dinâmica, que se inicia com a identificação de uma primeira etapa de obtenção de matérias-primas e que procura, depois, detalhar toda a sequência de acções relacionadas com o talhe, a utilização e o abandono dos produtos, analisando, por isso, a totalidade dos materiais líticos recolhidos em escavação.

A esta abordagem está subjacente a noção de fraccionamento temporal e espacial, da cadeia de acções necessárias ao talhe e, portanto a da, eventual, parcialidade da amostra recuperada no contexto limitado da área escavada.

A indústria da pedra lascada foi estudada no quadro geral das actividades desenvolvidas no, e a partir do sítio e das estratégias de obtenção de recursos destinadas a assegurar o funcionamento do sistema cultural — através da realização de um conjunto de acções socialmente estabelecidas e transmitidas — e a superar os condicionalismos impostos pelo meio envolvente.

Pretendia definir-se, a partir de um património de conhecimento tecnológico disponível no contexto crono-cultural em análise, as modalidades de condução da debitagem presentes no sítio, e detectar a existência, em relação a contextos contemporâneos, de especificidades locais e de soluções transregionais.

Os critérios de análise das indústrias de pedra lascada encontram-se, relativamente, uniformizados e, aqui, seguem-se, genericamente, os expostos por Tixier, Inizan e Roche (1980), e recentemente sistematizados por J. Zilhão (1997a, p. 25), adaptados depois às problemáticas concretas que o sítio colocava.

Perante o conjunto em estudo, foram realizadas duas fichas descritivas, uma para núcleos, e outra para a totalidade dos produtos debitados, sejam estes o resultado de uma acção intencional ou um subproduto do talhe ou do fabrico da utensilagem.

A informação que se pretendia obter com os distintos campos dessas fichas destinava-se a esclarecer um conjunto de questões que abaixo se inventariam:

#### 1. Identificação das matérias-primas e das áreas geográficas de origem das rochas e minerais utilizados

- inventário exaustivo das matérias-primas;
- importância das diferentes matérias-primas no conjunto;
- definição de áreas de abastecimento e distâncias ao sítio;
- detecção de áreas preferenciais de proveniência;
- distinção entre o abastecimento em fontes primárias e depósitos de aluvião — análise do tipo de córtex;
- cálculo de utilização de matérias-primas locais *versus* não-locais correlacionado com factores de ordem geográfica, técnica e cultural;
- estratégias desenvolvidas para obtenção do material lítico — aprovisionamento directo, aprovisionamento indirecto, comportamento misto; territórios económicos e territórios culturais.

2. *Avaliação do grau de descorticação dos blocos introduzidos no sítio e indicadores de talhe local*

- inventário, ao nível dos núcleos e da totalidade dos produtos debitados, das superfícies corticais, semi-corticais e sem córtex;
- identificação no conjunto, para além dos núcleos, de material proveniente das etapas de configuração, manutenção e reavivamento de núcleos;
- presença de produtos de debitação (brutos ou transformados) e restos de talhe.

3. *Economia das matérias-primas, economia da debitação*

- grau de aproveitamento da matéria-prima — estado de abandono dos núcleos;
- relação entre diferentes matérias-primas e tipos de produtos debitados;
- selecção de suportes para fabrico da utensilagem;
- economia de produção/economia de utilização: relação entre o grau de utilização dos núcleos – número de produtos brutos/utensílios.

4. *Objectivos finais do talhe: classificação tipológica e funcionalidades da utensilagem*

- dimensões e grau de estandardização dos produtos debitados;
- classificação tipológica;
- grupos tipológicos dominantes e caracterização funcional do sítio;
- determinação de funcionalidades específicas de utensílios por análise traceológica.

5. *Identificação de métodos e técnicas de talhe da pedra*

- identificação das sequências de gestos recorrentes (técnicas), que materializam um esquema conceptual socialmente adquirido e transmitido (método), destinados à obtenção de produtos finais pré-definidos;
- análise das características morfológicas e dos estigmas da debitação;
- métodos e técnicas enquanto indicadores crono-culturais.

6. *Caracterização da indústria de talhe da pedra no sítio da Valada do Mato*

- em função de parâmetros ambientais, funcionais, cronológicos e culturais;
- determinação de normativas culturais versus estratégias de aproveitamento dos recursos imediatamente disponíveis;
- supressão das limitações ambientais a partir de soluções técnicas culturalmente instituídas.

5.1.4. *Descrição e classificação*

*Matérias-primas e áreas de proveniência*

Da leitura do quadro onde se apresenta o inventário geral dos materiais de pedra lascada (Quadro 4), recolhidos no sítio da Valada do Mato, evidencia-se, desde logo, um conjunto de características da indústria de talhe que importa discutir.

Em primeiro lugar, e no campo das matérias utilizadas (Fig. 37), o sílex ocupa um lugar de destaque, como matéria-prima preferencial, representando 66% das presenças. Se ao número, dominante, dos objectos de sílex se somar a presença, menos significativa, do chert e das opalas, que ronda os 5%, acentua-se a imagem de uma indústria produzida sobre rochas de grão fino e de boa fractura concoidal, com elevado grau de aptidão para o talhe.

## QUADRO 4 Inventário Geral

Material prep. e reav.		Sílex	Chert	Opala	Quartzo	Q. hialino	Q. misto	Outras*	Total
Peças corticais	Lascas	7	–		1	–	–		8
	Lâminas	3	–			–	–		3
	Lamelas	5	–	2		–	–	1	8
	Outros	37	–	1	1	–	–	8	46
Peças de crista e meia-crista	Lâminas	3	1	–	–				4
	Lamelas	30	–	1				2	33
Tabletes	Lascas	50	4					1	55
	Lamela	1							1
Flancos		18	2	–	2	–	–	2	26
Produtos da fase plena de debitagem	Lascas	145	23	7	118	–	6	58	357
	Lâminas	77	10	1	19	2	6	17	132
	Lamelas	1598	92	21	149	78	50	229	2217
Subprodutos de talhe	Restos, esquirolas, fragmentos	1776	71	41	136	109	89	454	2676
Total		3750	203	74	426	189	151	773	5565
Núcleos e fragm. de núcleos		64	1	3	21	11	1	22	123
TOTAL		3814	204	77	447	200	152	795	5688

\* Foram incluídas nesta categoria todas as outras matérias-primas que não atingiam 1% do população analisada.

Trata-se, e atendendo às características geológicas da região, de uma produção maioritariamente realizada sobre matérias-primas não locais e não regionais, uma vez que o emprego de minerais locais, como o quartzo, que corresponde a cerca de 8%, ou o quartzo hialino, que não ultrapassa os 3,5%, é, neste contexto, secundário.

Ainda que a efectiva importância do quartzo possa estar subvalorizada, dada a sentida dificuldade em reconhecer, em peças não estandardizadas, estigmas de talhe e/ou de utilização sobre este mineral, o peso diminuto desta matéria-prima é, ao nível dos produtos alongados, incontestável.

A análise do Quadro 5, onde se inventariam as outras matérias-primas, que permitiram classificação, demonstra a existência de uma relação inversa entre a considerável diversidade de rochas utilizadas e a escassa importância que estas matérias-primas de grão grosseiro e, por norma, má fractura concoidal, assumem no conjunto.

O peso diminuto do quartzito, e a quase absoluta ausência de macro-utensilagem, em nítido contraste com a situação verificada em outros sítios do Neolítico antigo, deve ser desde já referenciado. A pouca importância desta rocha no conjunto pode, em parte, explicar-se por factores de ordem geológica relacionados com a ausência, ou raridade, de depósitos de terraço na região.

Reconhecendo a natureza alógena de parte substantiva da matéria-prima utilizada, e a origem supra-regional do material empregue, importa determinar a(s) área(s) de proveniência destas rochas e minerais.

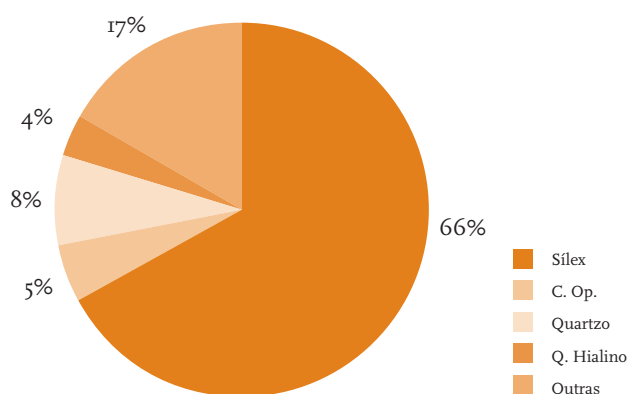


FIG. 37 - Percentagem das matérias-primas debitadas.

Materiais como o quartzo, o quartzo hialino e o quartzo misto podem ser localmente recolhidos, numa estratégia de aprovisionamento directo e no âmbito da exploração do território imediato de captação de recursos.

## QUADRO 5

### Outras matérias-primas

Matérias-primas	N.º peças
Quartzito	90
Quartzo fumado	50
Apelito	42
Lidito	38
Jaspe	28
Xisto	24
Quartzo jaspóide	7
Anfibolito	7
Q. agulhas rútilo	4
Calcedónia	3
Microgranito	2
Micrognaisse	1
Serpentinito	1
<b>Total</b>	<b>297</b>

Enquadrado em deslocações locais de carácter logístico pode, ainda, ter sido obtido um chert de grão grosseiro, que aflora a cerca de 30 km em relação ao sítio, mas cuja presença, no conjunto, é pouco significativa. Materiais como o anfibolito, o micro-granito e o xisto fazem parte do substrato geológico regional e estariam, portanto, localmente disponíveis.

A obtenção do sílex, do chert de grão fino, das opalas e do jaspe coloca, no entanto problemas cuja resolução não é imediata.

O conjunto dos materiais em sílex apresenta uma diversidade interna considerável, quer ao nível da coloração, quer ao nível da homogeneidade do grão. Estão presentes materiais em cores que vão do branco ao amarelo pálido, ao grupo dos rosas, de diferentes intensidades, aos laranja-avermelhados, passando pela família dos castanho claro e de toda a gama dos cinzentos, até ao negro, destacando-se, ainda, o sílex zebrado, em tons de rosa e castanho-claro.

Ao nível do grão, estão presentes desde peças de grão muito fino até peças de grão grosseiro.

Ainda que a cor não seja um critério fiável para o estabelecimento de diferentes fontes de aprovisionamento, e cite-se a título de exemplo as análises realizadas sobre o material da Casa de Lara (López de Pablo, 1999, p. 42-45), dado que numa mesma bancada, e num mesmo nódulo de sílex podem estar representadas uma vasta gama de tonalidades, a diversidade muito acentuada que o conjunto apresenta, em vários campos, sugere a existência de distintas áreas de proveniência.

A análise do tipo de córtex (Quadro 6) presente no material parece, também, confirmar esta hipótese. Ainda que o aspecto que este apresenta esteja relacionadas já não com a localização geográfica das áreas de proveniência, mas com a natureza dessas fontes, uma vez que o córtex presente em material proveniente de depósitos de aluvião, e que sofreu transporte, apresenta um rolamento característico que o distingue do córtex próprio do material recolhido em contextos geológicos primários.

## QUADRO 6

### Tipo de Córtex

Córtex de alteração espesso	Córtex de alteração rolado	Córtex de seixo	Total
75	464	94	633

A presença de córtex de alteração espesso (Foto 18) demonstra que, pelo menos, parte do material utilizado não sofreu transporte e terá, portanto, origem em afloramentos ou ocorrências superficiais de sílex que não existem na região e a escassez, no sítio, deste tipo particular de córtex pode relacionar-se com uma limpeza mais efectiva do material que teria sido transportado, ou obtido, a maior distância.

As potenciais áreas de aprovisionamento, e estão já cartografadas e referenciadas diversas jazidas de sílex na Estremadura (Fig. 38) (Zilhão, 1997a, vol. 1, p. 133), na Serra da Arrábida, na Serra do Cercal, e no Cabo de Sagres (Soares e Silva, 2003, p. 50), distam, do sítio da Valada do Mato, pouco mais de 100 km, em linha recta, e numa paisagem onde não existem obstáculos geográficos que condicionem a livre circulação de pessoas e bens.

A maior frequência de córtex com rolamento podia advir da recolha de pequenos blocos de matéria-prima siliciosa, em depósitos de terraço, e a descorticagem mais sumária, de que estes teriam sido objecto, relacionar-se-ia com a relativa proximidade entre áreas de proveniência e sítio de consumo.

No entanto, porque este tipo de depósito não está cartografado na região, não é possível afirmar se este material, que apresenta córtex rolado, provém de menor distância e integra o lote das matérias-primas localmente disponíveis, ou se ambos provêm de uma mesma estratégia de obtenção de recursos não regionais.

A favor desta última hipótese, parece estar o facto de os núcleos entrarem quase limpos no sítio, note-se a escassez de peças corticais, tratando-se, portanto, de peças cuja aptidão

para o talhe foi previamente averiguada. Esta estratégia relaciona-se com a optimização e rentabilização do transporte que, sobretudo, se verifica quando as fontes de abastecimento não estão muito próximas e quando se pretende obter, face a estas, um maior grau de autonomia.

Existem, ainda, no conjunto, outros indicadores que, por norma, estão associados a indústrias talhadas em pontos distantes das jazidas de matéria-prima, designadamente o estado de abandono dos núcleos, a dimensão original dos blocos de matéria-prima, e, como será adiante discutida em detalhe, a aplicação de métodos e técnicas de talhe que permitem uma evidente optimização do material lítico disponível.

A análise dos Quadros 10 e 11 demonstra, de forma clara, que na ausência de defeitos, as massas líticas são exploradas até à exaustão. Não existem, por isso, núcleos abandonados após uma sumária

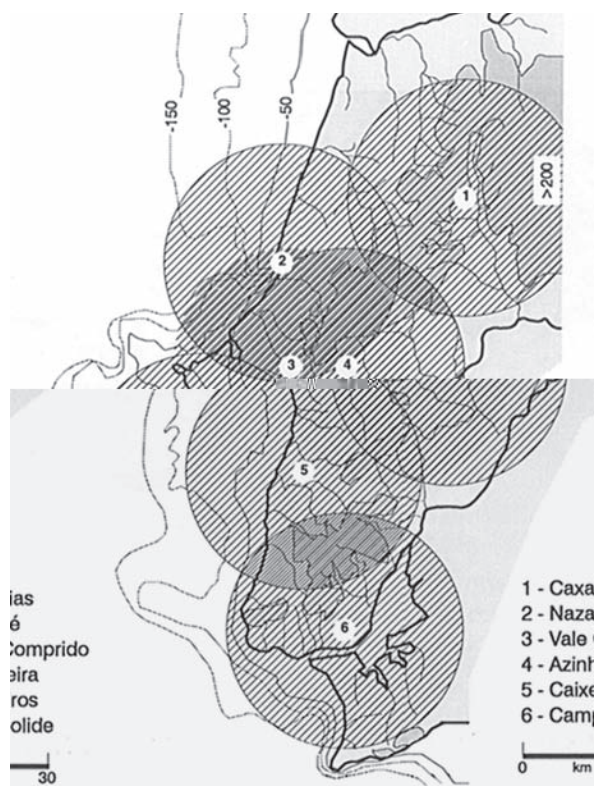


FIG. 38 - Jazidas de sílex da Estremadura (Zilhão, 1997a, vol. 1, p. 133).

descorticação, ou numa fase inicial de exploração, como é próprio de ambientes em que existe uma maior disponibilidade de matérias-primas.

Uma outra característica que estes volumes apresentam, e que pode estar associada quer ao transporte das rochas siliciosas a média ou longa distância, quer à exploração de depósitos de terraço, prende-se com a dimensão original dos blocos de matéria-prima, que se admite reduzida.

Ainda que não seja possível reconstituir com rigor as dimensões originais destas peças, e as medidas que apresentam no momento de abandono não são um indicador fiável dada a intensa exploração que se operou sobre estes volumes, utilizando-se o maior comprimento conservado no conjunto, registado numa lâmina inteira com 42 mm, para obter uma aproximação a esses valores, pode admitir-se que estes seriam já, no momento inicial da sua exploração, pequenos blocos ou nódulos de matéria-prima.

O pequeno volume dos blocos descortificados quando entram no sítio e a exploração ao limite da matéria-prima disponível parecem, no entanto corresponder a um traço cultural destes grupos mais do que a um condicionalismo imposto pela especificidade do ambiente geológico regional, uma vez que em outros sítios que, ao contrário da Valada do Mato, se encontram próximos de ocorrências de sílex constata-se também uma acentuada lamelização das indústrias líticas, e uma rentabilização nítida dos núcleos existentes.

Por outro lado, e de acordo com os dados hoje disponíveis, pode afirmar-se que a proximidade às fontes da matéria-prima preferencialmente utilizada, não constituiu um factor condicionante na implantação do sítio, que obedeceu, portanto, a outros critérios.

A selecção deliberada, como base da indústria de pedra lascada, de uma rocha ausente na área do habitat foi possível através do desenvolvimento de estratégias sociais, que integraram o grupo em esquemas de circulação de matéria-prima, e permitiram ultrapassar os condicionalismos impostos pelo quadro natural da região.

A aparente contradição entre o nível de sedentarização do grupo, que se admite elevado, e a dependência sobre matérias-primas não regionais, pode ser resolvida quer pela existência de pequenas segmentações de carácter logístico, quer pela inclusão do grupo em redes de troca a média distância.

As mais próximas, e, por isso, potenciais áreas de proveniência do sílex localizam-se na fachada atlântica do território português, pelo que, neste momento, parece definir-se, no campo das matérias-primas líticas, um padrão acentuado de “litoralização” dos territórios económicos preferencialmente explorados a partir da Valada do Mato.

#### *Grau de descorticação e indicadores de talhe local*

No segundo momento de uma abordagem aos materiais de pedra lascada que segue os princípios inerentes ao conceito de cadeia operatória importa detectar no conjunto, depois de constatada a origem não regional de parte significativa da matéria-prima utilizada, a presença, ou ausência, de elementos provenientes das outras fases do talhe que decorrem após a aquisição do material lítico.

Como foi atrás referido, o material cortical, ou parcialmente cortical, é escasso e, numericamente, contrasta de forma muito significativa com os elementos provenientes das outras etapas de exploração dos núcleos (Quadro 7).

As peças corticais constituem apenas 1,1% do conjunto, e as semicorticais cerca de 6%. A classe de peças com “Córtex vestigial” foi criada porque interessava, neste caso específico, descrever o maior número possível de tipos de córtex, e integra as peças que apresentam superfícies corticais de tal forma exíguas, que seriam noutros contextos incluídas na categoria “Sem córtex” (Fig. 39).

## QUADRO 7

### Presença de Córtex em Produtos Debitados

Corticais	Parcialmente corticais	Córtex vestigial	Sem córtex	Total
65	352	216	4906	5539

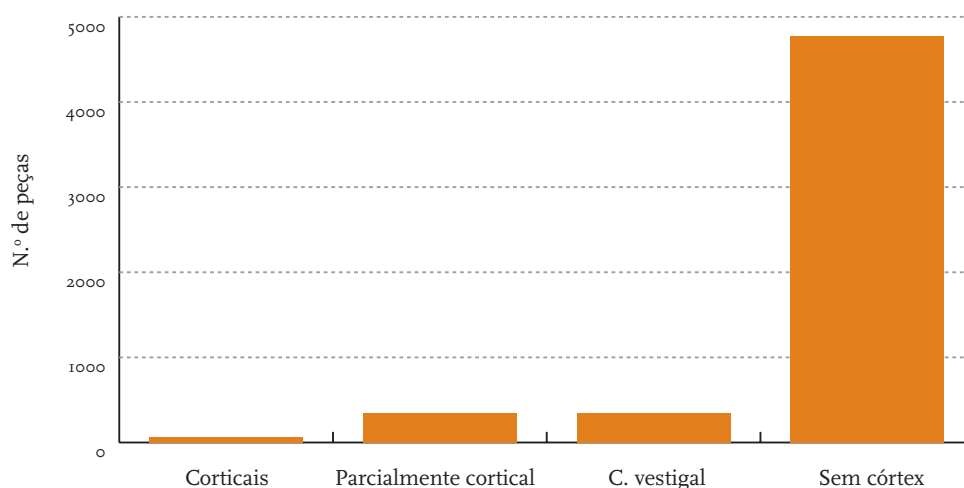


FIG. 39 - Presença de córtex em produtos debitados.

A análise do córtex presente nos núcleos confirma este padrão, dos 44 núcleos que ainda apresentam áreas em bruto, 34 possuem, apenas, vestígios de córtex, muitas vezes confinado à base dos volumes.

Estamos, portanto, perante uma cadeia espacial e temporalmente segmentada, uma vez que a etapa de descorticação dos volumes foi, total ou parcialmente, realizada em outras áreas, e a matéria-prima terá circulado sob a forma de núcleos, ou pré-núcleos, que são, depois, conformados e explorados no sítio (Ests. 1 e 2).

Se a etapa de descorticação parece estar sub-representada no sítio, todas as outras fases da cadeia operatória estão bem documentadas e atestam, de forma clara, o talhe local (Quadro 4).

A importância que assumem, no conjunto, os restos de talhe, que representam cerca de 49% do número total de peças recolhidas, constitui um indicador seguro da recorrência das práticas de debitação, e a presença de material proveniente das etapas de configuração, ou correcção, das superfícies de talhe, (37 peças de crista e de meia crista) (Est. 4, n.ºs 9-11), e de manutenção e reavivamento dos núcleos (56 tablettes e 26 flancos de núcleo), demonstra a preparação e a manutenção, no sítio, dos volumes debitados (Est. 4, n.ºs 4-7).

Os produtos provenientes das etapas plenas de debitação estão igualmente bem documentados, quer como suportes em bruto (891), quer como suportes de utensilagem (1814). A etapa final do processo de talhe está, também, atestada pela presença de 149 núcleos, ou fragmentos de núcleo.

## QUADRO 8

### Produtos corticais

Lascas	Lâminas	Lamelas	Restos de talhe	Total
8	3	8	46	65

As características apresentadas pelo conjunto dos materiais recuperado no sítio reflectem a existência de uma indústria de talhe local, assente numa estratégia de circulação de matéria-prima alóctone, sob a forma de núcleos ou pré-núcleos previamente testados.

*Economia das matérias-primas, economia da debitagem*

Entre os produtos debitados, o peso do sílex é de tal forma destacado, representando 74% da produção, que se torna, quase, inoperante o conceito de economia de matérias-primas, uma vez que cerca de 3/4 dos produtos foram obtidos a partir de um único tipo de rocha, o que parece conferir a esta indústria um carácter “monolítico”.

**QUADRO 9**  
Produtos Debitados\*

	Sílex	Chert	Opala	Quartzo	Q. hialino	Outras	Total
Lascas	179	21	7	54		89	350
Lâminas	45	6	-	8	1	10	70
Lamelas	752	35	10	59	27	122	1004
Total	975	62	17	121	28	221	1424

\* Contabilizaram-se apenas as peças inteiras e os fragmentos proximais, ou proximais e mesiais, excluindo-se deste cômputo as mesiais e mesiais distais, o que permite calcular o número mínimo de indivíduos.

A importância que o sílex assumia no cômputo global de todo o material recolhido, onde representa cerca de 67% torna-se, ainda mais, evidente quando se analisa o quadro das matérias-primas seleccionadas para obtenção de suportes (Quadro 9).

De entre as outras matérias-primas presentes, apenas o quartzo parece ter sido utilizado, ao nível da debitagem, com fins específicos e diferenciados do sílex.

Se, os 67 produtos alongados de quartzo representam apenas 6,6% do número mínimo de lâminas e lamelas recuperadas e são, por isso, marginais num cálculo geral, as lascas de quartzo representam cerca de 20% do conjunto, possuindo, a seguir ao sílex, o maior número de efectivos nesta classe.

Ao contrário do sílex, que foi fundamentalmente utilizado para obter produtos alongados, e onde as lascas correspondem a apenas 18% dos produtos debitados (Fig. 40), o quartzo obedeceu a uma lógica distinta de exploração, uma vez que neste mineral, as lascas representam 45% das debitagens (Fig. 41).

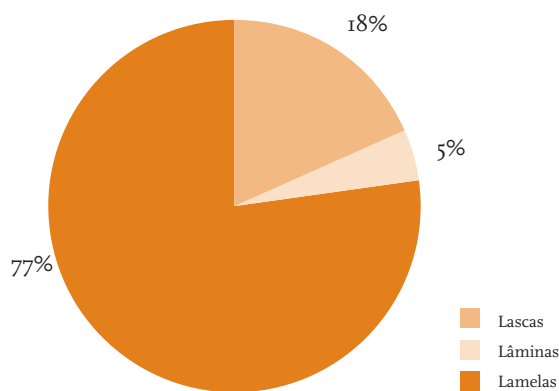


FIG. 40 - Morfometria da debitagem de sílex.

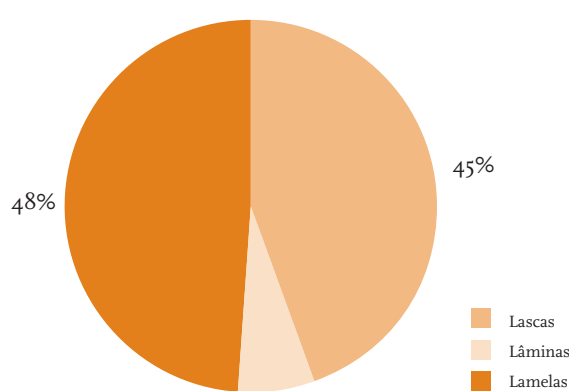


FIG. 41 - Morfometria da debitagem de quartzo.

Quer ao nível dos objectivos da debitagem, quer ao nível do grau de exploração dos núcleos, o quartzo apresenta um padrão distinto daquele que foi reconhecido no sílex, e, neste campo, a distância/proximidade às áreas de proveniência das diferentes matérias-primas, parece constituir um factor determinante ao nível da gestão das matérias-primas.

Se numa perspectiva global, os núcleos são abandonados numa fase em que se encontravam já esgotados, ou quando defeitos de matéria-prima impediam o prosseguir da debitagem, o que justifica a reduzida dimensão que estes apresentam, mesmo quando se encontram inteiros, uma análise mais detalhada demonstra que o comportamento perante o sílex e perante o quartzo apresenta algumas cambiantes (Quadros 11 e 12).

De entre os 58 núcleos de sílex, em que foi possível determinar o grau de utilização no momento do abandono, 54 encontravam-se já exaustos. Ao contrário, de entre os 21 núcleos de quartzo, 8 apresentavam um grau moderado a intenso de exploração. Cerca de 93% dos núcleos de sílex foram debitados ao limite, enquanto no quartzo essa percentagem desce para cerca de 68% (Quadro 12).

Ainda que se constate um aproveitamento menos cuidadoso do material que podia ser facilmente obtido, a nível global da economia das matérias-primas, a estratégia seguida é a da máxima rentabilização das diferentes rochas e minerais utilizados, sejam estes locais ou alóctones.

#### QUADRO 10

##### Estado de abandono dos núcleos

Esgotado	Intensivo	Esboço	N.I.	Total
93	25	1	4	123

#### QUADRO 11

##### Causa de abandono dos núcleos

Esgotado/ uso intenso	Defeitos de matéria-prima	Simples	NI	Total
93	20	4	2	123

#### QUADRO 12

##### Estado de abandono dos núcleos de sílex e de quartzo

Uso	Sílex	Quartzo	Total
Intensivo	4	8	12
Esgotado	54	13	67

Se, por norma, o talhe está orientado para permitir uma exploração eficaz dos recursos disponíveis, na Valada do Mato, este preceito funciona como um elemento subjacente e estruturante de todas as etapas do talhe, onde está documentada, uma economia de produção que visa o aproveitamento quase integral da matéria-prima disponível.

Se esta é uma produção para consumo imediato, ou para consumo diferido não é, neste momento, absolutamente perceptível, no entanto a importância do material debitado que permaneceu em bruto parece sugerir a existência de um *surplus* produtivo face às efectivas necessidades de consumo.

### *Economia da debitagem*

Para uma análise da economia da debitagem, o material lítico foi classificado, a partir de uma observação macroscópica, em três categorias: material em bruto, material com traços de utilização e material retocado.

As peças que integram o segundo e terceiro grupo terão estado associadas ao desenrolar de múltiplas actividades, enquanto as que pertencem ao primeiro não apresentam sinais evidentes de utilização.

Se a efectiva pertinência destas três categorias pode ser discutida (Clemente Conte, 1997, p. 15-16), uma vez que estudos traceológicos têm demonstrado que algum material retocado nunca foi efectivamente utilizado, e que algum do material em bruto apresenta estigmas microscópicos de funcionamento, e se é também, evidente, que alguns “traços de utilização” podem ter origem em fenómenos de vária ordem, quer relacionados com o momento do talhe quer devido a alterações pós-deposicionais, continuam, no entanto a considerar-se estes campos operantes, numa perspectiva analítica.

Se algum do material em bruto desempenhou alguma função este emprego terá sido pontual e, portanto, pouco significativo, uma vez que a continuada utilização da mesma peça devia produzir qualquer tipo de sinal que pudesse ser, macroscopicamente, observado. Se, algum do material retocado não chegou a ser, efectivamente, utilizado, o facto de apresentar retoque implica já uma intenção para uso futuro, que deve ser registada.

Quanto aos “traços de utilização”, procurou distinguir-se entre aqueles que afectavam com alguma consistência, um ou ambos, os bordos e esquirolamentos, ou pequenas fracturas pontuais, que podiam ter outras origens que não a do seu funcionamento e que, por isso, não foram registados como utensílios *a posteriori*.

Numa perspectiva tecnológica, a análise do Quadro 4 – Inventário Geral demonstra que o objectivo central da indústria de talhe da pedra consistia na obtenção de produtos alongados de morfometria lamelar, em modalidades de debitagem que produziram também, em pequena escala, lascas e que deram origem a um grande número de restos de talhe e de subprodutos não standartizados (Fig. 42).

Ainda que o número mínimo de lamelas (1004) seja significativamente menor que o apresentado no cômputo geral (2259), que incluiu também fragmentos mesiais e distais, a sua importância não diminui, uma vez que entre os produtos debitados as lamelas representam 70%, as lascas 25%, e as lâminas assumem um valor residual de 5%.

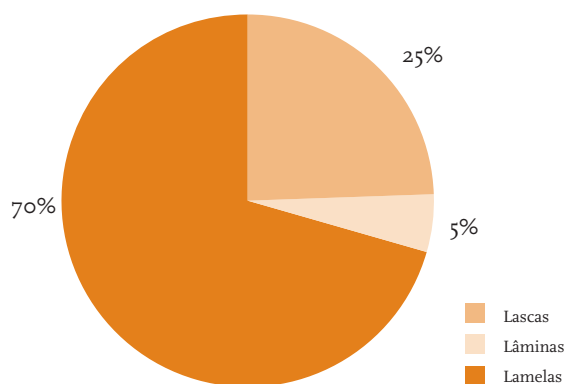


FIG. 42 - Morfometria dos produtos debitados.

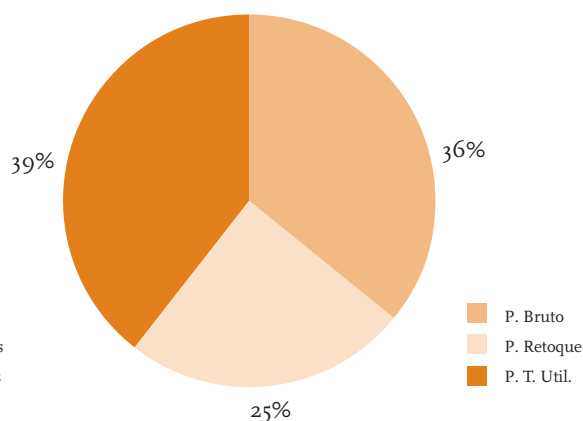


FIG. 43 - Grau de transformação dos produtos debitados.

Estas lâminas encontram-se, na sua grande maioria, muito próximas do limite estabelecido para os produtos lamelares. De entre um total de 139 peças de morfologia laminar, 120 apresentam uma largura compreendida entre os 12 e os 15 mm, estando por isso mais próximas de uma categoria de lamelas largas do que de verdadeiras lâminas.

No conjunto da totalidade das peças líticas, o material em bruto ocupa um lugar destacado, que ronda os 66%, ainda que este valor traduza, sobretudo, a importância da componente oficial no quadro das actividades realizadas no sítio, uma vez que cerca de 48% deste número corresponde a subprodutos de debitação (Fig. 41).

A percentagem de material retoçado representa 13% da totalidade de presenças, e a de utensílios *a posteriori*, 21,5%.

No quadro mais restrito dos produtos intencionalmente debitados permaneceram em bruto cerca de 36% dos suportes, cerca de 25% foram retoçados, e foram utilizados, sem posterior conformação, cerca de 39% das peças (Quadro 13).

### QUADRO 13

#### Grau de transformação da indústria lítica

Estado	Lasca	Lâmina	Lamela	Outros	Total
Em bruto	219	37	757	2650	3663
Com traços de utilização	126	56	924	34	1140
Retoque	75	46	578	37	736
Total	420	139	2259	2721	5539

Este último valor traduz a importância no conjunto, como é próprio das indústrias líticas do Neolítico antigo, dos produtos com traços de utilização.

O número relativamente elevado de peças que parecem ter sido abandonadas após extracção, e ainda que aqui se incluam extremidades proximais e distais intencionalmente retiradas de suportes, cujos segmentos mesiais podem ter integrado processos produtivos, parece indicar a existência de uma *economia de utilização* menos rentabilizadora do que a de produção.

O estado exausto, na fase de abandono, da grande maioria dos núcleos recuperados contrasta, de alguma forma, com a existência de produtos em bruto que não apresentam qualquer obstáculo, perceptível, à sua utilização.

Poder-se-iam tratar de peças simplesmente rejeitadas, ou de material conservado em *stock* para posterior utilização, o que demonstraria a existência de múltiplas segmentações temporais das cadeias operatórias desenvolvidas no sítio. No entanto, a posição de jazida do material não permite avançar por uma das hipóteses.

Uma análise do grau de transformação dos suportes, por categorias morfométricas, demonstra que 52% das lascas não foram utilizadas e que apenas 18% foram transformadas por retoque, apresentando 30% sinais de utilização (Fig. 44) (Est. 12).

As lâminas em bruto representam 28% deste conjunto, as retoçadas 31%, e as com traços de utilização 41%. As lamelas em bruto representam 29,3% deste conjunto, as retoçadas 27,3% e as com traços de utilização 43%.

A partir destes valores constata-se a existência de duas estratégias distintas de gestão dos produtos debitados, uma relacionada com os suportes alongados, que apresentam uma taxa de utilização idêntica, e que visa um aproveitamento muito significativo dos produtos disponíveis, cerca de 70% dos efectivos, e uma outra relacionada com as lascas, em que mais de metade das peças permanece em bruto (Fig. 45).

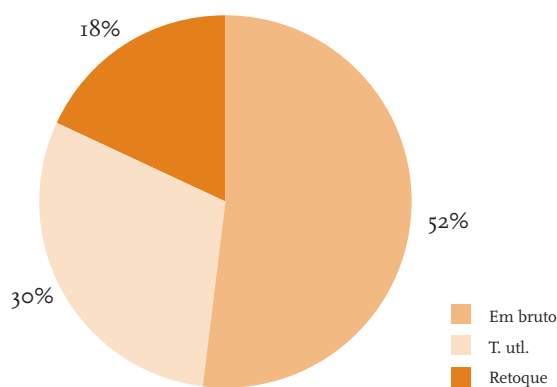


FIG. 44 - Grau de transformação das lascas.

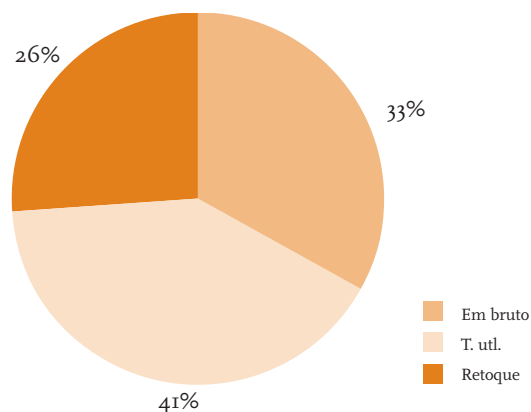


FIG. 45 - Grau de transformação dos produtos alongados.

Estes dados confirmam o papel marginal, numa perspectiva quantitativa, que as lascas possuem no âmbito da indústria lítica, uma vez que enquanto suporte da utensilagem representam apenas cerca de 10% do conjunto.

No entanto, a análise detalhada, do quadro relativo aos suportes dos diferentes tipos de utensílios (Quadro 14), demonstra que estas, e dadas as particulares características que este morfotipo pode apresentar ao nível da espessura, foram seleccionadas de forma sistemática para produção de alguns utensílios específicos.

De entre as sete raspadeiras recolhidas no sítio, cinco foram realizadas sobre lasca, e este suporte foi escolhido como base exclusiva do, muito pequeno, grupo dos raspadores (Est. 5, n.ºs 1-6). Também, no campo dos furadores e dos denticulados, este morfotipo ocupa um lugar com alguma importância.

#### QUADRO 14

##### Suportes da utensilagem

	Lasca	Lâmina	Lamela	Outros	Total
Raspadeiras	5	1	–	1	7
Raspadores	1	–	–	–	1
Furadores	5	1	14	3	22
Broca	–	–	2	–	2
Entalhes	3	5	29	2	39
Denticulados	10	4	24	2	40
Lamelas de dorso	–	–	18	–	18
Truncaturas	–	3	29	–	32
Triângulos	–	–	6	–	6
Trapézios	–	3	23	–	26
Segmentos	–	–	173	–	173
P. retoque marginal	45	29	255	26	357
Diversos	1	–	1	2	4
<b>Total</b>	<b>75</b>	<b>46</b>	<b>578</b>	<b>37</b>	<b>736</b>
P. traços de utilização	126	56	924	34	1140
<b>Total</b>	<b>197</b>	<b>102</b>	<b>1499</b>	<b>70</b>	<b>1867</b>

Se as lascas não foram, enquanto produto, necessárias em grande número, a sua presença era, no entanto, fundamental para produção de alguma utensilagem maciça de natureza doméstica.

A procura sobretudo de suportes robustos levou também à utilização de alguns subprodutos de talhe como base de alguma utensilagem.

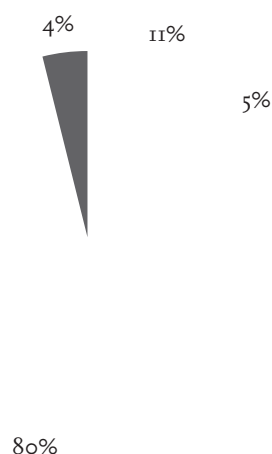
O papel secundário desempenhado pelas lascas e pelos volumes não estandardizados é, perante a leitura dos quadros, nítido. De entre 1877 produtos, que apresentam retoque ou traços de utilização, 1491 são sobre lamela e 105 sobre lâmina (Fig. 46).

Os produtos alongados constituem a base da utensilagem retocada ou *a posteriori*, que será adiante discutida.

#### *Tipologia e objectivos do talhe: a funcionalidade das utensilagens*

O conjunto tipologicamente apresenta, como é próprio dos sítios do Neolítico antigo de cerâmicas impressas, um repertório de utensílios relativamente escasso, e onde se destacam três grupos principais, nomeadamente o das peças com retoque marginal, o dos geométricos e o dos produtos com traços de utilização.

A pouca representatividade de utensílios do fundo comum, como as raspadeiras e a ausência de buris é, também, um dos traços característicos destas indústrias, assim como a escassez de peças compósitas.



**QUADRO 15**  
Quadro tipológico

	Sílex	Chert	Opala	Quartzo	Outras	Total
Raspadeiras	7	–	–	–	–	7
Raspadores	2	–	–	–	–	2
Furadores	19	1	–	–	1	22
Broca	1	1	–	–	–	2
Entalhes	30	1	–	–	7	38
Denticulados	22	–	1	5	11	39
Lamelas de dorso	16	–	–	–	2	18
Truncaturas	24	–	1	5	3	33
Triângulos	2	1	–	–	3	6
Trapézios	22	–	–	2	2	26
Segmentos	133	9	3	4	24	173
P. retoque marginal	277	25	3	15	36	356
Compósito	1	–	–	–	–	1
Diversos	4	–	–	–	–	4
<b>Total</b>	<b>559</b>	<b>38</b>	<b>8</b>	<b>31</b>	<b>91</b>	<b>727</b>
P. traços de utilização	750	50	14	136	190	1140
<b>Total</b>	<b>1309</b>	<b>88</b>	<b>22</b>	<b>167</b>	<b>281</b>	<b>1867</b>

No âmbito da utensilagem total, o maior grupo é o das peças com traços de utilização, que atinge os 61%. Esta percentagem demonstra a existência de uma adequação global entre o suporte e a função final a que este se destina, não tendo sido necessárias posteriores modificações, por retoque, após a debitação.

A monotonia tipológica do conjunto torna-se, ainda mais, evidente se, ao grupo das peças com traços de utilização, se acrescentar o número de produtos com retoque marginal, que representam cerca de 19% do conjunto, dado que ambos os tipos podiam ser integrados numa classe única, de produtos, sobretudo, alongados, com os bordos incipientemente afectados, por uso ou retoque (Est. 9 e Est. 10).

A par destas classes de utensílios destaca-se o grupo dos geométricos que atinge os 28% entre o material retocado, mas que representa apenas 10% da utensilagem total.

Da leitura do Quadro 15, deduz-se que, e ao nível dos objectivos finais, o talhe da pedra destinava-se a produzir dois tipos fundamentais de utensílios: “elementos de foice”, ainda que esta designação acarrete alguma polémica adiante debatida, e armaduras, utensilagens que estariam conectadas, respectivamente, com o processamento de vegetais e com as práticas cinegéticas.

A obtenção de “elementos de foice”, a partir de suportes alongados está, por norma, associada à debitação de produtos estandardizados e à sistemática segmentação destes suportes (Juan-Cabanilles, 1984, p. 98-101; Fortea Pérez et al., 1987, p. 9, 15).

A normalização das dimensões permite o encabamento em instrumentos compósitos, e a substituição de peças fragmentadas ou de fio já gasto, encabamento que seria facilitado pela sistemática remoção das extremidades distais e proximais originando pequenos elementos de perfil direito e espessura constante. E a análise dos valores métricos registados no conjunto demonstra uma efectiva normalização dos produtos debitados quer ao nível das larguras, quer ao nível das espessuras.

No entanto, esta estandardização, mais do que obedecer a circunscritos parâmetros exigidos por modalidades de utilização concretas traduz, sobretudo, escolhas técnicas feitas no momento da produção.

#### QUADRO 16

Produtos alongados (PA) – largura (em mm)

- 4,9	5-5,9	6-6,9	7-7,9	8-8,9	9-9,9	10-10,9	11-11,9	12-12,9	13-13,9	14-14,9	+ 15	Total
151	280	378	442	414	278	191	124	68	31	21	19	2397

#### QUADRO 17

Produtos alongados com retoque marginal/traços de utilização (TURM)

Largura (em mm)

- 4,9	5-5,9	6-6,9	7-7,9	8-8,9	9-9,9	10-10,9	11-11,9	12-12,9	13-13,9	14-14,9	+ 15	Total
41	105	192	243	244	167	111	75	46	13	13	13	1263

Mais do que uma normalização da utilização, os quadros acima apresentados (Quadros 16 e 17), traduzem, sobretudo, uma efectiva estandardização da produção.

Ao nível da produção de suportes alongados, na globalidade de clara feição microlítica, regista-se um pico destacado de presenças entre os 7 e os 8,9 mm de largura, seguido de perto pelos produtos com 6 mm (Fig. 47).

O número de efectivos com larguras compreendidas entre os 9 e os 9,9 mm tem, ainda, alguma representatividade que, de forma significativa, se perde nas classes seguintes.

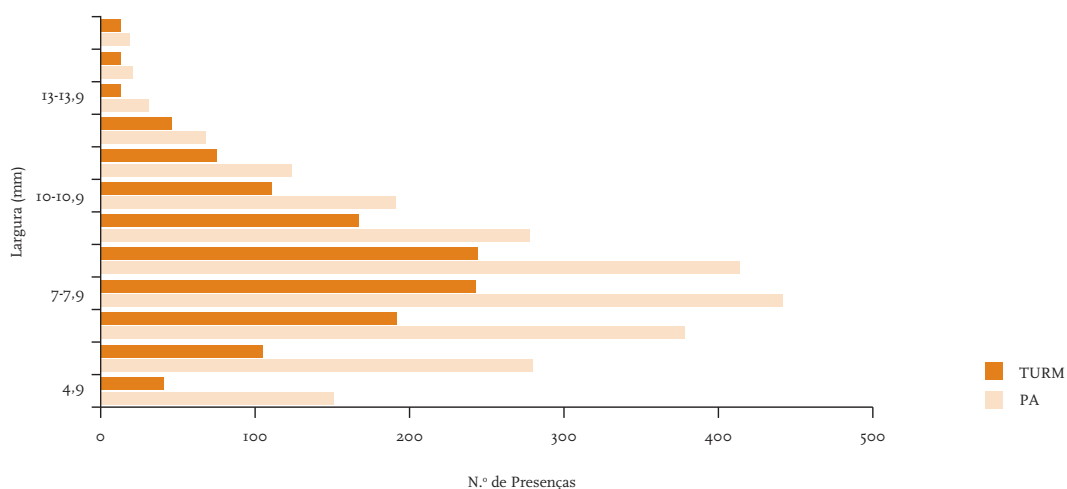


FIG. 47 - Relação das larguras de produtos alongados e de produtos com traços de utilização/retoque marginal.

Esta acentuada normalização que se verifica entre os produtos debitados não é seguida de forma tão nítida, no campo da utensilagem, uma vez que as peças com traços de utilização ou com retoque marginal apresentam, ao nível das larguras, uma maior continuidade de valores, e ainda que as classes mais representadas sejam também as dos 7 e 8 mm, não se constata uma selecção tão clara desta categoria de suportes como seria de prever.

Este elevado grau de estandardização não parece, por isso, uma característica exclusivamente relacionada com as funcionalidades específicas destes grupos de utensílios, mas traduz, sobretudo, a aplicação de algumas técnicas de talhe associadas à rentabilização das matérias-primas.

Parece, portanto, de admitir que peças com larguras, maioritariamente compreendidas, entre os 6 e os 9,9 mm podem ter desempenhado funções similares, uma vez que associam a pequenas diferenciações métricas o mesmo padrão de retoque ou desgaste dos bordos, e dos fios activos.

A possibilidade de terem integrado instrumentos compósitos não é de excluir, atendendo a que estas milimétricas oscilações não deviam comprometer o funcionamento final do artefacto.

### QUADRO 18

Produtos alongados – espessura (mm)

- 1	1-1,9	2-2,9	3-3,9	4-4,9	+ 5	Total
51	1085	932	234	56	39	2397

### QUADRO 19

Produtos alongados com retoque marginal/traços de utilização – espessura (mm)

- 1	1-1,9	2-2,9	3-3,9	4-4,9	+ 5	Total
32	608	470	111	22	20	1263

No campo das espessuras, o padrão de produção está fundamentalmente circunscrito a duas classes, entre 1-1,9 e 2-2,9 mm, que integram mais de 84% das presenças (Quadro 18).

As peças com retoque marginal ou traços de utilização acompanham esta tendência global provindo de forma equilibrada de qualquer destas categorias (Quadro 19).

Se a regularidade das espessuras é ao nível do encabamento de peças um elemento determinante, uma variação da ordem de 1-2 mm, não parece, no entanto significativa, uma vez que a aplicação de substâncias resinosas para fixação do material lítico podia colmatar pequenos espaços livres.

No entanto, produtos cujas espessuras ficam aquém, ou para além, destas categorias foram também utilizados e, por vezes, em percentagens muito expressivas, quer se tratem de peças nitidamente delgadas, quer de material que, no conjunto, pode ser classificado como espesso.

Se a estratégia de produção não estava orientada para a obtenção deste tipo de suporte e sendo pouco numerosas as extracções com espessuras superiores a 4 mm, estas apresentam taxas de utilização idênticas às dos produtos provenientes das classes de espessura dominantes.

Tal como acontecia com a padronização das larguras, a produção sistemática de produtos de reduzida espessura é uma das estratégias mais eficazes para rentabilização da matéria-prima, ao conseguir um máximo de fio cortante com um menor dispêndio de massa.

Em contextos do Neolítico antigo, a obtenção de produtos alongados e pouco espessos, eventuais “elementos de foice” está também associada à sistemática, e intencional, fracturação dos suportes.

No conjunto dos materiais recolhidos na Valada do Mato, uma das características que imediatamente ressalta, mesmo de uma observação pouco detalhada, é a do estado fragmentado dos produtos debitados, com destacada excepção das lascas que permanecem em perto de 50% dos casos intactas. No campo das peças lâmino/lamelares esta percentagem desce para cerca de 5% (Quadro 20).

#### QUADRO 20

Estado dos produtos alongados

Inteiro	Fragmentos	Total
134	2264	2398

#### QUADRO 21

Técnicas de fragmentação

Percussão	Flexão	Dupla	Micro-buril	Não identificável	Total
195	752	45	194	1077	2263

Se este valor se podia, em parte, justificar pela fragilidade inerente a produtos alongados e pouco espessos, o reconhecimento, num número muito elevado de exemplares, de estigmas associados a fracturações intencionais traduz a existência de outras causas que não exclusivamente as de ordem pós-deposicional (Quadro 21).

A flexão, amplamente constatada, é a técnica de fragmentação dominante, tal como acontece em outros conjuntos líticos do Neolítico antigo peninsular.

Se parece, configurado um cenário compatível com o emprego destas peças com traços de utilização ou retoque marginal obtidas a partir de produtos alongados com larguras da ordem dos 6 a 9,9 mm, e espessuras compreendidas entre 1 e 2,9 mm, intencionalmente segmentados por flexão, como “elementos de foice”, a ausência, no sítio, de indicadores directos de actividades agrícolas, levou a que fossem tentadas outras vias que permitissem uma aproximação mais efectiva à funcionalidade admitida para estes utensílios.

A realização de análises traceológicas sobre um pequeno grupo de produtos alongados, 3 lâminas e 29 lamelas, permitiu, em parte, confirmar esta possibilidade. Em três peças foi

identificado um brilho intenso e de aspecto “gorduroso”, idêntico ao produzido pela ceifa de cereais. “O micropolimento estende-se paralelamente ao gume, pelo que seguramente estamos perante peças encabadas em cabos rectos.” (Gibaja et al., 2002, p. 221).

No entanto, a reduzida dimensão da amostra observada e o número de peças que terão estado efectivamente associadas ao processamento de vegetais, sejam estes domésticos ou silvestres, coloca algumas reservas ao estabelecimento de uma associação directa entre estes produtos, na essência, polivalentes e as práticas produtivas ou recolectoras.

No campo da utensilagem retocada destaca-se, ainda, o grupo dos geométricos, que representam cerca de 10% da utensilagem total, mas que atingem os 28% entre o material retocado. Tradicionalmente classificados como pontas de projectil foram, depois do decisivo artigo de David Clarke (1978) sobre o Mesolítico europeu, também interpretados como “elementos de foice”, e como indicadores indirectos do peso dos alimentos de origem vegetal, entre os grupos de caçadores-recolectores do pós-glaciar.

No entanto, nos últimos anos, a traceologia tem demonstrado que, e apesar de contadas excepções, os micrólitos geométricos não apresentam marcas de uso compatíveis com o processamento de vegetais, mas, ao contrário, exibem traços nítidos de funcionamento enquanto armaduras de caça.

As observações traceológicas realizadas sobre alguns geométricos da Valada do Mato confirmaram esta modalidade de utilização. De entre os 81 segmentos analisados, 42 apresentavam fracturas de impacto decorrentes do seu emprego como projecteis (Gibaja et al., 2002, p. 222).

O grupo dos geométricos inclui diferentes tipos morfológicos. Foram recuperados triângulos (6), trapézios (26) e segmentos (173), ainda que as diferentes percentagens em que estes ocorrem sejam esclarecedoras da importância relativa destes subtipos (Fig. 48).

A presença de triângulos é meramente pontual, e entre os geométricos constituem o único grupo para o qual se utilizou, de forma sistemática, uma rocha não siliciosa. De entre os seis triângulos recolhidos, três foram realizados sobre quartzito, dois sobre sílex e um sobre chert (Est. 7, n.ºs 11-15).

Trata-se de triângulos escalenos, alongados e de pequena base curta, obtidos por retoque abrupto directo. A reduzida importância que, quantitativamente, assumem no campo dos geométricos ditou a sua exclusão das análises de pormenor de que foram alvo trapézios e segmentos, dada a dificuldade em definir orientações gerais numa população de apenas seis indivíduos.

Os trapézios, apesar de ocorrerem numa percentagem reduzida, cerca de 13%, quando confrontada com a dos segmentos, constituem um grupo que deve ser destacado (Est. 7, n.ºs 16-25).

Trata-se de trapézios simétricos, com truncaturas globalmente rectilíneas, e alguns destes exemplares ainda que possuam dimensões que não se coadunem perfeitamente com as estabelecidas para as armaduras transversais podem ter pertencido a esta categoria, uma vez que se regista sobre a superfície dorsal de algumas destas peças, um retoque ou esquirolamento plano e invasor, muito frequente nas flechas transversais.

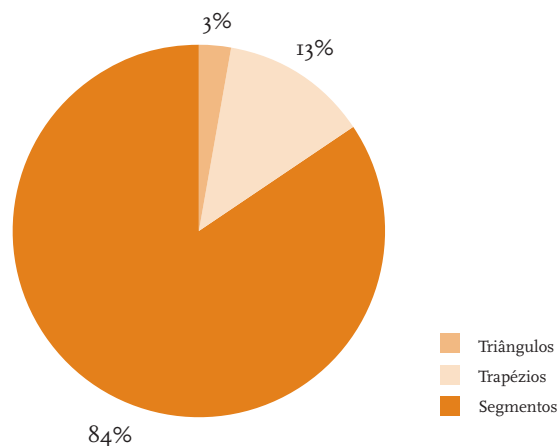


FIG. 48 - Tipos de micrólitos geométricos.

O conjunto dos geométricos é, claramente, dominado pelos segmentos simétricos, que atingem os 84% dos efectivos, e que apresentam um elevado índice de standartização morfológica (Est. 8).

Em termos globais, o grupo dos geométricos é configurado por retoque abrupto, registado em 99% dos exemplares e, por norma, directo como se verifica em 86% das peças. Um segmento foi obtido por retoque semi-abrupto, e em dois trapézios está presente o retoque em duplo bisel que, sendo um traço próprio da tecnologia lítica dos grupos cardiais, não tinha ainda sido registado em qualquer sítio no território português.

Ao contrário dos “elementos de foice”, produzidos a partir de produtos intencionalmente segmentados por flexão ou percussão, as armaduras geométricas foram obtidas por fracturação dos suportes alongados através da técnica do microburil.

A utilização deste processo tradicional de segmentação (técnica do microburil), para a realização de utensílios também tradicionais (geométricos) parece, assim, contrastar com o emprego de outras técnicas (flexão) para a produção das novas utensilagens (“elementos de foice”).

Ainda que o número de microburis (192) seja um pouco inferior ao dos geométricos (205), a sua presença não deixa, sobretudo se se considerarem as condições de deposição destes materiais, de apresentar uma absoluta concordância, o que permite afirmar que esta técnica foi, sistematicamente, utilizada na produção deste tipo de micrólitos (Est. 7, n.ºs 1-10).

A análise dos quadros (Quadros 22 e 23), onde se registam as larguras e espessuras dos produtos finais e dos subprodutos demonstra uma total compatibilidade entre os valores. A técnica do micro-buril terá sido empregue quer para obter segmentos quer para obter trapézios, apesar destes dois tipos apresentarem algumas variações ao nível da selecção dos suportes utilizados.

#### QUADRO 22

Largura conservada – segmentos (em mm)

3-3,9	4-4,9	5-5,9	6-6,9	7-7,9	8-8,9	9-9,9	10-10,9	11-11,9	12-12,9	13-13,9	Total
7	39	79	29	14	3	2	–	–	–	–	173

#### QUADRO 23

Largura\* – trapézios (em mm)

3-3,9	4-4,9	5-5,9	6-6,9	7-7,9	8-8,9	9-9,9	10-10,9	11-11,9	12-12,9	13-13,9	Total
–	–	1	2	3	4	6	5	2	2	1	26

\* medida entre as duas bases não retocadas)

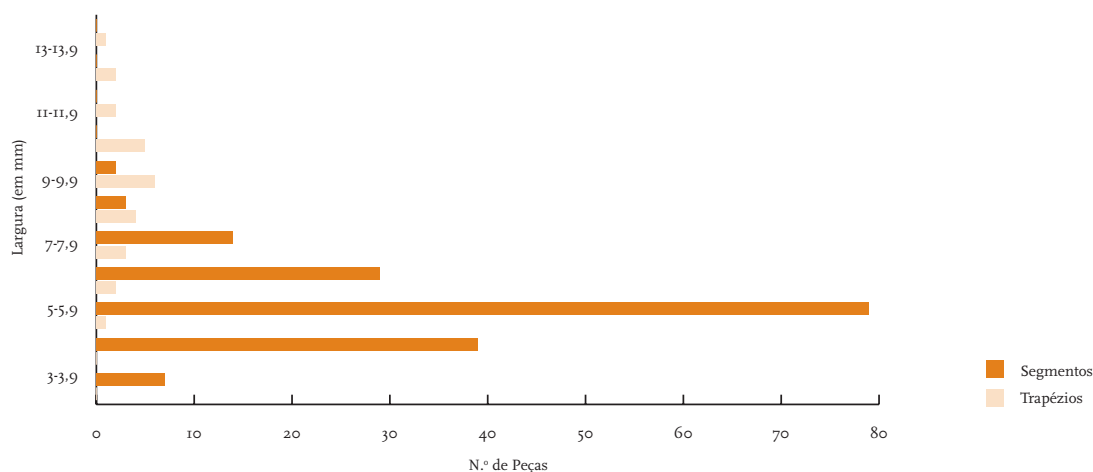


FIG. 49 – Larguras comparadas de Trapézios e Segmentos.

Ainda que o pequeno número de trapézios recuperados imponha algumas reservas às conclusões que podem ser retiradas da observação dos quadros, detecta-se, no entanto, a existência de duas tendências subjacentes à produção destes dois tipos de armaduras.

Se ao nível da largura dos utensílios essa diferenciação é nítida, com os segmentos a apresentarem um máximo destacado de presenças entre os 5 e os 5,9 mm, e os trapézios entre os 9 e os 9,9 mm, ela torna-se, no entanto ainda mais evidente, e como acontece com as espessuras, se observarmos as medidas extremas (Fig. 50).

Existem, ainda com um número significativo de presenças, segmentos com larguras compreendidas entre os 3 e os 4,9 mm, mas não se regista qualquer trapézio com essas dimensões, ao contrário, não existem segmentos cuja largura ultrapasse os 9,9 mm, enquanto que, no campo dos trapézios cerca de 39% das peças apresentam larguras compreendidas entre os 10 e os 13,9 mm.

Esta diferenciação métrica verifica-se, também, ao nível das espessuras (Quadros 24 e 25). Os segmentos delgados, com espessuras entre 1 e 1,5 mm, representam apenas 9% do conjunto, enquanto que entre os trapézios cerca de 20% do conjunto integra essa classe. Parte importante dos segmentos pode classificar-se como espessa, cerca de 23% apresenta uma espessura superior a 2,6 mm, ao passo que, apenas, cerca de 7,5% dos trapézios integram essa categoria (Fig. 50).

#### QUADRO 24

Espessura – segmentos (mm)

1-1,5	1,6-2	2,1-2,5	2,6-3	+ 3	Total
16	54	63	24	16	173

#### QUADRO 25

Espessura – trapézios (mm)

1-1,5	1,6-2	2,1-2,5	2,6-3	+ 3	Total
5	8	11	1	1	26

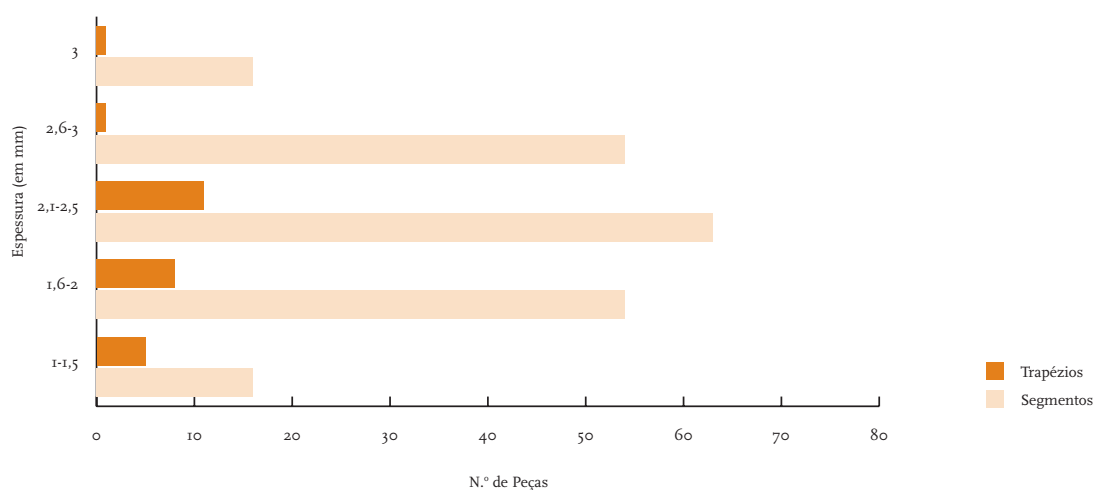


FIG. 50 – Espessuras comparadas de Trapézios e Segmentos.

Se, ao nível da largura dos suportes escolhidos não é possível constatar esta disparidade, uma vez que o retoque integral nos segmentos atingiu de forma definitiva a peça de base,

cuja dimensão original não pode ser reconstituída, a espessura, que nestes casos permaneceu intacta após retoque, demonstra a opção por produtos distintos para o fabrico de segmentos e de trapézios.

Cruzando os dados provenientes da largura e espessura torna-se claro que o objectivo consistia na produção de segmentos estreitos e espessos, e de trapézios relativamente largos, mas delgados.

A classificação tipológica traduz, neste caso, não só diferenças formais, que se obtêm por retoque, mas efectivas diferenciações morfométricas entre utensílios que funcionam como armaduras, mas que possuíram, no mesmo ou em diferentes artefactos, funcionalidades específicas diferenciadas, e que podem estar relacionados com distintas técnicas de encabamento em artefactos eventualmente especializados e/ou com diferentes tipos ou técnicas de caça que, neste momento, ainda não se encontram definidas.

### QUADRO 26

#### Largura – micro-buris (mm)

3-3,9	4-4,9	5-5,9	6-6,9	7-7,9	8-8,9	9-9,9	10-10,9	11-11,9	12-12,9	13-13,9	Total
1	8	18	40	52	34	25	5	6	1	1	192

### QUADRO 27

#### Espessura – micro-buris (mm)

- 1	1-1,9	2-2,9	3-3,9	+4	Total
1	69	103	17	2	192

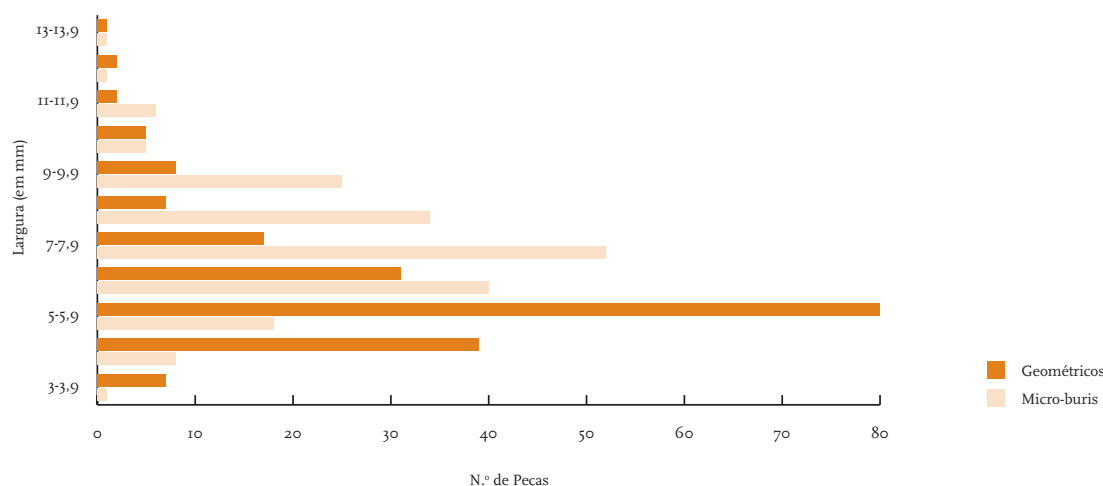


FIG. 51 - Larguras comparadas de Geométricos e Micro-buris.

A análise do quadro da largura dos micro-buris (Quadro 26), em contraste com a dos geométricos (Fig. 51), demonstra uma relativa dispersão de presenças onde, ao contrário do que acontecia com as larguras dos segmentos, não se destaca qualquer grupo de medidas.

A transformação do suporte, definitiva no caso dos segmentos, permitiu a selecção de produtos com largura variável que adquirem depois, através do retoque, dimensões normalizadas.

O pico de presenças que os segmentos apresentam, entre os 5-5,9 mm, resulta da utilização, confirmada no quadro dos micro-buris, de lamelas de 7, 8 e até 9 mm de largura, o que aliás coincide com as larguras preferenciais dos produtos debitados.

Ainda que sejam escassos os micro-burís com larguras superiores a 10 mm, o seu número é absolutamente compatível com o apresentado pelos trapézios de maiores dimensões.

Também ao nível das espessuras (Quadro 27 e Fig. 52), é evidente a sobreposição dos valores apresentados quer pelos diferentes tipos de geométricos, quer pelos restos do seu fabrico.

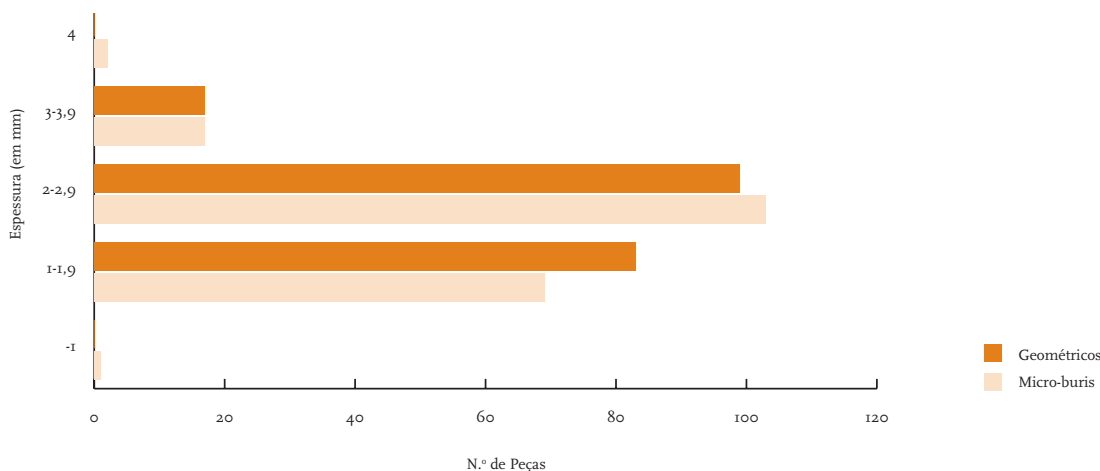


FIG. 52 - Espessuras comparadas de Geométricos e Micro-burís.

A categoria das armaduras completa-se com o grupo das lamelas de dorso abatido (Est. 6, n.<sup>os</sup> 1-4), obtidas por retoque abrupto, quase sempre directo. Recolhidas em pequeno número, apenas 18 exemplares, levantam alguns problemas de classificação uma vez que os seus segmentos mesiais são dificilmente distinguíveis das partes mesiais dos segmentos. A pouca frequência deste tipo de utensílios foi também registada em outros contextos do Neolítico antigo, no território português.

Numa leitura global da indústria de pedra lascada, as restantes categorias tipológicas destacam-se, sobretudo, pela relativa escassez de efectivos.

A diminuição brusca, face aos contextos mesolíticos, do número de raspadeiras, raspadores e burís, é um traço próprio das primeiras sociedades produtoras, que perante outras necessidades efectivas, ou outro instrumental capaz de realizar múltiplas tarefas, parecem ter investido menos na cuidadosa e tipificada conformação, por retoque, dos suportes disponíveis.

Esta utensilagem “do fundo comum” foi, na Valada do Mato, obtida a partir de suportes intencionalmente debitados e de volumes não estandardizados, na maioria dos casos transformados por retoque abrupto ou semi-abrupto, quase sempre directo.

No conjunto dos entalhes e denticulados (Est. 5, n.<sup>os</sup> 7-9 e n.<sup>os</sup> 10-13), regista-se uma tendência para a configuração de pequenas concavidades, isoladas ou contíguas, que mais exactamente podiam ser definidas como micro-entalhes ou micro-denticulações.

As reduzidas dimensões apresentadas por alguns destes utensílios faz supor, e como se admitiu para parte importante do material que apresenta retoque marginal ou traços de utilização, que teriam sido utilizados após encabamento.

Merece, no entanto, comentário o grupo dos furadores, que com os segmentos e as peças de retoque marginal ou traços de utilização, são presenças sistemáticas entre as utensilagens líticas dos grupos do Neolítico antigo, e que devem ter substituído o buril enquanto instrumento perfurante.

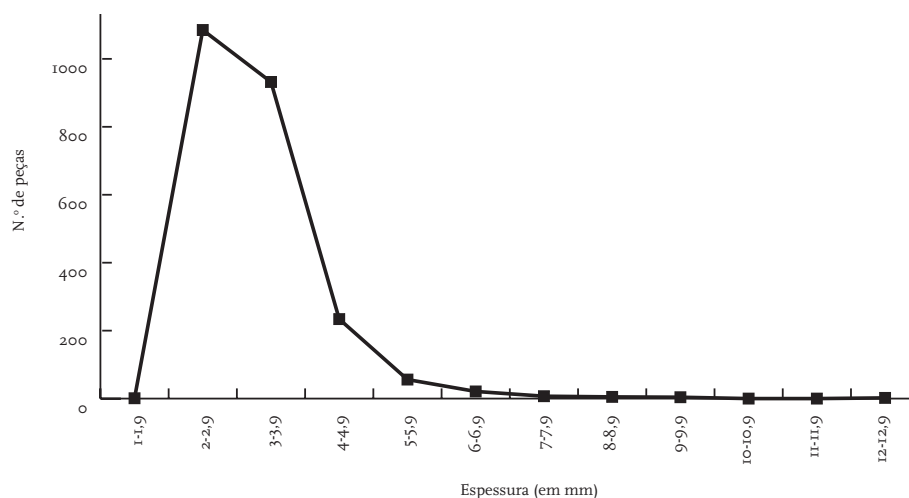


FIG. 53 - Espessura dos produtos alongados.

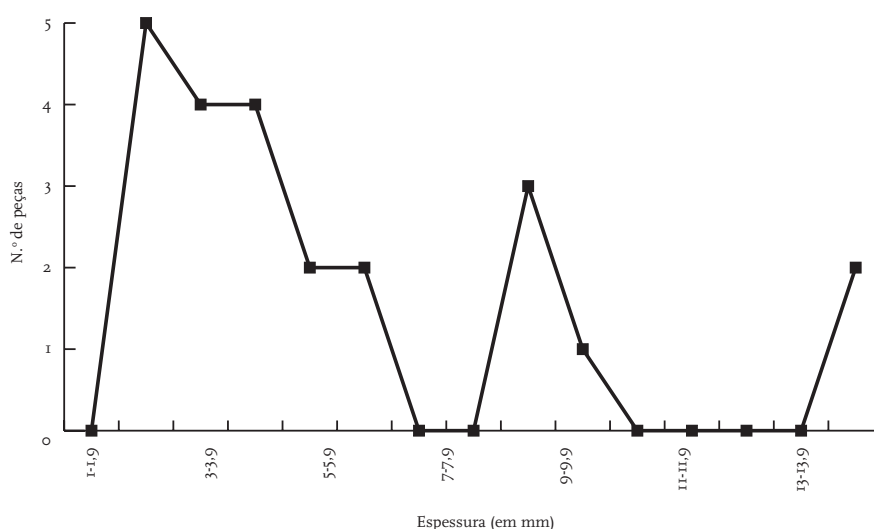


FIG. 54 - Espessura dos Furadores.

Entre os furadores é, sobretudo, de destacar a escolha de suportes robustos como base desta utensilagem (Figs. 53 e 54). De entre 22 furadores, 15 foram configurados a partir de produtos alongados e espessos, classe pouco numerosa no conjunto (Est. 6, n.ºs 10-14), como é visível a partir da análise das Figs. 53 e 54.

No entanto, a funcionalidade específica desta categoria de instrumentos não pôde ser definida, uma vez que o intenso “lustre de solo” detectado no material lítico da Valada do Mato afectou os estigmas de funcionamento que pudessem estar conservados na superfície das peças.

#### *Modalidades de condução da debitagem: métodos e técnicas de talhe*

Na Valada do Mato, a debitagem foi orientada em função de objetivos metodológica e tecnicamente interligados: rentabilização máxima da matéria-prima disponível-obtenção de produtos alongados de dimensões reduzidas e estandardizadas (Tixier, 1984a).

Analisando os produtos debitados, o material de preparação/reavivamento, os núcleos abandonados e os subprodutos de talhe, numa reconstituição mental das cadeias operatórias

presentes, detecta-se o emprego de diferentes métodos e técnicas de talhe que foram indistintamente aplicados ao grupo das rochas siliciosas e ao grupo dos quartzos.

A observação dos últimos levantamentos realizados sobre os núcleos faz admitir que, apesar de algumas excepções que adiante serão apresentadas, se está perante “cadeias integradas” que permitem, em distintos momentos de exploração dos volumes, obter diferentes morfotipos, numa estratégia globalmente orientada para a produção de suportes lamelares (Fig. 55).

As primeiras etapas da debitagem, relacionadas com a descorticação dos blocos e nódulos, estão insuficientemente documentadas no sítio, dada a registada escassez de peças corticais. Esta fase ter-se-á, portanto, desenrolado no exterior do povoado em contextos ainda não identificados.

No sítio, e depois de uma sumária extracção de pequenas lascas ou produtos alongados corticais ou semi-corticais que removem o córtex ainda presente, e note-se a raridade de talões corticais, que representam apenas 3,5% do conjunto, deu-se início à exploração, e configuração, dos núcleos através da obtenção de lascas não corticais, de talão liso e superfícies dorsais, por vezes, muito irregulares.

Ainda que os talões lisos possam provir de outras etapas da debitagem, a importância que estes assumem entre as lascas, onde atingem os 59% pode, em parte, relacionar-se com uma primeira fase de exploração dos volumes em que se obtêm, a partir de plataformas não preparadas, este tipo de produtos (Fig. 56).

Durante esta etapa inicial, deve ter sido utilizado o percutor duro em percussão directa, o que terá dado origem a algumas lascas que exibem grande talão, bolbo pronunciado e ondas de percussão salientes.

Após este momento, e pelo menos em parte dos núcleos, a preparação das superfícies de debitagem terá recorrido à formação de cristas e à criação de arestas-guia. O número de peças de crista integral, de sílex (25), sendo significativamente menor que o número de núcleos

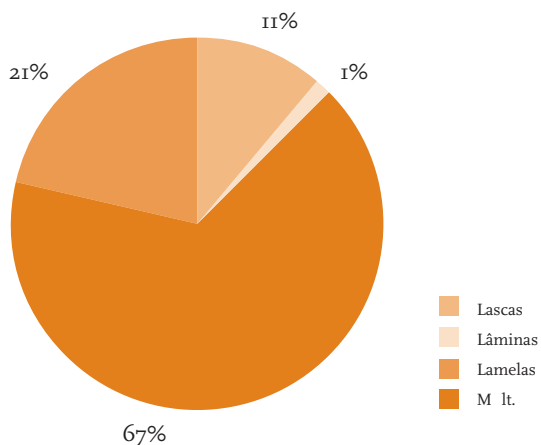


FIG. 55 - Núcleos - morfologia das extracções.

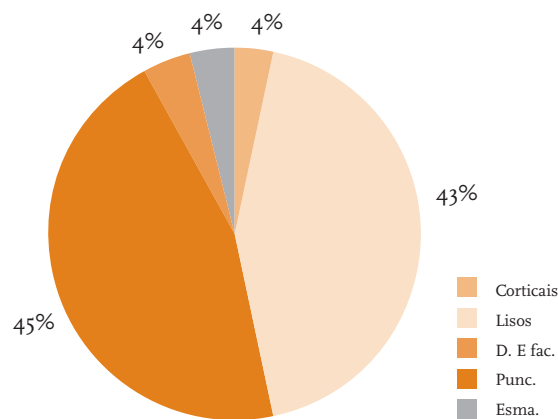


FIG. 56 - Estado dos talões.

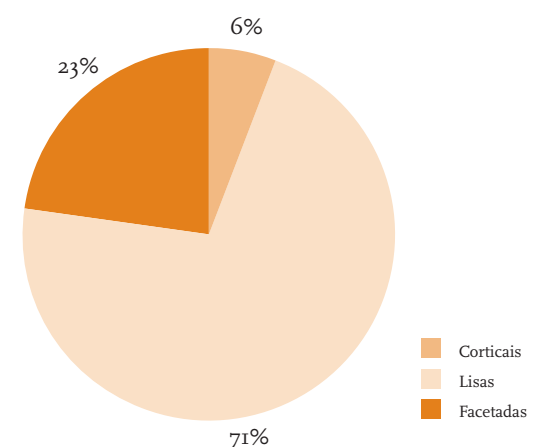


FIG. 57 - Núcleos - estado das plataformas de debitagem.

dessa matéria-prima permite, no entanto admitir o emprego frequente dessa estratégia na configuração de volumes de rochas siliciosas.

Algumas plataformas de talhe são, em seguida, minuciosamente facetadas. Ainda que no momento de abandono dos núcleos dominem as plataformas lisas que atingem os 71%, a análise dos talões diedros e facetados que representam 45% do conjunto, e das superfícies dorsais das tablettes de reavivamento, demonstram a importância deste tipo de preparação nos momentos plenos do talhe (Fig. 57).

Ao nível das fases plenas e finais da debitação reconhece-se a presença de, pelo menos, três métodos principais de talhe, já identificados em outras indústrias do Neolítico antigo (Carvalho, 1998a, p. 78), designadamente: prismático, bipolar e aleatório (Fig. 58).

O emprego do método aleatório está documentado sobre núcleos de forma geral globular, a partir dos quais foram, exclusivamente, extraídas pequenas lascas ou esquirolas, e onde não se identifica qualquer orientação preferencial da debitação (Est. 2, n.º 3).

Este tipo de núcleos, que surge em número muito reduzido, apresenta, no momento de abandono, dimensões de tal forma diminutas que parece traduzir, mais do que a presença de uma modalidade de talhe recorrente, um aproveitamento final de volumes anteriormente debitados por outros processos. Segundo os tecnólogos este tipo de núcleos seria explorado através de percussão directa (Tixier et al., 1980, p. 42-43).

Uma importância reduzida apresenta também, o talhe bipolar que constituiu, por norma, uma outra estratégia de aproveitamento “integral” da matéria-prima disponível. Ainda que, no sítio, tenha sido recuperado um número significativo de pequenas bigornas de quartzo ou quartzito, apenas sete núcleos apresentam estigmas compatíveis com o talhe, por percussão directa, assente em pedra dura (Est. 4, n.ºs 7-9).

Trata-se quer de pequenos volumes, fusiformes, de secção transversal poliédrica e extremidades convergentes, quer de pequenos suportes sub-rectangulares que exibem a partir de duas extremidades esquirolamentos, por vezes bifaciais (Carvalho, 1998a, p. 87).

A partir destes núcleos foram obtidas pequenas lamelas, ou esquirolas alongadas, cujas reduzidas dimensões são, no entanto, conformes aos últimos levantamentos produzidos segundo o método prismático.

Este último método possui um peso destacado no conjunto, de entre 80 núcleos que puderam ser classificados de acordo com uma forma-tipo, 69 são núcleos, ou fragmentos de núcleos prismáticos, e em 63 foram, exclusivamente, debitadas lamelas (Est. 1).

De entre estes núcleos prismáticos, foi possível, em 64, estabelecer o número e a disposição das plataformas de talhe: 45 apresentam uma só plataforma, 9 apresentam duas plataformas ortogonalmente dispostas, e 6 apresentam duas plataformas opostas. Em quatro núcleos identificaram-se múltiplas plataformas de talhe.

A reorientação dos eixos de debitação não implicou, todavia, alterações ao nível da morfologia dos produtos debitados. De entre 19 núcleos, que apresentam mais do que uma plataforma de talhe, 18 apresentam apenas negativos de extracções lamelares.

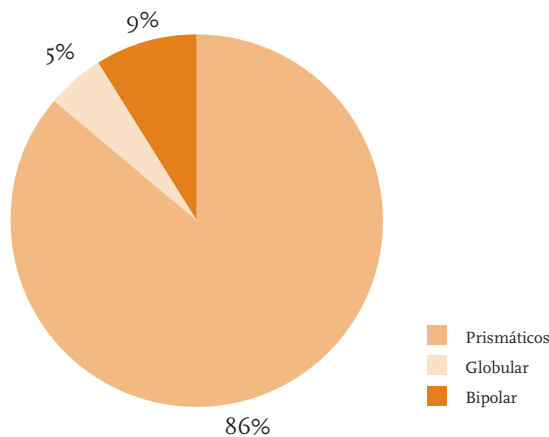


FIG. 58 - Núcleos - métodos de exploração.

A manutenção destes núcleos produziu um número importante de material de reativamento e correcção, quer das plataformas de talhe, quer das superfícies de debitage. A supressão das cornijas, deixadas pelos contra-bolbos dos levantamentos anteriores que impede o prosseguimento das extracções, fez-se recorrendo à remoção de tablettes, o que terá produzido, no decurso da debitage, plataformas não preparadas, das quais podem provir os produtos alongados de talão liso.

A supressão de flancos de núcleo, e de lascas que apresentam imperfeições ao nível da matéria-prima, bem como a criação de neo-cristas e a supressão dos *piramidius*, constituem um claro indicador da importância das tarefas de conservação destes volumes no desenrolar da debitage (Est. 4, n.ºs 12-15).

No campo das técnicas empregues para exploração destes núcleos, a interpretação dos dados levanta algumas questões, uma vez que morfotipos semelhantes e estigmas de talhe idênticos podem provir da aplicação efectiva de técnicas diferenciadas.

No conjunto, a debitage por pressão parece a técnica mais claramente referenciada.

A extrema regularidade dos últimos levantamentos lamelares exibida por alguns núcleos, de muito pequena dimensão, e o aspecto “canelado” que estes apresentam, constituem os mais seguros indicadores do recurso a este processo de talhe.

Outros indícios (sintetizados por Tixier et al., 1980; Tixier, 1984b), associados ao talhe por pressão, estão registados no conjunto. A importância de entre os núcleos prismáticos daqueles que exibem apenas uma plataforma de talhe, a relativa frequência dos núcleos piramidais, em número de 18, o número elevado de acidentes por ultrapassagem, registado em 102 produtos, e a remoção dos *piramidius* são outros indicadores, por regra associados, ao talhe por pressão.

Nos produtos alongados, as ondas de percussão são, na grande maioria dos casos, não visíveis. Cerca de 64% dos efectivos encontram-se nestas circunstâncias, o que constitui um outro indício do recurso a esta técnica de talhe (Fig. 59).

Esta técnica que requer matérias-primas de grande aptidão para o talhe, e um importante investimento na preparação e manutenção dos núcleos permite, pelo controle do ponto de pressão e do volume debitado, obter produtos standartizados, de perfil direito e espessura constante e, portanto, explorar ao máximo as massas líticas existentes (Quadro 28).

No entanto, a presença de núcleos prismáticos com mais de uma plataforma de talhe e a importância dos bordos não paralelos, e das nervuras irregulares, aponta para a utilização, no sítio, de outras técnicas para além da pressão (Quadros 29 e 30).

### QUADRO 28

#### Produtos alongados – perfil\*

Direito	Côncavo	Torcido	Total
1241	723	117	2081

\* Descrito a partir dos segmentos mesiais dos produtos alongados.

### QUADRO 29

#### Produtos alongados – nervuras\*

Paralelas	Convergentes	Divergentes	Biconvexas	Irregulares	Total
522	224	114	9	127	996

\* Descritas a partir dos segmentos mesiais dos produtos alongados de secção trapezoidal.

### QUADRO 30

#### Produtos alongados – morfologia dos bordos\*

Paralelos	Convergentes	Divergentes	Biconvexos	Irregulares	Total
812	256	321	52	640	2081

\* Descrita a partir dos segmentos mesiais dos produtos alongados)

### QUADRO 31

#### Produtos alongados – secção

Triangular	Trapezoidal	Outra	Total
1012	996	389	2397

A reorientação do eixo de lascagem, que produz núcleos com plataformas opostas, ortogonais ou múltiplas não é, segundo os dados obtidos em talhe experimental, compatível com a debitagem por pressão.

Em simultâneo, e ainda que as peças de bordos convergentes, ou biconvexos, possam provir de núcleos piramidais aos quais se aplicou a pressão, o número de peças com bordos irregulares e a presença em núcleos prismáticos para lamelas de últimas extracções de morfologia irregular sugere o emprego de outras técnicas, nomeadamente a da percussão indirecta.

Alguns dos estigmas característicos da percussão indirecta (Carvalho, 1998a), estão bem representados no conjunto, designadamente, os talões lisos e de pequena dimensão, e os bolbos diminutos, mas claramente pronunciados no perfil da peça (Fig. 60).

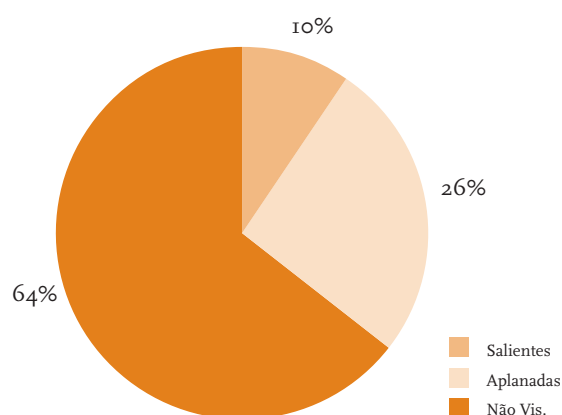


FIG. 59 – Ondas de percussão.

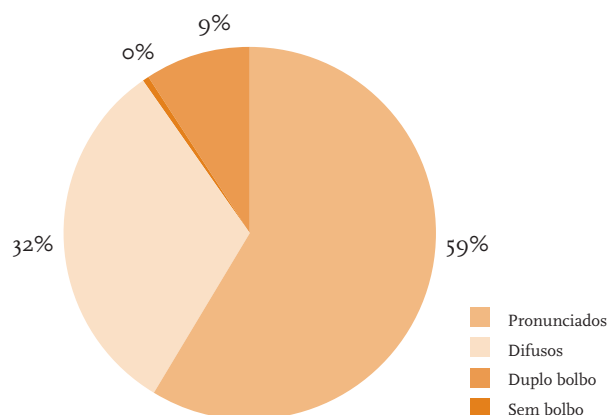


FIG. 60 – Bolbos.

Outros indicadores, como sejam os talões de perfil côncavo, e pontos de impacto visíveis, estão menos representados nesta indústria.

Se alguns núcleos prismáticos terão sido, até ao momento do seu abandono, deitados por pressão, situação verificada em exemplares de matéria-prima de extraordinária qualidade, outros devem ter sido sujeitos a uma “ (...) mise en forme par percussion souvent indirecte, optimum du débitage par pression, remise en forme ou transformation par percussion (...). (Binder, 1984, p. 74).

A utilização de técnicas diferenciadas parece ocorrer em distintos momentos da exploração dos mesmos volumes, não estando, portanto, especificamente associadas a distintas cadeias operatórias.

No entanto, e analisando o gráfico da Fig. 61 onde se combinam larguras e espessuras de produtos alongados não são perceptíveis concentrações significativas que se possam correlacionar com o emprego destas diferentes técnicas, registando-se, ao invés, uma continuidade, ainda que, dentro de um campo restrito de dimensões.

Esta continuidade parece, arqueologicamente, demonstrar, como referem os modernos talhadores, a sobreposição dos padrões morfométricos dos produtos obtidos a partir da aplicação de diferentes técnicas de talhe (Gallet, 1997, p. 52).

A par da debitagem por pressão está amplamente documentado, nesta indústria, o recurso ao tratamento térmico, que em território português surge sistematicamente associado ao talhe da pedra no Neolítico antigo, e que está representado em cerca de 23% das peças (Quadro 32).

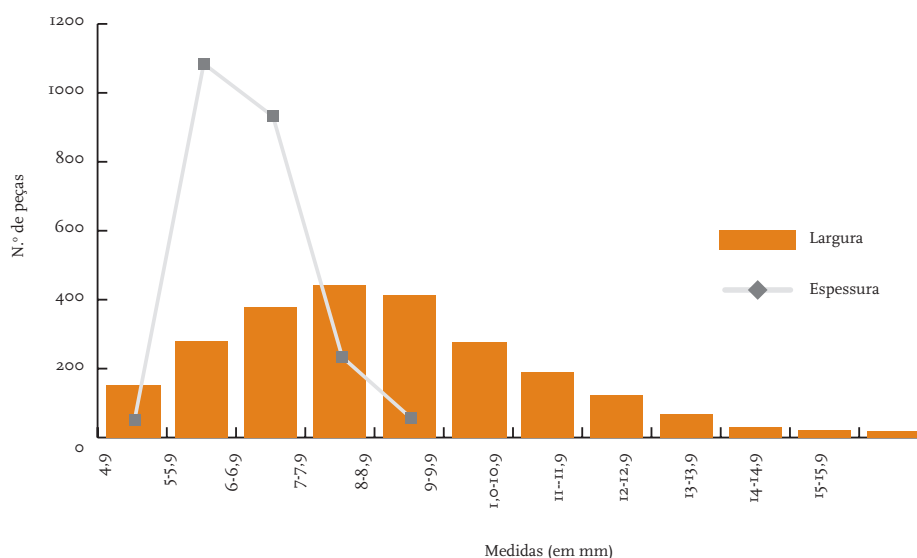


FIG. 61 - Relação larguras/espessuras dos produtos debitados.

O brilho característico produzido por este aquecimento intencional do material, e que se conserva em núcleos, em produtos, e subprodutos das fases iniciais ou plenas da debitagem, distingue-se com clareza de outras alterações térmicas não controladas como sejam as perdas de massa (*potlid*) e os estalamentos das superfícies (*crazing*) (Hiscock, 1997).

### QUADRO 32

#### Marcas de calor – produtos e subprodutos de debitagem

Tratamento térmico	<i>Potlid</i>	<i>Crazing</i>
1298	219	105

Ao nível dos núcleos, o tratamento térmico está documentado em 49 peças.

É, ainda, de referir que o tratamento térmico, aparentemente não praticado pelos grupos de caçadores-recolectores do pós-glaciar, no território português, está documentado em 59 micro-burris, numa clara demonstração da simbiose operada entre antigas técnicas e novos procedimentos (Foto 26).

O tratamento térmico não está associado a qualquer tipo de método, técnica ou utensílio em particular, tendo sido frequentemente utilizado uma vez que, e como tem demonstrado a arqueologia experimental, o seu emprego facilita a condução da debitagem.

### 5.1.5. *A indústria de talhe da pedra: uma leitura sintética*

Durante a ocupação neolítica da Valada do Mato, os condicionalismos impostos pela geologia da região, nomeadamente a ausência de matérias siliciosas foram culturalmente ultrapassados através da obtenção, directa ou a partir de redes de troca, de pequenos volumes de matéria-prima, introduzidos no sítio total, ou parcialmente, descorticados.

A condução da debitagem visava a produção de produtos alongados de dimensões normalizadas, que constituíram os suportes da utensilagem retocada e da utensilagem expedita, e decorreu num quadro globalmente orientado para a exploração máxima das matéria-primas disponíveis, sejam estas locais ou alóctones.

A selecção do sílex, que não se encontra disponível na área, como matéria-prima preferencial, terá ditado o recurso a distintos métodos e técnicas de talhe que permitem uma rentabilização efectiva das massas exploradas, e que se aplicam, também, a outras rochas locais.

Esta estratégia tem sido, aliás, reconhecida em outras indústrias do Neolítico antigo do Sul de Portugal, que foram objecto de análises tecno-tipológicas (Carvalho, 1998a, p. 90).

A indústria de pedra lascada recolhida na Valada do Mato não é uma indústria “regionalizada”, que apresente ao nível dos métodos, das técnicas e dos produtos finais uma adequação às matérias-primas disponíveis, mas ao contrário, e no que parece um claro indicador da personalidade transregional destes grupos, apresenta concordâncias estruturantes com indústrias de pedra lascada produzidas por comunidades do Neolítico antigo implantadas em outros pontos do Sul de Portugal.

Ao nível tipológico esta indústria apresenta as características próprias desta etapa, uma baixa representação de utensílios de fundo comum e a nítida importância dos produtos alongados com traços de utilização ou retoque marginal e das armaduras geométricas que devem estar respectivamente conectadas com as principais actividades de subsistência desenroladas a partir do sítio, o processamento de vegetais e a caça.

A análise detalhada das continuidades e rupturas que se detectam em relação a etapas crono-culturais anteriores, e as semelhanças e diferenças que se registam face a conjuntos contemporâneos será discutida em detalhe no capítulo 8.

## **5.2. Materiais de pedra polida, afeiçoada e com traços de utilização. Manuportes e diversos**

---

### 5.2.1. *Preâmbulo*

Enquanto nova etapa (pré-)histórica, o Neolítico devia caracterizar-se pelo aparecimento, mais ou menos súbito e sincrónico, de um conjunto amplo de inovações, em que se destacavam, no campo artefactual, os materiais de pedra polida, utilizados para designar este episódio cultural, e os artefactos cerâmicos.

O polimento da pedra constitui uma das componentes essenciais do clássico pacote dos primeiros grupos produtores, e os materiais que daí resultam funcionam como um elemento diagnóstico dos processos de transformação cultural associados à neolitização dos diferentes territórios. No espaço peninsular, a origem exógena desta técnica não foi nunca discutida. A pedra polida faz parte do leque de elementos, que por difusão ou aculturação, atingem a Península e que marcam o início de uma nova fase cultural.

Os principais artefactos produzidos a partir desta técnica estão conectados com as actividades desenvolvidas no quadro dos novos sistemas produtivos, e associados quer à preparação dos campos, quer ao aproveitamento dos materiais daí resultantes.

De entre estes utensílios, os machados de pedra polida tendem a ser interpretados como uma ferramenta pesada de intervenção no meio natural, e a sua frequência um indicador da intensidade das práticas agrícolas, e da capacidade de um grupo em alterar os ecossistemas que explora.

Estes materiais estariam, assim, directamente relacionados com as desflorestações, ainda que pontuais, levadas a cabo pelos primeiros agricultores.

Perante esta equação, a escassez, ou ausência, de utensilagem polida, devia reflectir a pouca importância, ou mesmo o desconhecimento, das práticas agrícolas.

No sítio da Valada do Mato, como em outras ocupações do Neolítico antigo no território português, os materiais realizados segundo este procedimento técnico são, até ao momento, muito raros.

Ao contrário dos recipientes cerâmicos que conhecem, desde as fases iniciais do Neolítico, ampla produção, os artefactos de pedra polida parecem tornar-se frequentes, em sítios habitacionais, apenas, nos momentos terminais desta etapa cultural.

Estas classes de utensílios têm, por isso, sido tratadas em contextos mais tardios, sejam estes domésticos ou funerários, e o seu papel económico e/ou simbólico.

Os raros dados provenientes de contextos do Neolítico antigo têm, sobretudo, permitido confirmar a seriação crono-tipológica avançada, em 1951, pelo casal Leisner (1985), na qual atribuem ao Neolítico os machados de secção circular ou oval, de gume polido e corpo picotado, e ao Calcolítico, os de secção rectangular, integralmente polidos.

A presença destes instrumentos nos primeiros (?) espólios votivos megalíticos e a sua aparente exclusão dos, mal conhecidos, rituais funerários do Neolítico antigo, conferem-lhes, a partir do Neolítico médio, um significado simbólico, já registado (Gonçalves, 1992, p. 202), que parece decorrer da sua importância no mundo dos vivos, importância efectiva que não teriam em momentos anteriores.

O pequeno número em que surgem nos contextos do Neolítico antigo limita os autores a constatar a sua escassez e a discutir o seu, quase imperceptível, papel no quadro das actividades produtivas.

### *5.2.2. Características do conjunto: dimensão e condições de recolha*

Neste conjunto foi incluída a totalidade dos materiais de pedra polida, afeiçãoada ou com traços de utilização recolhidos no sítio da Valada do Mato, assim como um grupo diversificado de objectos líticos, sem sinais de uso evidente, mas que se consideraram culturalmente significativos. Estão nesta última categoria, não só alguns manuportos, mas também outros objectos cuja presença no sítio se admite intencional e, portanto, de registar.

A colecção constituída por um número diminuto de presenças, 108 objectos apenas, apresenta, no entanto, tipológica e funcionalmente, uma considerável diversidade interna, estando presentes quer instrumental acabado, quer utensilagem envolvida nos processos produtivos.

O material recuperado, e ao contrário do que se verifica nas restantes categorias artefactuais, provém, na sua maioria da U.E. 2/3. Ainda que não tenha sido possível identificar áreas funcionalmente especializadas, e que o estado de conservação da maior parte das peças indique que a vida útil destes utensílios já tinha terminado, o seu peso não terá per-

mitido importantes deslocações verticais, tendo-se, por isso, conservado próximo do nível de ocupação.

### 5.2.3. Critérios e objectivos da análise

A análise destes componentes da cultura material obedeceu, no essencial, aos pressupostos definidos aquando do estudo dos materiais de pedra lascada, ainda que especificidades próprias aos objectos em estudo tenham ditado uma apresentação distinta dos resultados.

Importava, também aqui, detectar a origem das matérias-primas utilizadas, definir o estatuto, local ou forâneo, da produção dos diferentes utensílios, classificá-los tipologicamente, e discutir as suas funcionalidades específicas.

Se a reduzida dimensão da amostra condicionou o discurso produzido, a diversidade tipológica dos utensílios recuperados contribuiu, de forma significativa, para o debate acerca da natureza desta ocupação neolítica.

Apesar do escasso número de presenças por classe artefactual, optou-se por construir, a partir das categorias apresentadas por V. S. Gonçalves (1989, p. 122-140), uma ficha descritiva para os materiais de pedra polida, outra para os de pedra afeiçãoada ou com traços de utilização, e uma última para os manportes e diversos (utilizada na descrição dos termoclastos), a partir das quais se pretendia recolher a informação para tratamento das seguintes alíneas:

#### 1. Identificação das matérias-primas e das áreas geográficas de origem das rochas

*e minerais utilizados* Sutiochas 05ir 989, p. ir db -1 defutiochas 05ir ex utiochas 05ir çalves (19e. 12acab da dos utrá

### QUADRO 33

#### Inventário geral

Utensilagem		Anfibolito	Granito	Quartzito	Quartzo	Xisto	Micaxisto	Hematite	Total
Pedra polida	Enxó	1							1
	Machado	2							2
	Objectos de adorno*	5							5
	Lasca polida	5							5
Pedra afeiçoada	Polidor/afiador	1	2				1		4
	Paleta	2**							1
	Movente	2	12	3					17
Pedra com traços de utilização	Bigorna		2	5	2				9
	Percutor			1	2				2
	Termoclasto			24	2				26
Manuportes	Plaquetas					3			3
	Blocos em bruto	3					1	2	6
	Lascas em bruto			9		8			17
Diversos	Prisma				4				4
	“Ovo”				4				4
	Fóssil?								1
Total		21	16	42	14	11	2	2	108

\* Os objectos de adorno, apesar de tratados no ponto 5.3., foram aqui contabilizados, uma vez que pertencem também à categoria dos instrumentos polidos.

\*\* Os dois fragmentos recuperados pertencem à mesma peça.

A abundância, na região, de rochas duras aptas para o polimento, ou afeiçoamento, permite a sua obtenção directa no território imediato de captação de recursos.

Não é, de momento, possível definir com maior precisão as áreas prováveis de abastecimento, dado que não foram realizadas análises petrológicas, a partir deste material.

Porém, a abundância de rochas duras não parece ter dado origem, avaliando os números totais, a uma importante produção de utensílios polidos. Esta primeira leitura deve, no entanto, ser corrigida, uma vez que a presença, no sítio, de alguns tipos específicos de instrumental faz supor que os valores registados no Quadro 33 se encontram muito aquém da frequência real de alguns destes objectos, e que as modalidades de uso/armazenamento/abandono desta peças devem desempenhar um papel importante na criação do conjunto recuperado em escavação.

#### *Indicadores de produção e utilização local*

A componente oficial desta ocupação, já demonstrada ao nível da indústria da pedra lascada, incluiu também a indústria da pedra polida. A presença de blocos, em bruto, de diferentes matérias-primas, de distintos polidores e/ou afiadores, e de produtos não acabados (veja-se o ponto 5.3. dedicado aos objectos de adorno), atesta a produção local da utensilagem polida.

No entanto, o número de utensílios acabados, 13 peças, incluindo no cômputo os objectos de adorno e as pequenas lascas de anfibolito polido contrasta, de forma evidente, com o número de instrumentos destinados a produzi-los. Dos cinco polidores/afiadores, recolhidos na Valada do Mato, pelo menos três apresentam sinais de uso intenso, apontando para uma maior frequência da utilização desta técnica, do que a inicialmente estimada.

Aparentemente, o material produzido em contexto habitacional foi, depois, utilizado e abandonado, em áreas ainda não detectadas.

## *Tipologia e funcionalidade*

### *Pedra polida*

Descrevem-se, abaixo, os utensílios de pedra polida provenientes do sítio da Valada do Mato.

### *Enxó*

Um único artefacto de anfíbolito foi assim classificado. Trata-se de um fragmento, mesial e distal, de um instrumento de gume assimétrico, que se apresenta totalmente polido. A fractura afectou o comprimento, e parte da espessura, da peça que conserva de medidas 31,1 mm, e 8,6 mm, respectivamente, e que tem de largura, 38,5 mm. A secção devia ser sub-rectangular.

O gume, praticamente intacto, apresenta apenas uma pequena falha que não parece relacionada com a causa de fractura da peça (Est. 14, n.º 1, Foto 39).

### *Machados(?)*

Foram recuperados fragmentos de duas extremidades proximais de instrumentos de pedra polida, morfologicamente compatíveis com a categoria “machado”.

Um destes, representado na Estampa 14, com o número 2 (Foto 40), apresenta uma fractura transversal ao eixo maior da peça, conservando-se a área mesial e proximal. Trata-se de um fragmento de secção oval e talão pontiagudo, com o corpo picotado. Conserva um comprimento de 50,5 mm, e tem de largura 37,1 mm, e de espessura 29,1 mm. A ausência de gume não permite avaliar o grau de utilização do instrumento.

Outro fragmento (Est. 14, n.º 3), apresenta uma fractura dupla, perpendicular e paralela ao eixo maior da peça. Possui, também, secção oval e talão pontiagudo, mas o corpo apresenta-se polido e picotado. Conserva um comprimento de 58,7 mm e uma espessura de 19,7 mm, e tem de largura 37,8 mm. Também neste caso, a ausência de gume não permite avaliar o grau de utilização do instrumento, mas a fractura longitudinal parece estar associado à violência do impacto durante o uso (Gonçalves, 1989, p. 123).

### *Lascas*

Ainda que não permitindo qualquer classificação tipológica, podiam integrar-se nesta categoria as cinco pequenas lascas de anfíbolito polido que foram recolhidas no sítio. Estas lascas, pouco espessas e informes, apresentam uma face cuidadosamente polida e outra em bruto, parecendo fragmentos soltos de um instrumento maior. O grau de polimento que apresentam é idêntico ao presente na enxó, e significativamente diferente do detectado nos fragmentos que se admitem pertencer a machados.

### *Pedra afeiçoada*

Descrevem-se, abaixo, os utensílios de pedra afeiçoada provenientes do sítio da Valada do Mato.

### *Polidores/afiadores*

O material destinado a polir ou afiar está, ao contrário dos utensílios acabados, bem representado na Valada do Mato, não tanto pelo número efectivo de artefactos, mas, sobretudo, pela diversidade tipológica que apresenta.

O inventário é composto por cinco peças, três de granito, uma de anfíbolito, e uma de micaxisto. Exclui-se desta contagem os dois fragmentos de uma paleta de pedra, que pode ter tido outra função que não o polimento.

Os polidores/afiadores correspondem a tipos muito distintos, não existindo correspondência, como se pode deduzir dos três exemplares de granito, entre matéria-prima e morfologia. Genericamente, podem ser classificados em dois grupos, o dos polidores/afiadores com sulco, e o dos polidores/afiadores com superfícies amplas de utilização.

#### *Polidores/afiadores com sulco*

Integram esta categoria três polidores/afiadores, de pequena dimensão, realizados sobre granito, anfíbolito e micaxisto.

O instrumento de granito, intacto, de 71,1 mm de comprimento, por 51,4 mm de largura e 34,8 mm de espessura, possui, mais que um sulco de polimento, uma pequena ranhura de perfil em V, com sinais de uso incipiente, transversal ao eixo maior da peça, aberto numa superfície afeiçãoada. As restantes faces do bloco permaneceram em bruto. Este pequeno polidor, que entre outros blocos de material lítico, revestia uma das faces da estrutura negativa, U.E. 18, foi, atendendo às dimensões do sulco, 6,5 mm de largura por 3 mm de profundidade, escassamente utilizado (Est. 15, n.º 1, Foto 43).

O polidor/afiador de micaxisto consiste num pequeno bloco, com 54,1 mm de comprimento, 32 mm de largura, e 25,3 mm de espessura, e possui um sulco de polimento de perfil em U, paralelo ao eixo maior da peça, e com sinais de uso intenso, dadas as suas dimensões, 16,6 mm de largura e 10,8 mm de profundidade (Est. 15, n.º 2).

Este tipo de polidores têm sido interpretados como instrumentos destinados a “ (...) arredondar, alisar e eliminar protuberâncias de cabos de madeira para flechas ou lanças.” (Araújo, 1998, p. 35).

O polidor/afiador de anfíbolito é, no conjunto, a peça mais elaborada. Com forma aproximadamente ovóide, tem de comprimento 112,2 mm, de largura 62,8 mm e de espessura, 29 mm. A peça foi integralmente afeiçãoada, e possui um sulco de polimento, de perfil em U, transversal ao seu eixo maior. As medidas do sulco, 15,8 mm de largura por 7 mm de profundidade indiciam um uso intenso (Est. 15, n.º 4, Foto 41).

Este grupo de pequenos polidores, aptos para trabalhar osso, madeira ou pedra, não deve ter estado associado à produção de machados ou enxós, mas antes ao fabrico de objectos de adorno.

#### *Polidores/afiadores com superfícies amplas de utilização*

Pertence a esta categoria um utensílio de granito, de médias dimensões (Foto 45), com 265 mm de comprimento, 204 mm de largura, e 70 mm de espessura. Trata-se de um polidor de machados e/ou enxós, com superfícies polidas e bordos bujardados. Uma das superfícies activas, com declive suave, apresenta uma depressão alongada. A superfície oposta apresenta uma pequena área rebaixada, de perfil assimétrico, que termina, num dos seus lados, num ressalto abrupto.

#### *Paleta*

Classificaram-se, sob esta designação, dois fragmentos de uma mesma paleta de anfíbolito, afeiçãoado. Esta paleta apresenta uma superfície activa côncava, e ligeiramente rebaixada, delimitada por uma moldura periférica. A sua base não parece ter sido objecto de qualquer tratamento particular. A paleta conserva um comprimento de 110 mm, uma largura de 65 mm, e uma espessura da ordem dos 20 mm (Est. 15, n.º 3, Foto 44).

Esta paleta é idêntica a uma recuperada no interior do dólmen de Alberite, em Cádiz (Ramos et al., 1997, p. 847), que, ainda, conservava ocre no seu interior.

### *Moventes*

Na Valada do Mato fabricaram-se moventes utilizando três matérias-primas, o granito, o quartzito e o anfíbolito.

Não é, de momento, possível estabelecer uma conexão entre diferentes matérias-primas e a trituração, ou moagem, de diversos produtos, vegetais ou minerais. A arqueologia experimental tem demonstrado que algumas rochas não podem ser utilizadas para moer vegetais, uma vez que a sua desagregação torna a farinha inutilizável para fins alimentares.

Apesar do material se encontrar muito fragmentado, existindo apenas um único movente intacto, parece corresponder, com uma excepção, a pequenos moventes, manipuláveis com uma só mão. A peça inteira, figurada na Estampa 16, com o n.º 3 (Foto 48), tem de comprimento 101,8 mm, de largura 83,9 mm e de espessura 34,6 mm.

As espessuras oscilam entre os 25 e os 62 mm, sendo maioritárias as peças com espessuras compreendidas entre os 30 e os 45 mm.

O estado de conformação das peças é variável, alguns exemplares discóides, ou ovalados apresentam uma, ou duas superfícies activas, e bojos cuidadosamente bujardados como os representados na Estampa 16, com o n.ºs 1-2, enquanto que outros moventes não parecem ter sido objecto de preparação formal. Nestes casos, com excepção da superfície activa, o material não apresenta quaisquer sinais de conformação.

Dos 17 moventes, oito apresentavam uma superfície activa, e nove possuíam duas, perfazendo um total de 26 superfícies activas.

### QUADRO 34

#### Moventes – estados das superfícies

Picotadas	7
Picotadas e polidas	8
Polidas	11
Total	26

O estado das superfícies pode estar relacionado com a intensidade, e/ou com o tipo de utilização dado à peça. Se existe um gradiente entre as superfícies que apresentam picotado vivo, e as que possuem as zonas activas polidas, o material da Valada do Mato terá sofrido um uso intenso, uma vez que são dominantes as superfícies com polimento decorrente de uma continuada utilização (Quadro 34).

O facto de se tratar de material muito fragmentado e, aleatoriamente, disperso pela área escavada, indicia estarmos perante uma utensilagem abandonada ainda no decurso da ocupação neolítica, e cuja posição, no momento de escavação, não tinha relação com os lugares de uso.

A presença de moventes está, por norma, associada à presença de dormentes. No entanto, no sítio da Valada do Mato, até ao momento, não foi identificado material deste tipo.

Ainda que o número de dormentes possa ser substancialmente menor que o de moventes, a sua total ausência levanta algumas questões. Poder-se-ia admitir que, atendendo à dimensão e ao peso, estes artefactos, menos móveis, tenderão a permanecer próximo das áreas de utilização original que podem, ainda, não ter sido escavadas. Por outro lado, a existência, no sítio, de afloramentos graníticos podia ter dispensado a conformação efectiva de dormentes, utilizando as bancadas de rocha para o efeito. Apesar de documentada, arqueológica e etnograficamente (Clemente et al., 2002, p. 88), até à data, não foram detectados, no sítio, indícios dessa prática, pelo que esta possibilidade coloca-se, apenas, como uma hipótese a demonstrar.

#### *Pedra com traços de utilização*

Descrevem-se, abaixo, os utensílios de pedra com traços de utilização provenientes do sítio da Valada do Mato.

#### *Bigornas*

De entre as nove bigornas recolhidas no sítio, sete são sobre seixos de quartzito, duas sobre calhaus de quartzo, e duas sobre blocos de granito. As bigornas distinguem-se muito claramente dos percutores. Ainda que possam, em alguns casos, apresentar, nos bordos, estigmas pontuais de percussão, a sistemática repetição de impactos no mesmo ponto, dá origem a uma, ou várias, pequenas e bem delimitadas, concavidades.

Os suportes seleccionados permanecem, por norma, em bruto, ainda que raros exemplares apresentem superfícies polidas, ou bordos bujardados. Trata-se de peças de pequena dimensão, com comprimentos compreendidos entre os 76 e 85 mm, larguras entre os 52 e os 75 mm, e espessuras que oscilam entre os 23 e os 40 mm. Cinco exemplares possuem uma concavidade, e quatro possuem duas concavidades, em superfícies opostas (Est. 15, n.º 5). As bigornas têm sido associadas ao talhe bipolar, que está documentado no sítio.

#### *Percutores*

Foram, apenas, recolhidos três percutores, um sobre seixo de quartzito, e dois sobre calhau de quartzo. Um destes apresenta em alguns pontos, uma coloração vermelha, possivelmente relacionada com o processamento de ocre.

#### *Termoclastos*

O conjunto de termoclastos é composto por 24 fragmentos de seixo de quartzito, e dois fragmentos de seixo de quartzo.

No momento da escavação, este material encontrava-se em posição secundária, disperso aleatoriamente pela área intervencionada, e não foram identificadas as estruturas de combustão de onde provinha.

O quartzito, para além de pouco frequente, o que parece indiciar a inexistência de áreas de abastecimento nas proximidades do sítio, surge sobre a forma de seixos rolados de pequeno calibre. Se a dimensão do material pode estar relacionada com critérios de recolha/transporte, pode também traduzir as características dos depósitos explorados e do material aí existente.

#### *Manuportes e diversos*

Incluíram-se nesta categoria diferentes rochas e minerais, que apesar de não possuírem evidências macroscópicas de utilização, não fazem parte do substrato geológico do sítio, como sejam algumas pequenas lascas de xisto, e de quartzito que não podem ser adscritas a processos técnicos específicos.

Ainda em xisto, foram recolhidas três pequenas plaquetas. Duas delas não apresentam qualquer conformação, e parecem apenas fragmentos resultantes da xistosidade natural desta rocha. Uma terceira plaqueta de forma rectangular, pode ter funcionado durante os processos de talhe, como suporte do material lítico fragmentado pela técnica do micro-buril. O ângulo agudo que apresenta num dos seus bordos torna-a idêntica ao material utilizado como bigorna, nos processos de talhe experimental (Tixier et al., 1980, p. 63).

Integram, ainda, a classe dos manuportes, dois nódulos de hematite, a partir dos quais se pode, com extrema facilidade, obter substâncias corantes, e três blocos, em bruto, de anfíbolito.

Sob a designação Diversos, classificou-se um pequeno conjunto de materiais, que sem traços macroscópicos de utilização e que podendo fazer parte do ambiente geológico da área de implantação do sítio, consideram-se, ainda assim, associados à ocupação humana do local.

Trata-se de três pequenos prismas de quartzo hialino, mais ou menos puro. Estes prismas, que surgem por vezes entre os espólios megalíticos, podiam ter sido utilizados como objectos de adorno, ou simplesmente recolhidos, e conservados, dada particularidade da sua forma e dos seus efeitos luminosos.

Outros materiais, como os pequenos “ovos” de quartzo branco e um possível fóssil, de um organismo vegetal, parecem também ter sido objecto de uma recolha intencional, ainda que se desconheça o seu real significado.

### *5.2.5. Indústria de pedra polida e afeiçoada: uma leitura sintética*

Os materiais de pedra polida, recolhidos na Valada do Mato, foram configurados, no sítio, sobre rochas duras localmente disponíveis. Apresentam as características técnicas e tipológicas próprias do material do Neolítico antigo, os fragmentos que se interpretam como machados possuem corpo picotado, e secção cilíndrica ou oval, e a pequena enxó, integralmente polida, não parece ter sido, efectivamente, utilizada.

A reduzida dimensão do conjunto, dada a presença de material destinado ao polimento da pedra pode, sobretudo, decorrer das modalidades de uso, conservação e abandono destes artefactos, não reflectindo a frequência original destas classes de utensílios.

Os diferentes tipos de polidores, recuperados na Valada do Mato, atestam a produção local de diferentes categorias do instrumental polido, a partir de pedra ou de matéria orgânica.

No campo da pedra afeiçoada deve destacar-se, a produção de moventes a partir de diferentes matérias-primas, e a relativa diversidade, ao nível da forma, da dimensão e do estado das superfícies activas, que o conjunto exhibe.

Ainda que, nesta área, sejam pouco frequentes os trabalhos de arqueologia experimental que possam servir de referência, a observação da colecção sugere a existência de peças destinadas a moer, ou triturar diferentes tipos de produtos. Se alguns destes moventes podem ter estado associados a processos de farinhação, outros, sobretudo os de pequena dimensão, terão, seguramente, sido utilizados na moagem de outro tipo de produtos.

A presença destes elementos móveis de mó indica que terão existido, apesar de ainda não identificados, elementos dormentes, qualquer que seja a sua tipologia e funcionalidade específica.

As bigornas, associadas à indústria da pedra lascada, estão também relacionadas com as actividades produtivas desenvolvidas no sítio.

No sítio da Valada do Mato, a importância dos materiais de pedra polida, afeiçoada, com traços de utilização, dos manuportes e diversos, não decorre da dimensão do conjunto, que é reduzida, mas da diversidade tipológica que apresenta, reflectindo a realização no local, de um leque muito amplo de actividades.

No conjunto, estão presentes não só os produtos acabados, mas também os meios de produção, como polidores e afiadores. Parte desta utensilagem pertence a um grupo de instrumental “pesado”, indispensável no âmbito de permanências longas num determinado local.

### 5.3. Objectos de adorno

---

#### 5.3.1. *Preâmbulo*

Entre os diferentes tipos de artefactos recuperados em contextos do Neolítico antigo, no território português, os objectos de adorno ocupam um lugar secundário.

Quando integram os inventários, o reduzido número em que surgem não tem justificado um tratamento amplo do tema, o que explica a inexistência, até ao momento, de um trabalho de síntese, onde se discuta os tipos existentes, as matérias-primas utilizadas, as técnicas de fabrico, as continuidades e/ou rupturas face a conjuntos anteriores.

Em ocupações de natureza habitacional a sua presença tende a ser, meramente, pontual, e em contextos de gruta, com carácter fundamentalmente funerário, e múltiplas utilizações, nem sempre é possível atribuir, com segurança, ao Neolítico antigo, objectos de adorno específicos.

Um importante conjunto de questões permanece em aberto, uma vez que a frequência, os contextos, e os significados efectivos, de utilização destes elementos são mal conhecidos.

Os objectos de adorno constituem, em outras áreas da Península Ibérica, uma componente fundamental no âmbito da caracterização cultural dos grupos do Neolítico antigo. A sua escassez, no actual território português, pode resultar não apenas de causas arqueológicas, relacionadas com a existência de concretas prescrições culturais que os dispensam, ou limitam o seu número, mas também de problemas de natureza arqueográfica, relacionados com a funcionalidade, o número, e a dimensão da área intervencionada, nos sítios estudados.

#### 5.3.2. *Características do conjunto: dimensão e condições de recolha*

No sítio da Valada do Mato foi recolhido um pequeno conjunto de objectos de adorno, de diferentes categorias tipológicas, e em diferentes fases de fabrico, integralmente realizado sobre pedra. Este material, recuperado na U.E. 1 e U.E. 2/3, encontrava-se disperso pela área escavada, não apresentando, no momento da recolha, qualquer concentração, ou associação significativa a estruturas, ou a outros artefactos, relacionados com a sua produção.

#### 5.3.3. *Critérios e objectivos da análise*

O estudo dos objectos de adorno seguiu os princípios analíticos utilizados para as outras categorias artefactuais presentes no sítio, ainda que a reduzida dimensão da colecção tenha justificado outra modalidade de apresentação dos dados.

Em primeiro lugar, importava identificar as matérias-primas empregues, detectar a origem geográfica do material utilizado, e a presença, ou ausência, de vestígios de produção local, passando depois à descrição e classificação tipológica. A partir do conjunto recuperado é, ainda, possível comentar algumas modalidades de fabrico presentes e discutir a funcionalidade social deste material.

Apesar do escasso número de presenças, optou-se por construir uma ficha descritiva para os objectos de adorno, a partir da qual se pretendia recolher a informação para tratamento das seguintes alíneas:

1. Identificação das matérias-primas e das áreas geográficas de origem das rochas e minerais utilizados
2. Indicadores de produção/utilização local
3. Classificação tipológica
4. Caracterização breve da indústria de objectos de adorno no sítio da Valada do Mato

#### 5.3.4. Descrição e classificação

Este conjunto é constituído por uma conta de colar, um fragmento de pulseira e um pendente, cuja perfuração não foi concluída. Outras duas peças parecem também corresponder a fases iniciais do fabrico deste último tipo de objectos.

##### *Matérias-primas e áreas de proveniência*

Todos os objectos de adorno, recolhidos até ao momento, na Valada do Mato, foram fabricados sobre anfíbolito. Apesar de não terem sido realizadas análises petrológicas, a ocorrência desta rocha a cerca de 3-4 km do sítio (Carvalhosa in Cardoso et al., 2000, p. 46), aponta para a existência de uma área de aprovisionamento local desta matéria-prima.

Até ao momento, não está documentada a utilização de outras matérias-primas, designadamente osso ou concha, para fabrico de objectos de adorno. Esta ausência pode explicar-se em resultado da elevada acidez dos solos que não permitiram a conservação da matéria orgânica, não carbonizada.

##### *Indicadores de produção*

A utilização de uma matéria-prima local, a recolha de peças em distintas fases de acabamento, a existência de utensilagem “pesada”, destinada ao polimento da pedra e a presença de blocos, em bruto, de diferentes matérias-primas transportadas para o sítio, constituem indicadores seguros de fabrico local.

Às múltiplas actividades desenroladas no sítio acrescenta-se, assim, a produção de objectos de adorno.

Parece, no entanto, de destacar o contraste aparente entre o número de polidores e/ou afiadores recuperados, e a reduzida dimensão do conjunto dos adornos. A presença de uma única conta de colar, e de pendentes, não acabados, levanta efectivas questões acerca dos lugares concretos de utilização deste tipo de artefactos, que sendo produzidos em contextos habitacionais podem, no entanto, destinar-se a outros ambientes.

Ainda que os objectos de adorno não possuam uma finalidade especificamente funerária, a sua raridade, em espaços domésticos, pode sugerir que estes artefactos tenham, sobretudo, desempenhado algum papel na simbólica da morte.

Apesar da escassez de informação acerca das práticas funerárias do Neolítico antigo, os objectos de adorno parecem integrar o ritual, seja como oferendas seja como bens usados em vida, e que permanecem com o seu proprietário.

Um colar de conchas perfuradas, e de pendentes sobre concha devia acompanhar, na gruta do Caldeirão, o enterramento de um adulto do sexo masculino (Zilhão, 1992, p. 105), na gruta de Nossa Senhora das Lapas, contas e pendentes, sobre concha e pedra verde, parecem associados ao enterramento infantil aí detectado (Oosterbeek, 1993), e as contas e pendentes sobre canino de veado da gruta do Almonda (Zilhão, 2001), estariam com grande probabilidade associadas a enterramentos realizados na cavidade.

### *Tipologia e funcionalidade*

Descrevem-se, abaixo, os objectos de adorno provenientes do sítio da Valada do Mato.

#### *Conta de colar*

Trata-se de uma pequena conta de colar de anfibolito, discóide, de perfil cilíndrico, com 8,5 mm de diâmetro e 3,5 mm de espessura. A perfuração cilíndrica possui um diâmetro de 4 mm, e encontra-se ligeiramente descentrada. Macroscopicamente, não são visíveis sinais de desgaste por utilização. As superfícies encontram-se totalmente polidas (Est. 17, n.º 1).

#### *Pulseira*

Trata-se de um fragmento de pulseira fina, de anfibolito, com 4,5 mm de altura e 8,5 mm de espessura, com secção sub-rectangular. Apesar de conservado apenas um segmento com 28 mm de comprimento, o diâmetro interno original devia rondar os 6,8 mm. As superfícies encontram-se totalmente polidas (Est. 17, n.º 2, Foto 52).

#### *Pendente*

Trata-se de um pendente, de anfibolito, com 55,7 mm de comprimento, 20,2 mm de largura máxima, e 6,5 mm de espessura. Apesar de apresentar uma secção sub-rectangular, a sua forma, ligeiramente encurvada, assemelha-o, de alguma forma, a uma presa de carnívoro. Uma das extremidades é biselada, sendo a outra arredondada.

Sem causa aparente, a perfuração, iniciada a partir de uma única superfície, e junto à extremidade biselada do pendente, não foi concluída.

As superfícies encontram-se totalmente polidas, indicando que a perfuração seria o último gesto na sequência de acções necessárias ao fabrico do pendente (Est. 17, n.º 3).

#### *Esboço de pendente*

Foram assim classificados dois pequenos objectos, de anfibolito, parcial, ou totalmente polidos, cujas dimensões, e morfologia geral, parecem indicar pendentes em fase de fabrico, ainda que em nenhum dos exemplares se registe qualquer indício de perfuração.

Uma destas peças, transversalmente fragmentada, conserva um comprimento de 48,6 mm de comprimento, e tem de largura, 19,8 mm, e 8,2 mm de espessura. Possui uma secção subtriangular, e apresenta a única extremidade conservada, polida e em forma de bisel. As superfícies encontram-se totalmente polidas.

Apesar de não possuir perfuração, a forma geral, o estado das superfícies e a existência de uma extremidade biselada, confirmam a classificação proposta.

O outro possível esboço de pendente, apresenta também fractura transversal, conserva um comprimento de 49,6 mm, tem de largura 18,2 mm, e de espessura 6,9 mm. Possui uma forma geral subtriangular, uma secção sub-rectangular, e as superfícies polidas.

### *5.3.5. Objectos de adorno: uma leitura sintética*

Os objectos de adorno possuem um significado social, que apesar de não percebido, não deve, por isso, ser esquecido. Nas actuais circunstâncias, não é possível atribuir a grupos étnicos, a géneros ou a posições sociais objectos de adorno específicos. Os critérios e os lugares de uso escapam-nos, de momento.

Não se conhecem, até à data, em contextos do Neolítico antigo em território português, paralelos para alguns destes objectos de adorno.

As pequenas contas de colar, de pedra, frequentes nos espólios megalíticos, são, mesmo à escala peninsular, muito raras em contextos das primeiras fases do Neolítico. No importante conjunto de objectos, recuperado na gruta do Caldeirão (Zilhão, 1992, p. 104-110), a mais de uma centena de adornos realizados a partir de conchas, associam-se apenas quatro contas de colar, sobre rocha verde.

Estas distinguem-se da conta da Valada do Mato não só ao nível da matéria-prima, mas também no que toca à morfologia da perfuração. Na gruta do Caldeirão, as perfurações são bicónicas, na peça da Valada do Mato, a perfuração é perfeitamente cilíndrica. No entanto, em ambos os sítios, a perfuração das contas terá sido produzida a partir das duas superfícies aplanadas opostas, uma vez que de acordo com os dados da arqueologia experimental (Noain Maura, 1999, p. 176), as perfurações realizadas a partir de uma só superfície tendem a apresentar uma forma, nitidamente, cónica.

As pulseiras de pedra, próprias do Neolítico antigo de outras áreas peninsulares, estão em Portugal, mal representadas.

O exemplar proveniente do povoado da Salema (Silva e Soares, 1981, p. 89, 97) não apresenta qualquer semelhança morfológica com o recuperado na Valada do Mato (Fig. 62). A pulseira do sítio da Salema, de secção biconvexa, possui uma altura de 37 mm, e uma espessura de 13 mm (Fig. 63). A pulseira, da Valada do Mato, de secção sub-rectangular, mede 4,5 mm de altura e 8,5 mm de espessura.

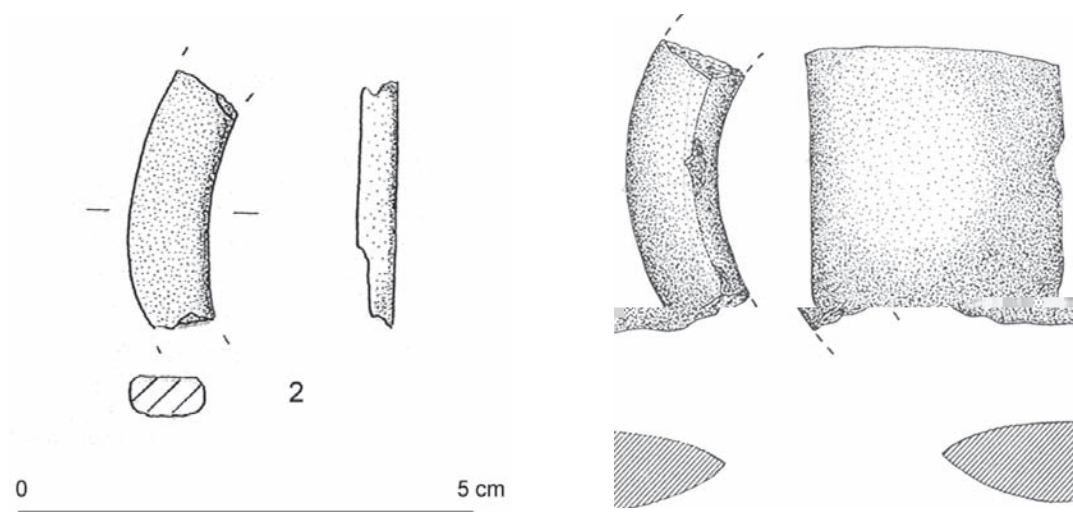


FIG. 62 - Fragmento de pulseira da Valada do Mato.

FIG. 63 - Fragmento de pulseira da Salema (Silva e Soares, 1981, p. 97).

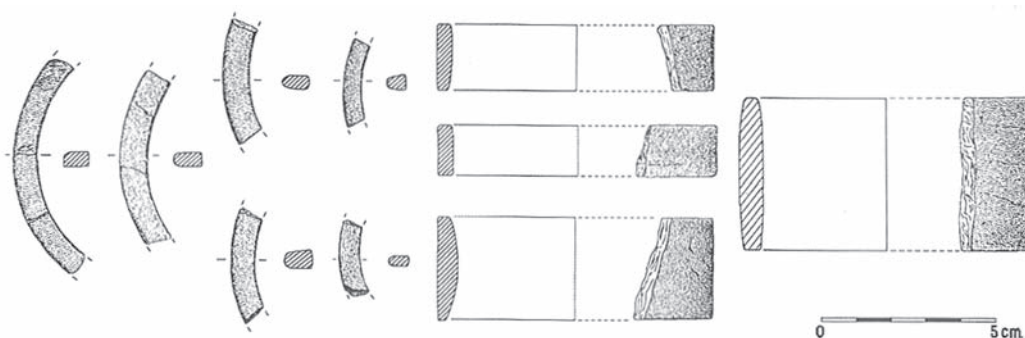


FIG. 64 - Pulseiras de Cabecicos Negros (Almería) (Goñi et al, 1999, p. 165).

A pulseira da Valada do Mato é idêntica aos braceletes estreitos, em forma de anel achatado, frequentes no Neolítico antigo, andaluz e valenciano (Fig. 64). A pulseira da Salema, muito alta, pertence a um outro tipo, próximo das peças recolhidas, sobretudo, na região andaluza, que muitas vezes receberam decoração incisa ao longo do corpo.

Os diâmetros definidos, na região valenciana, para as peças como a proveniente da Valada do Mato, oscilam entre os 9 e os 12 cm, e a existência de perfurações, eventualmente de reparação, mas que também facilitariam a colocação e o ajuste do adorno, não discriminam os potenciais utilizadores.

No caso da pulseira da Valada do Mato, e assumindo que o diâmetro interno ronda, como valor mínimo, os 6,7 cm pode afirmar-se que esta podia ser utilizada, pelo menos, por indivíduos adultos do sexo feminino.

O pendente da Est. 17, n.º 3, não possui, em pedra, paralelos imediatos, e não é claro o motivo do seu abandono numa fase tão avançada do processo de fabrico. As superfícies já se encontravam totalmente polidas, e a perfuração em U, iniciada a partir de um único plano, tinha ultrapassado metade da espessura da peça.

Na produção deste tipo de pendentes parece, assim, ter-se invertido o esquema de fabrico das pequenas contas de colar, onde a realização da perfuração antecede o polimento das superfícies (Goñi Quinteiro et al., 1999, p. 164), dado o risco de fractura associado a essa manobra.

Na Valada do Mato, está atestada a produção, no sítio, de objectos de adorno, sobre rochas locais, criando peças sem específico significado crono-cultural, como a conta e o pendente, ou, no caso do fragmento de pulseira, reproduzindo modelos de ampla difusão entre as comunidades do Neolítico antigo, da fachada mediterrânea da Península Ibérica.

## 5.4. Material cerâmico

---

### 5.4.1. *Preâmbulo*

O destaque que, no discurso arqueológico, foi dado aos materiais cerâmicos traduz o, precoce, reconhecimento por parte dos investigadores das potencialidades que possuem estes componentes da cultura material enquanto elementos de diagnose de distintas etapas cronológicas e culturais.

Os recipientes cerâmicos apresentam uma combinatória de propriedades que os tornam particularmente aptos para conservar informação historicamente significativa uma vez que, de entre as inúmeras possibilidades permitidas pela plasticidade própria das argilas, os grupos humanos, em diferentes espaços e tempos, criaram e reproduziram repertórios finitos de formas e de sistemas decorativos.

Enquanto matéria-prima, a argila permite grande diversidade de soluções, que se materializam, após cozedura, de forma irreversível, não permitindo posteriores modificações. A sequência de acções necessárias à configuração e decoração de um recipiente permanece, no essencial, conservada na peça, mesmo depois da sua fragmentação.

Estes gestos reflectem “modos de fazer” socialmente apreendidos que, porque sistematicamente repetidos e pouco sujeitos a constrangimentos impostos pela matéria-prima, estão particularmente disponíveis para captar as normas culturais, e as alterações que lhe são introduzidas.

Os sistemas cerâmicos do Neolítico antigo são, nesta perspectiva, particularmente sugestivos, uma vez que a produção de contentores implicava não apenas a construção de uma forma, mas também, quase sempre, a decoração do recipiente.

Esta prática, balizada por tradições mais ou menos interiorizadas, e da qual não depende a funcionalidade restrita dos objectos, torna-se um elemento fundamental na definição da personalidade cultural dos grupos estudados.

O potencial informativo que os materiais cerâmicos contêm justifica, de alguma forma, a importância eventualmente excessiva dada à forma e/ou a técnicas/motivos decorativos de alguns vasos, muitas vezes em detrimento de outras componentes da cultura material, e de outros traços deixados por um grupo humano.

Foi, no entanto, já superada uma etapa “ceramográfica” onde, por regra, a análise deste grupo de artefactos não ultrapassava a referência a uma morfologia específica, ou técnica decorativa particular, utilizando-os, apenas no restritivo papel de fósil-director, associados a um espaço/tempo do qual, efectivamente, pouco ou nada se sabia. Conhecia-se, apenas, de forma rudimentar a dispersão geográfica dessas “culturas”, os patamares cronométricos a que reportavam, e pouco se discutiam os mecanismos de passagem entre os sucessivos horizontes culturais que estas definiam.

Hoje, os materiais cerâmicos não perderam esse papel. Em prospecções superficiais, durante os trabalhos de escavação, e mesmo ao nível da interpretação de inúmeros sítios não directamente datados, estes continuam a funcionar como o mais fiável meio de classificação crono-cultural.

Mas o inquérito ampliou-se de forma definitiva, as técnicas e os motivos decorativos tendem a ser objecto de análises quantitativas, que permitam identificar tendências, padrões dominantes e traços culturais específicos. Pretende-se criar tabelas de formas, reconstituir volumetrias, e modalidades de uso, por vezes associados a áreas funcionalmente especializadas no interior dos sítios.

Reflecte-se acerca das técnicas de fabrico e procura-se, a partir da identificação mineralógica dos elementos não plásticos presentes nas argilas, localizar os barreiros explorados.

A par desta alteração de agenda mantém-se, no presente, alguma da anarquia própria aos “neo-calcoliticistas”, cujas ferramentas analíticas, posicionadas entre as detalhadas tipologias construídas para o Paleolítico, e as minuciosas tabelas elaboradas para o mundo clássico e pré-clássico apresentam, ainda, um grau reduzido de sistematização e constituem, como diriam os pós-modernos, na essência um universo de pluralidades.

A indispensável uniformização da linguagem e dos conceitos, que implica também o reconhecimento de um poder individual ou colectivo, não tem sido conseguida por múltiplas razões. A uma não quantificável, mas natural aversão à utilização de terminologias propostas por outros associam-se outras problemáticas, que decorrem quer das características específicas dos conjuntos cerâmicos, quer da história recente da investigação, em torno, do Neolítico antigo.

Em Portugal, os agentes da ruptura teórico-metodológica, operada nos finais de 70 e ao longo da década de 80, centraram sobre outros momentos da Pré-História o essencial da sua pesquisa. Os resultados de continuadas escavações, levadas a cabo em contextos megalíticos e calcolíticos, segundo os moldes de uma arqueologia científica, permitiram a criação de uma conceptualidade crítica, que, para o Neolítico antigo, era, até há pouco, incipiente.

Se, nos anos 90, o debate acerca dos modelos de neolitização do território português atingiu um notável dinamismo, esta discussão não produziu instrumentos particularmente eficazes para gerir dados de natureza artefactual, porque incidiu sobre o processo histórico, e menos sobre as suas componentes materiais.

#### 5.4.2. Características do conjunto: dimensão e condições de recolha

O conjunto dos materiais cerâmicos proveniente das cinco campanhas de escavação realizadas no povoado da Valada do Mato é composto por 9870 fragmentos de recipientes, dois fragmentos de colher, e quatro pequenos objectos de funcionalidade indeterminada.

Provêm, também, da área intervencionada pequenos, pouco frequentes, e tendencialmente informes nódulos de cerâmica que resultam, seguramente, da cozedura accidental, da argila utilizada no revestimento de pequenos espaços.

##### *Recipientes cerâmicos: critérios e objectivos da análise*

Os 9870 fragmentos de recipientes foram, para efeitos de estudo, divididos em diferentes categorias, e objecto de uma análise diferencial.

Após a lavagem de todo o material, o que permitiu identificar, em alguns exemplares, decorações que não tinham sido detectadas no terreno, os fragmentos de bojo que não possuíam qualquer tipo de decoração, ou elementos de prensão e/ou suspensão, foram contabilizados por quadrado, e por unidade estratigráfica, e pesados, por unidade estratigráfica de proveniência.

Foram, pontualmente, ensaiadas reconstituições de recipientes a partir destes fragmentos, sobretudo dos provenientes da U.E. 2/3, que apresentavam dimensões consideráveis e fracturas vivas, mas dada a ausência de resultados significativos, suspendeu-se, nesta fase, este procedimento.

São sobejamente conhecidas as dificuldades existentes na reconstituição de vasos cerâmicos a partir de fragmentos recolhidos em contextos habitacionais ao ar livre, e sem barreiras arquitectónicas significativas, dada a multiplicidade de factores que tende a dispersar o material durante, e após, a ocupação do sítio.

Algumas das colagens, que foram efectuadas entre bojós lisos, demonstraram que estes fragmentos provinham de recipientes com morfologias simples, derivadas da esfera, mas, não permitiram a recuperação de formas integrais.

Foram, no entanto, conseguidas algumas remontagens, de parte importante de alguns recipientes, a partir de fragmentos, que no terreno, ainda que não estando em directa conexão, se encontravam concentrados numa área relativamente restrita, que justificou a sua recolha em conjunto individualmente referenciado, como aconteceu com o vaso ilustrado na Estampa 43, com o n.º 3.

Os bojós lisos foram, depois de tratados, armazenados de acordo com o quadrado e a unidade estratigráfica de proveniência.

Do conjunto, seleccionaram-se para descrição individualizada todos os fragmentos que possuíam informação considerada “culturalmente significativa”, designadamente a totalidade dos bordos, os bojós que apresentavam decoração, elementos de prensão e/ou suspensão, os fragmentos que inequivocamente provinham da base dos recipientes, e os elementos de prensão e/ou suspensão isolados como asas, ou parte de asas, mamilos, ou pegas.

Este subconjunto, criado a partir de critérios qualitativos, integra 1240 registos, que correspondem a 1286 fragmentos (uma vez que quando estes surgiam em conexão, ou em evidente associação espacial, foi-lhes atribuído apenas um número de inventário), e constituiu uma amostra, que se considera, representativa da totalidade dos materiais cerâmicos, e a partir da qual é possível caracterizar, tecnológica e tipologicamente, as modalidades do sistema de produção de recipientes. A ficha descritiva, construída para o efeito, e os respectivos critérios de preenchimento são apresentados no final do volume.

A descrição e classificação destes materiais foi realizada de acordo com um conjunto de principais questões que abaixo se inventariam e que, de alguma forma, correspondem

ao emprego dos princípios inerentes ao conceito de cadeia operatória, aplicado à produção, utilização e abandono dos recipientes cerâmicos (Barnett, 1992, p. 298):

1. *Origem e características das argilas utilizadas*

- classificação petrográfica dos elementos não plásticos (e.n.p.) presentes na matriz, e identificação dos substratos geológicos de origem das argilas utilizadas;
- registo do calibre dos e.n.p., relacionando-os com a exploração de diferentes níveis do barreiro.

2. *Características tecnológicas do conjunto*

- caracterização das pastas quanto ao nível de compacidade, número e dimensão de e.n.p.;
- identificação de e.n.p., antropicamente integrados nas pastas;
- identificação dos tipos de acabamentos conservados na superfície externa e interna;
- identificação dos ambientes de cozedura;
- cores, dominante e secundária, conservadas na superfície do vaso.

3. *Análise tipológica*

Forma:

- identificação da orientação do recipiente: aberto, fechado, paredes rectas;
- classes de dimensões, lidas a partir do diâmetro da abertura, do diâmetro do bojo, e da espessura do bojo;
- classificação do fragmento a partir do catálogo de formas;

Elementos de preensão e/ou suspensão:

- tipo: asa, mamilo, pega;
- presença e orientação das perfurações;
- localização no recipiente;

Sistemas decorativo:

- identificação, e quantificação, das técnicas empregues;
- identificação, na geografia do recipiente, da área decorada;
- registo e sistematização dos motivos/padrões decorativos;

4. *Caracterização do sistema de produção/utilização/abandono de recipientes cerâmicos*

- identificação das principais características tecno-tipológicas do conjunto;
- análise de formas e dimensões dos contentores: classes funcionais;
- determinação de relações significativas entre grupos tipológicos/tipos de fabrico e acabamentos/sistemas decorativos;
- detecção de áreas funcionalmente especializadas no interior do sítio.

5.4.3. *Descrição e classificação*

Dos 9870 fragmentos recolhidos, 608 apresentam bordo, 9191 provêm do corpo da vaso, três puderam, de forma indiscutível, ser classificados como fundos, e 68 consistem em elementos, isolados, de preensão e/ou suspensão (Quadro 35).

Estabelecer o número, ainda que mínimo, de recipientes, existentes no conjunto, levantou um importante conjunto de questões de difícil solução. Se, perante séries de menor dimensão, pode ser relativamente simples a determinação do número de vasos presentes, em amostras amplas o processo não é linear.

### QUADRO 35

#### Inventário geral

Estado	Bordo	Bordo/bojo	Bordo/colo	Bojo	Fundo	Asas	Mamilos e Pegas	Total
N.º de fragmentos	44	561	3	9194	3	34	34	9870
N.º de fragmentos descritos	44	561	3	559	3	34	34	1240

A utilização estrita de um critério quantitativo, como seria o do número de bordos depois de realizadas as colagens possíveis, não parecia totalmente adequada uma vez que alguns destes fragmentos possuem uma muito pequena dimensão que, particularmente no caso das peças sem decoração, dificulta eventuais remontagens, mesmo mentais.

Em simultâneo, encontram-se vários bordos que não colando entre si devem, ou podem, ter pertencido a um mesmo recipiente, e alguns bojos apresentam decorações facilmente individualizáveis que sugerem a pertença a um só contentor.

Ainda que pouco frequente, a existência de áreas que numa mesma peça receberam, a partir de um elemento de prensão, diferentes motivos decorativos (Est. 30, n.º 1), e que se fragmentada seria classificada como dois recipientes demonstra, claramente, a margem de incerteza associada a este tipo de cálculos.

Por isso, e com as necessárias reservas, estima-se que o conjunto possua um número mínimo de 230 recipientes.

Excluíram-se deste cálculo pequenos fragmentos de bordos lisos, e consideraram-se como pertencendo apenas a um vaso vários fragmentos de bojo que, não colando entre si, possuíam características técnicas e sistemas decorativos idênticos.

#### *Origem e características das argilas*

Uma das causas que justifica a ampla difusão da tecnologia cerâmica, e que em simultâneo torna menos explicável o seu tardio domínio, passa pela natural abundância das matérias-primas utilizadas no fabrico dos recipientes.

Os materiais cerâmicos dos primeiros grupos neolíticos serão, por princípio, produzidos a partir de argilas localmente disponíveis, e se o transporte destas pastas não parece defensável, ao contrário de rochas e minerais que viajam como produtos acabados, mas também sob a forma de blocos de matéria-prima, a possibilidade de ter existido circulação, ainda que pontual, de recipientes cerâmicos, não deve à partida ser descartada.

No caso dos materiais cerâmicos da Valada do Mato, tendo presente que as análises realizadas representam apenas um estágio inicial na área das investigações petrológicas, que se esperam poder desenvolver em trabalhos futuros, procurou-se detectar a origem das argilas utilizadas através de uma caracterização mineralógica, assente na identificação petrográfica dos elementos não plásticos presentes nas pastas, e da determinação do tipo de substrato geológico de origem das mesmas.

A observação, com recurso a lupa de 15 aumentos, permitiu identificar a utilização de pastas provenientes da argilização de diferentes substratos litológicos.

Foram explorados barreiros formados sobre rochas graníticas, anfibólicas e gabro-dioríticas. São, claramente, maioritárias as argilas provenientes da desagregação dos granitos, que possuem em grande abundância grãos de quartzo, de feldspato, e mais raramente, de quartzo hialino, ou de micas. Menos frequentes são as pastas ricas em anfíbolos, e pontuais as gabro-dioríticas.

Os tipos de argilas detectados coincidem com aqueles que se podem encontrar sobre os diferentes substratos geológicos existentes em redor do sítio. As argilas identificadas, até ao momento, serão de origem local, obtidas no decorrer da exploração do território imediato de captação de recursos, ainda que a exacta localização dos barreiros não tenha sido determinada.

Estas argilas, mesmo quando possuem a mesma origem litológica, podem apresentar diferentes características físicas, ao nível do número e da grandeza dos elementos não plásticos presentes.

A natureza, a abundância relativa, e a dimensão em que estes surgem, se pode ser o resultado de um processo intencional de transformação das características das argilas pode, também, estar relacionada com a recolha de material em distintos horizontes de um mesmo barreiro. As pastas mais finas, fundamentalmente compostas por argila, e onde os e.n.p. são escassos e de pequeno calibre, podem provir da exploração de horizontes superficiais de barreiros de onde provêm, também, pastas menos depuradas e de aspecto mais grosseiro.

Para além dos elementos não plásticos que as argilas naturalmente contêm foram, em raros casos, acrescentados às pastas outros componentes, como sejam muito pequenos nódulos de cerâmica — *chamotte*, técnica própria de ambientes cardiais — ou algum material orgânico, consumido durante a cozedura e que deixou os característicos negativos da sua presença.

A detecção de outros procedimentos, como o crivar das argilas, a trituração dos e.n.p., ou a integração voluntária de outro material lítico nas pastas, exigia um conjunto de análises petrológicas que não foram, até ao presente, realizadas.

### *Tecnologia*

A caracterização tecnológica do conjunto decorre da leitura combinada de uma série de propriedades, inicialmente existentes no contentor, que se conservam de forma diferencial, no material cerâmico.

Se alguns dos atributos originais do recipiente, como o número, a dimensão e o tipo de e.n.p., tendem a permanecer constantes após a cozedura, a homogeneidade das pastas e, sobretudo, o tipo de acabamentos, aplicados sobre as superfícies interna e externa dos vasos, podem estar definitivamente alterados, em resultado quer da utilização específica da peça, quer dos ambientes a que esteve sujeita após fragmentação.

### *Pastas*

Nas peças observadas, os dados recolhidos permitem afirmar que os recipientes apresentam, por norma, e quanto à homogeneidade, pastas compactas, registadas em 907 exemplares, sendo pouco frequentes as semcompactas, registadas em 248 exemplares, e escassas as pastas friáveis registadas em, apenas, 85 exemplares (Fig. 65).

Quanto ao número de e.n.p., 677 peças possuem e.n.p. em número abundante, 421 possuem e.n.p., em número razoável, e apenas, 142, em escasso número (Fig. 66).

A presença exclusiva de e.n.p. muito finos registou-se em 24 peças, a de e.n.p. finos em 388, o maior grupo, com 657 peças, é o das pastas que apresentam e.n.p. finos e médios, sendo relativamente escassas as pastas com e.n.p. finos, médios e grandes, com 171 peças (Fig. 67).

Registaram-se e.n.p. de quartzo, em 1232 fragmentos, de feldspato, em 938 exemplares, e de mica, em 596 casos (Fig. 68).

### *Acabamentos de superfícies*

Ao nível dos acabamentos das superfícies, regista-se uma relativa homogeneidade de acabamentos entre a superfície externa e interna.

As superfícies externas apresentam-se polidas em 26 casos, sendo que em 8 peças esse polimento foi dado sobre uma aguada, que em alguns exemplares se apresenta como um verdadeiro engobe (Foto 64). A grande maioria dos exemplares, 837, conserva ainda traços de alisamento da superfície que, em 218 fragmentos, foi realizado sobre aguada.

Estas superficies, em 205 peças, não evidenciam qualquer tipo de tratamento particular apresentando-se, portanto, toscas e em 170 casos as superficies apresentam-se erodidas. Dos fragmentos analisados, 26 apresentavam a superfície interna polida, que em 10 casos foi realizada sobre aguada. Tal como se verificou com as superficies externas, domina o alisamento, registado em 800 peças, das quais 188 conservam, ainda, aguada. Registaram-se 193 superficies toscas, e 150 apresentam-se erodidas (Fig. 69).

#### Cozedura

Quanto ao ambiente da cozedura dominam as processadas em ambientes redutores, associadas a 890 peças, ainda que em 401 exemplares se registe um enriquecimento em oxigénio na atmosfera em que decorre o arrefecimento. Menos frequentes são as cozeduras integralmente realizadas em ambientes oxidantes, registadas em 324 casos, e absolutamente pontuais, verificadas em 24 peças, são as cozeduras realizadas em ambientes oxidantes com arrefecimento reductor (Fig. 70). A cor dominante, conservada na superfície externa reflecte, de forma genérica, os resultados do ambiente de cozedura.

A 598 fragmentos, que apresentavam tons entre o castanho claro e o bege acinzentado, foi, a partir da tabela Munsell, atribuída a cor 10YR 5/3 (*brown*), a 183 fragmentos, com superficies castanho avermelhado foi atribuída a cor 2.5YR 4/4 (*reddish brown*), a 219 fragmentos, com tonalidades próximas do castanho alaranjado pálido, foi atribuída a cor 7.5YR 5/6 (*strong brown*), a 230 peças, de cor laranja vivo, foi atribuída a cor 2.5YR 5/6 (*red*), e a 8 que apresentavam um vermelho intenso, foi atribuída a cor 10R 4/6 (*red*).

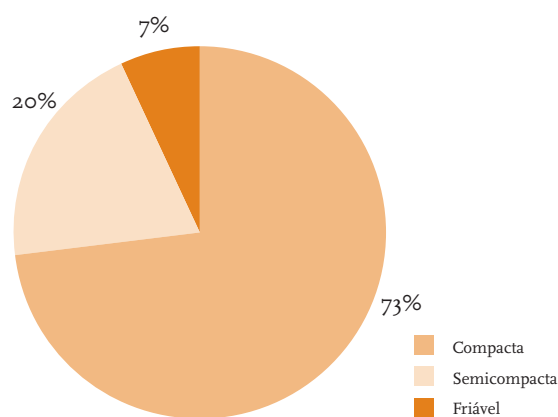


FIG. 65 - Homogeneidade das pastas.

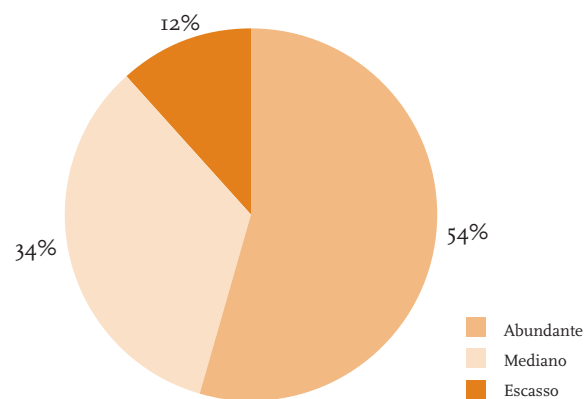


FIG. 66 - Número de elementos não plásticos.

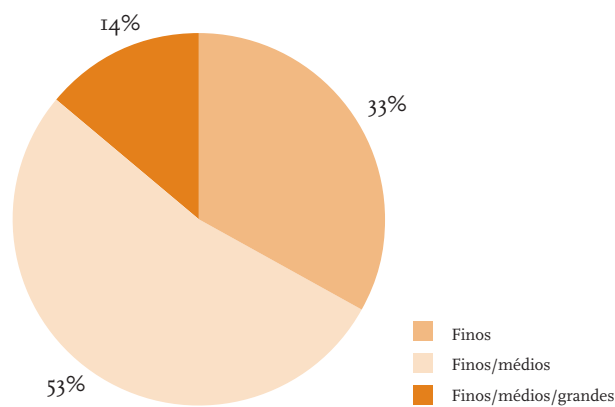


FIG. 67 - Dimensão dos elementos não plásticos.

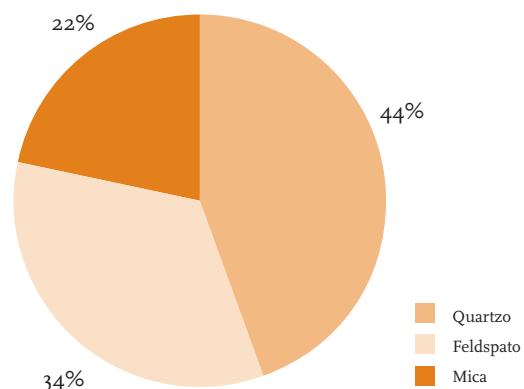


FIG. 68 - Matérias-primas dos elementos não plásticos.

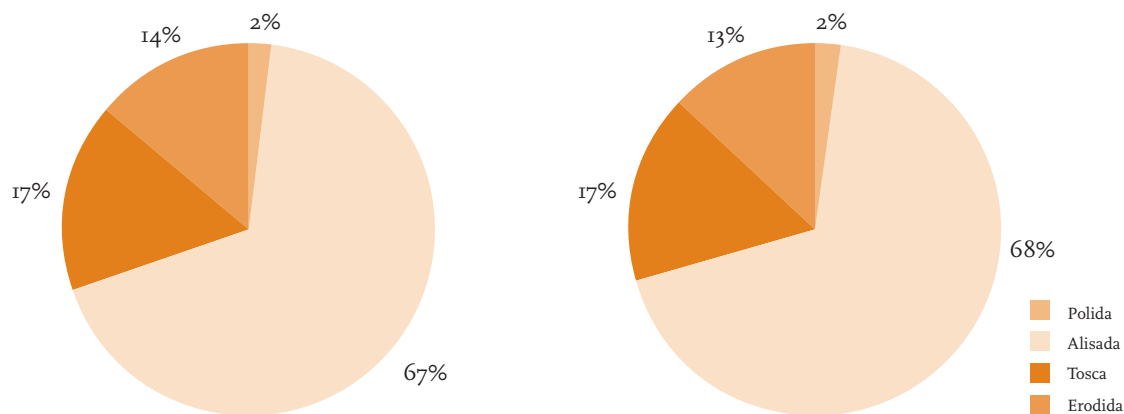


FIG. 69 - Técnica de acabamento das superfícies externa e interna.

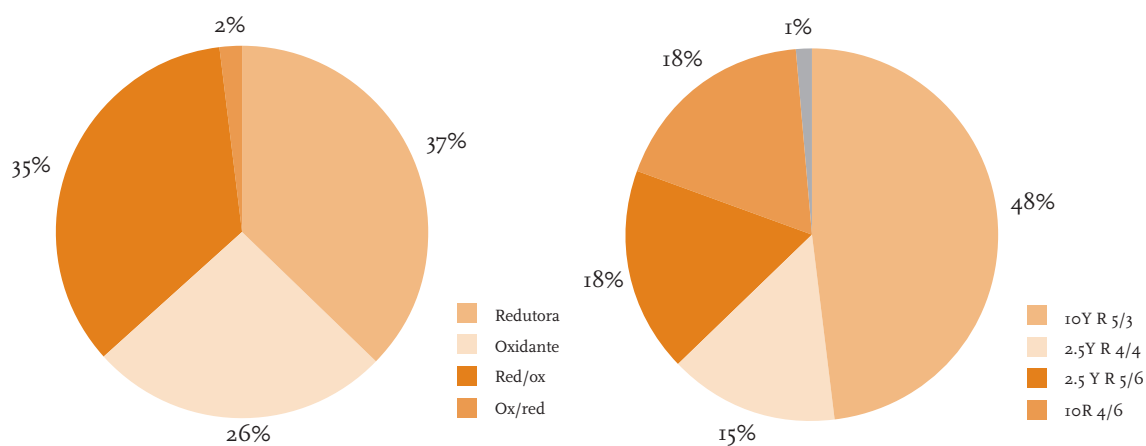


FIG. 70 - Ambientes da cozedura.

FIG. 71 - Cor dominante das superfícies.

Foram registadas, em 184 casos, como cor secundária, manchas de tons entre o cinzento muito escuro e o negro, classificadas com a cor 10YR 3/1 (*very dark gray*), e que podem estar associadas a episódios decorrentes da cozedura, da utilização, ou do tipo de ambiente de deposição após fragmentação do vaso (Fig. 71).

No conjunto estudado, não se detectaram relações explícitas entre homogeneidade da pasta, número e dimensão de e.n.p., e particulares acabamentos de superfície.

Ainda que, empiricamente, possa ser constatada, em alguns exemplares, uma associação entre pastas finas, cuidados acabamentos de superfícies, e decorações de grande qualidade técnica, como sucede com o bojo representado na Est. 36, n.º 6, ou com a peça representada na Est. 37, n.º 8, e se alguns recipientes de pastas grosseiras não parecem ter sido objecto de qualquer tratamento particular, veja-se o exemplar n.º 1 da Est. 42, esta correlação parece, sobretudo, corresponder a casos pontuais, que não assumem uma expressão, quantitativamente, demonstrável.

No essencial, trata-se de um conjunto relativamente homogéneo, onde não parece ter existido nenhum particular processo de selecção de tipos específicos de argilas, para a produção de grupos concretos de recipientes.

Depois de configurados, e em alguns exemplares notam-se ainda os característicos ondulados no corpo da peça, criada pela sobreposição dos rolos de argila, e aplicados os elementos de prensão e suspensão e/ou motivos decorativos, os vasos foram cozidos, em ambientes, maioritariamente, redutores.

Estas cozeduras processar-se-iam em estruturas de combustão simples, cobertas com terra e/ou ramagens, onde os vasos entrariam em contacto directo com o fogo, e nas quais,

com facilidade, se atingem as temperaturas necessárias à desidratação da argila, que rondam os 500-600°C.

A etapa de arrefecimento tende a processar-se em atmosferas enriquecidas em oxigénio, quando parte da estrutura estaria, já, desmantelada.

#### *Análise tipológica*

De entre o conjunto de fragmentos que apresentava bordo, foi possível determinar a orientação geral da peça em 268 casos<sup>1</sup>. A reduzida dimensão, a presença de asas ou mamilos sobre a abertura do recipiente e a, por vezes acentuada, irregularidade do bordo não permitiram definir a orientação dos restantes exemplares.

#### *Forma – orientação*

A quase totalidade do material pertence a formas simples, derivadas da esfera, sendo escasso o número de peças que possui um perfil compósito. Apresentam formas fechadas 112 fragmentos, formas abertas 88, formas com paredes rectas 54, e formas com colo diferenciado, 14.

No gráfico da Fig. 72, as formas com paredes rectas foram incluídas na categoria das formas abertas, e os vasos de colo na categoria das formas fechadas.

Importava, depois de estabelecido o tipo de abertura dos vasos, classificá-los de acordo com a sua dimensão e capacidade, atributos que constituem parâmetros essenciais na criação de tipos, e na definição de categorias funcionais.

A criação de classes tipológicas, às quais se possam atribuir funcionalidades genéricas, deve resultar da combinação de múltiplos factores técnicos e morfológicos, como sejam o tipo de pasta e de acabamentos de superfícies, a orientação geral do perfil e a dimensão, e capacidade do recipiente.

Mas porque não se conseguiram colagens que permitissem registar, numa mesma peça, a totalidade dos diâmetros da abertura, do bojo e a altura, não foi possível definir as volumetrias dos contentores analisados.

O importante número de formas fechadas, ou de paredes quase rectas, impedia a reconstrução gráfica dos vasos, a partir do prolongamento da linha de perfil, uma vez que não se possuía informação acerca do ponto de inflexão da parede.

#### *Forma – dimensão*

Dada a ausência de dados relativos à capacidade dos contentores optou-se, então, pela criação de classes de menor significado analítico, utilizando o diâmetro da abertura da boca e o diâmetro do bojo, que pôde ser lido em 181 peças, para classificar os recipientes como pequenos, médios ou grandes.

Se a existência, num determinado contexto, de vasos de pequenas e médias dimensões não levanta problemáticas concretas, a presença e o número de grandes contentores possui implicações decisivas ao nível da interpretação global de um sítio arqueológico. Os patamares métricos, necessariamente artificiais e subjectivos devem, por isso, ser explicitamente apresentados, permitindo a contrastação, e contestação, com outros sítios e outros autores.

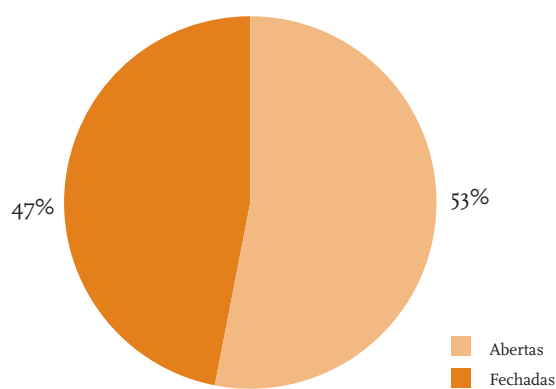
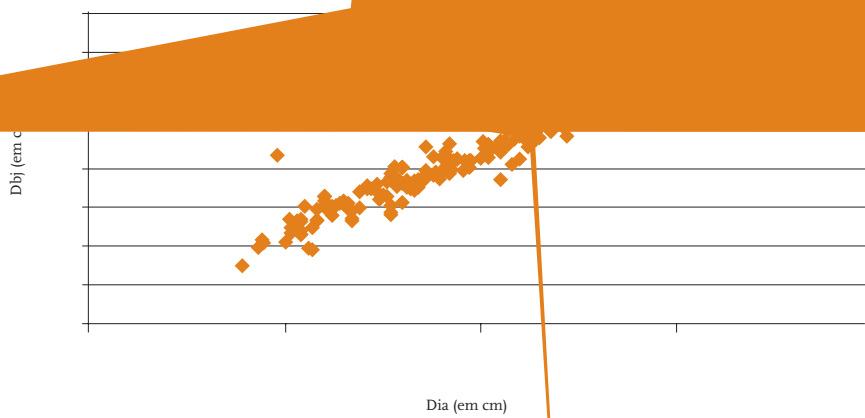


FIG. 72 – Orientação das formas.



A medida da abertura dos recipientes só foi considerada um indicador fiável da dimensão média dos vasos, após correlação dos diâmetros registado na abertura e no bojo dos recipientes, que apresentam uma progressão em contínuo, muito próxima da recta (Figs. 73 e 74).

Apesar de registadas pontuais excepções, observa-se, no gráfico, uma estreita relação entre os diferentes diâmetros da peça. A ausência, no conjunto, de formas globulares, com pequenas aberturas e bojos muito amplos, justifica também a imagem obtida.

Utilizando o diâmetro interno da abertura para calcular a dimensão global do recipiente, havia que traçar, num contínuo de medidas entre os 7,8 e os 35 cm, limites que definissem as categorias de dimensão estabelecidas.

Pareceu, aqui, pertinente utilizar distintos valores para classificar como grande, um recipiente aberto ou de paredes rectas, e um recipiente fechado ou de colo marcado.

Considerou-se, após leitura do gráfico de barras, onde estão expressos os Dia, e onde é possível detectar a existência de classes naturais, que entre as formas abertas, os pequenos recipientes possuem aberturas que podem atingir os 9,9 cm, que os recipientes de dimensões médias apresentam aberturas entre os 10 e os 24,9 cm, e que a boca dos grandes recipientes é igual ou ultrapassa os 25 cm (Quadro 36).

No caso dos vasos fechados, ou de colo, e depois de verificadas as suas reconstituições gráficas, julgou-se que um Dia igual ou superior a 20 cm, permitia classificar, um contentor, como grande.

### QUADRO 36

#### Recipientes – dimensão

Dimensão	Formas abertas ou de paredes rectas	Formas fechadas ou de colo marcado
	Medida do Dia (cm)	Medida do Dia (cm)
Pequeno	≥ 9,9	≥ 9,9
Médio	10 – 24,9	10-19,9
Grande	≤ 25	≤ 20

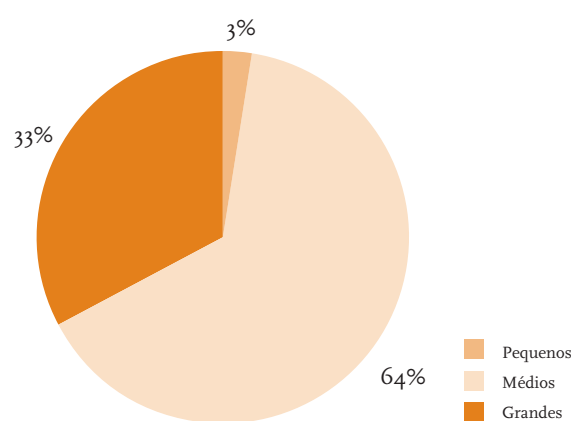


FIG. 75 - Dimensão dos recipientes.

O conjunto é, claramente, dominado pelos recipientes de média dimensão sendo, no entanto, significativa a percentagem de grandes contentores, que atinge os 33%. A única classe sub-representada é, efectivamente, a dos pequenos vasos (Fig. 75).

A análise da espessura dos bojos que tem, apesar das críticas possíveis (Simões, 1999, p. 61), sido utilizada como um outro indicador da dimensão média dos contentores confirma este panorama. Nos materiais tratados, e tendo presente que, apesar de ter sido sempre registada a espessura máxima que o bojo apresentava, este valor provem

de distintos pontos do recipiente, registaram-se espessuras entre os 3,9 e os 21 mm (Quadro 37 e Fig. 76).

Utilizando os critérios definidos por J. Soares (1995, p. 34), pode afirmar-se que são maioritárias as paredes espessas, com medidas entre os 9 e os 12,9 mm, que representam 49% do conjunto. Paredes muito espessas foram registadas em, apenas, 5% dos casos.

As paredes, mais finas, com espessuras entre os 6-8,9 mm, atingem os 43%, e paredes muito delgadas, entre os 3,9 e os 5,9 mm, estão presentes em apenas 3% dos exemplares.

### QUADRO 37

#### Espessura dos bojos (mm)

3-4,9	5-5,9	6-6,9	7-7,9	8-8,9	9-9,9	10-10,9	11-11,9	12-12,9	13-13,9	14-14,9	15-15,9	16-16,9	17-17,9	18-18,9	20-29,9	Total
6	31	142	158	191	225	169	93	52	25	17	6	7	2	1	1	1126

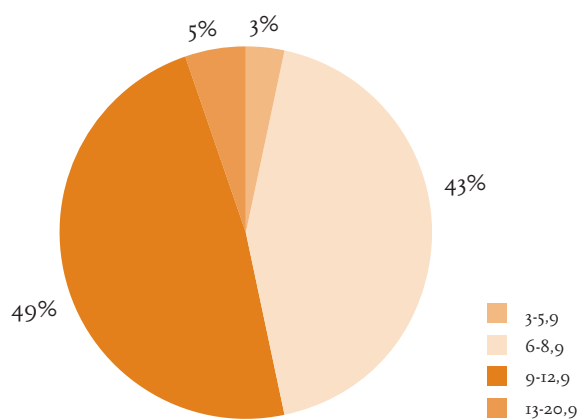


FIG. 76 - Espessuras dos bojos (em mm).

Estas espessuras de paredes são compatíveis com as dimensões admitidas para os contentores. Num conjunto dominado pelos recipientes de médias dimensões são, também, maioritárias as paredes de espessuras médias, e tal como acontecia com a categoria dos grandes contentores, as paredes muito espessas são, nitidamente, menos frequentes. As paredes muito delgadas que não estão, no entanto, necessariamente associadas a pequenos recipientes são, tal como estes, escassas.

Estas paredes tendem, como em outros contextos do Neolítico antigo, a apresentar remates simples. O bordo foi, em 311 exemplares, arredondado e, em 231, biseado. Em 53 peças, o bordo foi cuidadosamente aplanado, e 13 fragmentos apresentam bordos irregulares.

#### Catálogo de formas

A presença de vasos com diferentes orientações de perfil, cobrindo um leque relativamente amplo de dimensões, que apresentam distintos graus de robustez, e aos quais terão sido aplicados variados tipos de tratamento de superfícies, configura um quadro geral de diversidade tipológica, próprio de contextos habitacionais de prolongada utilização, onde a realização de múltiplas tarefas, associadas ao processamento, consumo, armazenamento e transporte de produtos alimentares, exige distintos contentores.

A classificação dos recipientes de acordo com uma tipologia de formas, e remetendo para outro apartado a complexa questão dos sistemas decorativos, não é, para os contextos do Neolítico antigo no território português, uma tarefa linear.

Não existindo uma tabela tipológica comum multiplicam-se as designações, de carácter morfológico, que referem umas vezes o tipo de abertura, outras a figura geométrica mais próxima, ou ainda uma funcionalidade admitida.

Apesar de pertencerem ao Neolítico antigo um número importante de vasos intactos, ainda que de muitos deles não se conheça o exacto contexto de proveniência, o material recuperado em escavação tende a apresentar-se muito fragmentado dificultando, ou impedindo mesmo, a reconstituição gráfica das formas originais.

Uma importante excepção constitui o conjunto recuperado na Cabranosa (Ferreira, 1970; Zbyszewski et al., 1981; Cardoso et al., 1998), onde a remontagem quase integral dos contentores demonstra a existência de uma diversidade morfológica mais acentuada do que, a que por hábito, tem sido atribuída ao Neolítico antigo em Portugal.

Os materiais provenientes da Valada do Mato foram classificados de acordo com um catálogo de formas construído para o efeito, a partir do qual se pretende, de forma sintética, designar a morfologia geral do recipiente, sempre que possível, a partir da figura, ou parte da figura, geométrica mais próxima.

Com este catálogo pretende sintetizar-se, apenas, a diversidade morfológica, e não a volumétrica, que o conjunto apresenta. Os principais tipos definidos comportam variações internas próprias de séries manualmente produzidas.

Classificaram-se, morfológicamente, os vasos como hemisféricos, hemisféricos fundos, esféricos, ovóides, de paredes rectas ou de colo (Fig. 77 e Quadros 38 e 39).

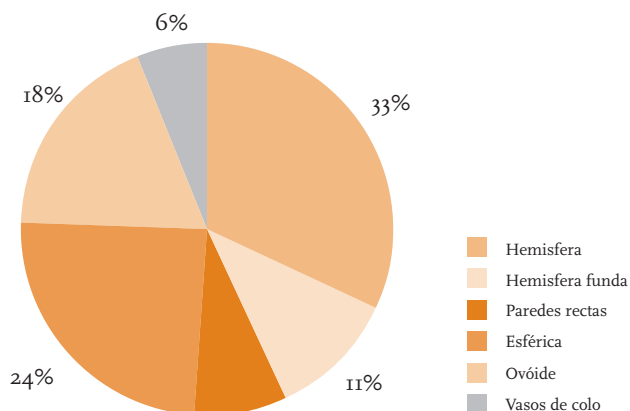


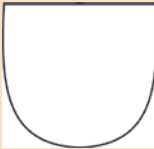


FIG. 77 - Formas-tipo.




### QUADRO 38

#### Catálogo de formas – formas abertas e paredes rectas

Forma	Principais características	N.º de exemplares	Estampas
<p>Hemisfera</p> 	<p>Referidas, com frequência, como taças. Trata-se, quase sempre, de recipientes abertos, ainda que ligeiras inflexões da parede, junto ao bordo, possam dar origem a diâmetros internos da abertura menores que os diâmetros do bojo.</p> <p>Ainda que não integralmente reconstituídas devem apresentar fundos amplos e côncavos.</p> <p>Os vasos tendem a ser de pequena ou média dimensão.</p>	75	19, n.º 2; 20, n.º 1; 22, n.º 1-2; 23, n.º 1; 25, n.º 2; 26, n.º 1; 29, n.º 2; 35, n.º 4-5; 37, n.º 2-3; 40, n.º 2; 43, n.º 2-3; 44, n.º 1.
<p>Hemisfera funda</p> 	<p>Trata-se, sempre, de formas abertas, por vezes com acentuada inclinação das paredes, fazendo sobressair a profundidade da peça.</p> <p>Os fundos tenderão a ser estreitos e parabolóides.</p> <p>Esta forma é comum em grandes recipientes.</p> <p>Este tipo de vasos está bem documentado no sítio da Cabranosa (Cardoso et al., 1998, figs. 4 e 5).</p>	26	22, n.º 3-4; 23, n.º 4; 25, n.º 3; 29, n.º 3; 30, n.º 1; 32, n.º 3; 33, n.º 3; 35, n.º 3; 39, n.º 3.
<p>Paredes rectas</p> 	<p>Vasos cujas paredes não apresentam inclinação perceptível em qualquer sentido. Tratando-se de uma série manualmente produzida podem registar-se algumas oscilações ao longo da parede do recipiente.</p>	19	23, n.º 2; 30, n.º 5; 31, n.º 4; 32, n.º 1; 34, n.º 2; 38, n.º 2(?); 39, n.º 1; 42, n.º 3; 44, n.º 3.

## QUADRO 39

### Catálogo de formas – formas fechadas e vasos de colo

Forma	Principais características	N.º de exemplares	Estampas
<p>Esférica</p> 	<p>Trata-se, sempre, de formas marcadamente fechadas, que podem apresentar importantes diferenças entre o diâmetro interno da abertura e o diâmetro do bojo. Esta forma é comum em grandes recipientes.</p>	57	19, n.º 1; 21, n.ºs 1-2; 24, n.ºs 1-3; 25; n.º 1; 27, 28, 32; n.º 2; 33, n.º 1; 35, n.ºs 1-2; 37, n.º 1; 40, n.º 1.
<p>Ovóide</p> 	<p>Foram, assim, classificados os recipientes muitas vezes descritos como em “forma de saco”, ou como “hemisferas altas” (Simões, 1999). Tendem, com maior frequência, a apresentar formas fechadas, com ligeira inclinação da parede, registando-se, também, vasos com paredes quase rectas, o que torna a classificação de alguns fragmentos menos segura.</p>	43	20, n.º 2; 21, n.º 3; 33, n.º 2; 38, n.º 1.
<p>Vaso de colo</p> 	<p>Trata-se de recipientes que apresentam uma forma composta, e que são classificados como “garrafas”. O perfil inflecte, mais ou menos suavemente, de um bojo amplo para um colo estreito, que pode ser mais ou menos alto.</p>	14	26, n.º 4; 43, n.º 1.

Estas formas podem surgir em contentores de diferenciadas dimensões, sem que se detectem associações recorrentes entre morfologia e volume. Como foi atrás referido, as inúmeras tarefas, relacionadas com o armazenamento ou conservação, processamento e consumo de bens alimentares, levadas a cabo num espaço habitacional utilizam, para múltiplos fins, a mesma forma em diferentes dimensões.

#### *Fundos*

A base destes recipientes deve ser quase sempre ampla e côncava, o que dificulta o exacto posicionamento dos fragmentos de bojo na geografia do vaso, e justifica o número muito reduzido de peças que puderam ser descritas como fundos. Foram identificados apenas três casos, dos quais dois pertencem a fundos côncavos, e um terceiro, a um fundo plano. Um dos fundos côncavos é composto por 11 fragmentos, que se encontravam quebrados em conexão, e o fundo plano possui quatro grandes fragmentos, com 16,3 mm de espessura. Este último fundo pode ter pertencido a um grande vaso de armazenagem, e apesar de, ainda, não identificadas em contextos do Neolítico antigo, em território português, as bases planas estão bem representadas em contextos contemporâneos, no espaço peninsular.

A existência deste tipo de fundos, planos ou aplanados, podia justificar a presença de dois fragmentos que apresentam uma quebra na linha de perfil, uma pequena “carena”, onde se realizaria a união do corpo e da base da peça.

#### *Elementos de preensão e suspensão*

Uma das características próprias destes recipientes é a frequente existência e diversidade formal dos elementos de preensão e/ou suspensão (e.p.s.), nomeadamente asas, pegas e mamilos.

Apesar de possuíram uma funcionalidade imediata, a sua raridade, sobretudo ao nível das asas, em recipientes de outras etapas do Neolítico, torna-os indicadores de particulares contextos crono-culturais.

No conjunto cerâmico da Valada do Mato estão registadas 71 asas e 112 pegas ou mamilos, conservados em estados muito diferenciados. Para além dos fragmentos de recipiente que conservam intactas as asas, pegas ou mamilos, estes elementos tendem também a surgir, com alguma frequência, isolados.

#### *Asas*

De entre as 71 asas presentes, 34 já não estão integradas na parede do recipiente, e se algumas conservam intacta a forma original, outras consistem apenas em troços de asa, não classificáveis.

Este universo é, tipologicamente, dominado, pelas asas em anel, com 25 exemplares, sendo também comuns as asas em fita, com 17 casos, e mais raras as que apresentam mamilo no topo, situação que se verifica em, apenas, cinco exemplares.

As restantes partes de asa não permitiram classificação, dado o mau estado de conservação das peças.

Numa perspectiva morfológica, e ao contrário do verificado em outros contextos do Neolítico antigo, o repertório das asas parece, relativamente, reduzido, com um domínio absoluto das formas simples, em arco de círculo (Est. 39, n.<sup>os</sup> 1-3 e Est. 41, n.<sup>os</sup> 4-6).

Entre as 10 asas conservadas em fragmentos que apresentam bordo verifica-se uma igualdade quanto à orientação da perfuração. Cinco exemplares possuem asas com perfuração vertical, e cinco com perfuração horizontal.

As asas, assim como outros tipos de elementos de apreensão e/ou suspensão, funcionam, na composição integral da peça, como eixos de simetria a partir dos quais se desenvolve a decoração. No entanto, apresentam-se, por norma, como espaços reservados sendo, no conjunto, muito raras as asas que receberam decoração. Em quatro casos, o corpo da asa foi impresso, e em dois, inciso.

As asas estão presentes em seis vasos com decoração impressa, em cinco que apresentam decoração incisa, e em um vaso que possui ambas as técnicas.

As asas possuem diferentes implantações no corpo da peça, partindo do bordo para o bojo, ou ocupando, apenas, esta última área.

Não existe relação aparente entre a presença deste elemento e um tipo específico de dimensão de contentor. Foram colocadas asas em pequenos, médios e grandes vasos.

#### *Pegas e mamilos*

Para apreensão, suspensão e transporte dos recipientes, foram aplicados sobre as paredes dos vasos, para além das asas, tipos muito diversificados de mamilos, quer quanto à forma, quer quanto à dimensão.

Perante o conjunto, questionou-se a pertinência da utilização do conceito “mamilo” para designar apêndices cujas dimensões os aproximavam mais de, efectivas, pegas. Em resultado desta observação, optou-se por dividir este tipo de elementos em duas categorias, ficando o termo “mamilo” reservado para meios de apreensão e suspensão com comprimentos máximos até 2 cm, e empregando-se designação “pega” para aqueles que ultrapassassem esta medida, como os representados na Estampa 40, n.<sup>o</sup> 1 e Estampa 41, n.<sup>os</sup> 2-3.

Registaram-se 73 mamilos, dos quais 23 surgem isolados do corpo da peça de origem.

Pode afirmar-se que, observando a superfície de contacto do mamilo com a parede do vaso, e os negativos conservados em peças que os perderam, como os representados na Estampa 29, n.<sup>os</sup> 2 e 3, parte significativa deste tipo de apêndices não resulta de um repuxar da pasta fresca da parede do contentor, mas estes seriam, depois de configurados, pressionados contra a superfície do vaso, o que justificava a facilidade com que se soltam.

Os mamilos são quase sempre cónicos, 27 registos, sendo também frequentes os cilíndricos, 19 exemplares, e mais escassos os mamilos tipo lingueta (Est. 41, n.º 1), com seis casos, apenas. Os restantes exemplares não permitiram classificação formal.

Os mamilos, só muito, raramente apresentam perfurações. Dos 5 casos registados, em apenas dois pode ser definida a orientação da perfuração, que é num caso vertical, e noutro horizontal.

O número de peças que possuem, para além de mamilos, decoração é, relativamente, escasso. Esta situação verifica-se em apenas 19 peças, que tendem a apresentar, sobretudo, decorações impressas, registadas em 14 casos, sendo pouco frequente a associação entre mamilos e incisões, presente apenas em quatro exemplares. Um único fragmento combina técnicas distintas e mamilo.

Tal como acontecia com as asas, os mamilos foram aplicados sobre diferentes classes de recipientes, e ainda que surjam, por vezes, no bojo, tendem a ser aplicados junto ao bordo do vaso.

Para além de asas e mamilos, identificaram-se, no conjunto, 43 pegas, das quais 11 estavam já soltas do recipiente de origem.

Tal como os mamilos, apresentavam três morfologias principais, cónica, cilíndrica e lingueta. Ao primeiro tipo, pertencem 20 exemplares, ao segundo 11, e ao terceiro, dez. Uma pega apresenta uma forma particular, definida como “gomo de laranja” (Est. 21, n.º 1). Numa única pega foi identificada uma perfuração vertical.

As pegas estão associadas a sistemas decorativos em 12 fragmentos. Seis exemplares apresentam decoração impressa e pega, cinco decoração incisa e pega, e apenas um combina a pega com ambas as decorações. Duas pegas apresentam na sua superfície impressões e uma outra incisões.

As pegas foram aplicadas em contentores morfometricamente diferenciados e são, por norma, colocadas junto à abertura do vaso.

No grupo dos elementos de prensão e suspensão inclui-se, ainda, o tipo registado num único fragmento (Est. 34, n.º 2), constituído pela aplicação, abaixo do bordo, de dois pequenos cordões paralelos entre si, e a este.

Outro caso, único no sítio, é o da grande pega, representada na Est. 45, com o n.º 5. Este verdadeiro cabo, com mais de 5 cm de comprimento, pode ter pertencido a um pequeno recipiente tipo concha. Esta forma, para a qual não se conhecem paralelos em território português está, no entanto, registada em outros conjunto cerâmicos do Neolítico antigo ibérico.

No conjunto, a presença num recipiente de asas, mamilos ou pegas, parece, em parte, ter substituído, ou dispensado, a aplicação de outros esquemas decorativos (Fig. 78).

Ainda que alguns recipientes apresentem acabamentos complexos que podem, inclusivamente, conjugar diferentes componentes de prensão e suspensão e mais que uma técnica decorativa, a tendência geral parece apontar para uma maior frequência deste tipo de elementos em vasos, aparentemente, lisos.

#### *Processos e sistemas decorativos*

A frequência e diversidade formal dos elementos de prensão e suspensão constitui, com a decoração, um traço próprio das primeiras produções cerâmicas, em território português. O emprego de distintas técnicas, a partir das quais se produzem diferentes padrões decorativos, caracteriza os conjuntos cerâmicos do Neolítico antigo e permite, a partir da sua classificação e quantificação, o debate acerca de complexas questões de ordem crono-cultural.

Na análise, descrição e classificação, de um conjunto de materiais decorados que transmite, sobretudo, a impressão de irreduzível diversidade sentiram-se, como têm referido

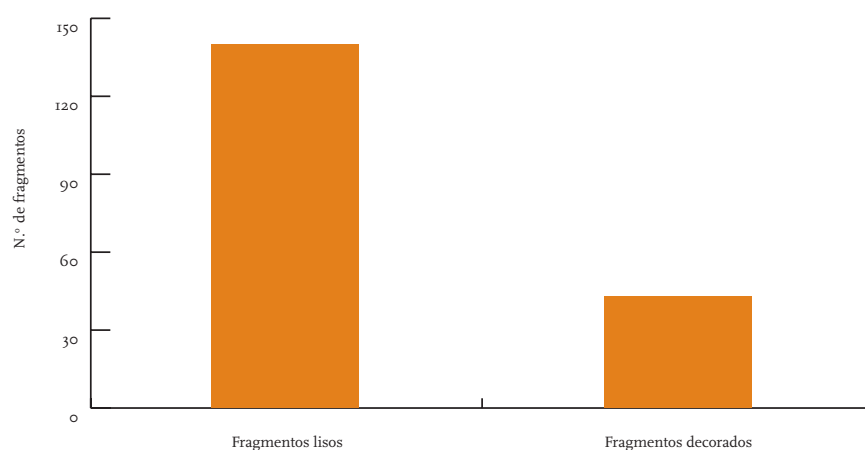


FIG. 78 - Presença de asas, pegas e mamilos em fragmentos lisos e decorados.

outros autores, evidentes dificuldades ao nível da recolha sistematizada dos diferentes tipos de informação contida nos recipientes.

A criação de um pequeno texto narrando as particularidades decorativas de cada fragmento, se permite realçar o valor estético de alguns motivos dá, depois, origem a um acumulado de pequenas redacções que, sobretudo numa colecção de grandes dimensões são, objectiva e quantitativamente, inutilizáveis. Optou-se, portanto, por criar um primeiro nível de registo e leitura das peças que pode ser considerado “esquelético”, a partir do qual se pretendem detectar recorrências culturalmente significativas.

De entre os 9867 fragmentos recolhidos apenas 854 apresentam decoração. Esta discrepância entre o número de fragmentos lisos e o número de fragmentos decorados não está conectada com a importância, no conjunto, dos recipientes lisos, mas constitui um imediato indicador da pequena extensão da área dos vasos que recebeu decoração (Fig. 79). Dos 1240 fragmentos individualmente descritos, 854 são provenientes de partes de recipientes que apresentam decoração, e 385 provêm de vasos lisos ou de áreas, no vaso, que não receberam ornamentação.

Para efeitos de cálculo do peso da decoração no sistema cerâmico utilizaram-se, exclusivamente, os fragmentos que apresentavam bordo, ainda que se reconheça a imprecisão implícita a este esquema analítico, dado que alguns dos pequenos fragmentos de bordo liso podem ter pertencido a recipientes decorados.

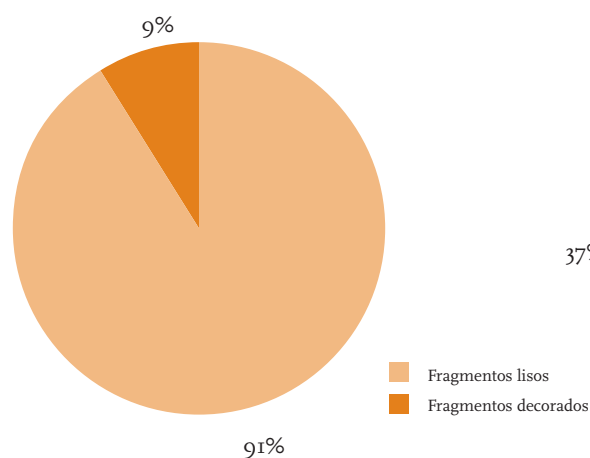


FIG. 79 - Fragmentos lisos e fragmentos decorados no conjunto.

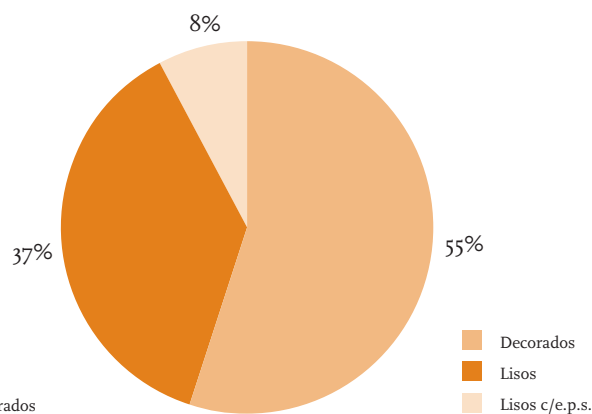


FIG. 80 - Bordos lisos, decorados e lisos com elementos de preensão e suspensão.

Num total de 608 bordos, 337 receberam algum tipo de decoração, e de entre os 271 exemplares lisos, 51 possuem elementos de preensão ou suspensão. O conjunto parece, assim, apresentar um relativo equilíbrio entre bordos decorados e bordos lisos, ainda que dominem os primeiros (Fig. 80). Repita-se, no entanto, que alguns destes bordos, aparentemente não decorados possuem dimensões muito reduzidas, o que compromete, em parte, a sua classificação.

#### Técnicas

De entre as técnicas empregues, nas 854 peças que apresentam decoração, a impressa, com 438 ocorrências é a mais frequente. A incisão registou-se em 261 peças, e a aplicação de decoração plástica em 78 fragmentos, dos quais 46 possuem também impressões, e 17 incisões. A combinação de técnicas verifica-se em outros 54 exemplares que foram, em simultâneo, impressos e incisos. Outras técnicas estão pontualmente presentes, como a canelada em 20 peças, e a penteada, em 3 fragmentos (Fig. 81).

Trata-se, portanto, e como foi referido em outras ocasiões, de um aparelho cerâmico que é, ao nível da decoração, dominado pela técnica da impressão, que atinge, quer se contabilize, apenas os bordos ou os bordos e os bojos, sempre mais de 50% do total.

Estas impressões foram obtidas utilizando grande diversidade de matrizes que, na maior parte dos casos, terão sido aplicadas por punção individual, exercido paralela, perpendicular ou obliquamente sobre a superfície do recipiente, dando origem a distintos negativos, de formas quadrangulares, retangulares, sub-triangulares, circulares ou ovóides. Estão ainda presentes as impressões em cunha, e as impressões unguiformes. Contrastam com estes, alguns fragmentos que apresentam impressões cuja matriz é, dada a sua complexidade interna, dificilmente identificável.

O emprego de alguns tipos específicos de matriz, ou de sequências particulares de gestos, aos quais tem sido atribuído um concreto significado crono-cultural, deve ser destacada.

Neste conjunto, onde são maioritárias as cerâmicas impressas, a utilização de concha de berbigão (*Cerastoderma edule*) é, claramente, pontual. Foram, até ao momento, recuperados 17 fragmentos de cerâmica cardial, o que representa uma percentagem de 3,8% entre os fragmentos impressos, e de 1,9%, entre todo o material decorado.

O recurso a este tipo de matriz, cuja frequência tem sido utilizada para caracterizar os mais antigos conjuntos cerâmicos no Mediterrâneo ocidental, é na Valada do Mato absolutamente periférico.

Com a concha de *Cerastoderma* foram, quase sempre, realizados padrões muito simples, que consistem na impressão pontual, da extremidade denteada da peça (Est. 19).

Um outro grupo de impressões deve, também, ser referenciado. Se o gesto dominante parece ser o da aplicação repetida de punção simples, existem no conjunto “cordões de impressões”, obtidos pela aplicação de matrizes polidenteadas, aplicadas, em contínuo, sobre a peça (Est. 20). Em 19 fragmentos foi utilizada esta solução decorativa.

Ainda que estes “cordões de impressões” não tenham sido registados, nos conjuntos cerâmicos recuperados, ou publicados, em território português, a sua presença, escassa em

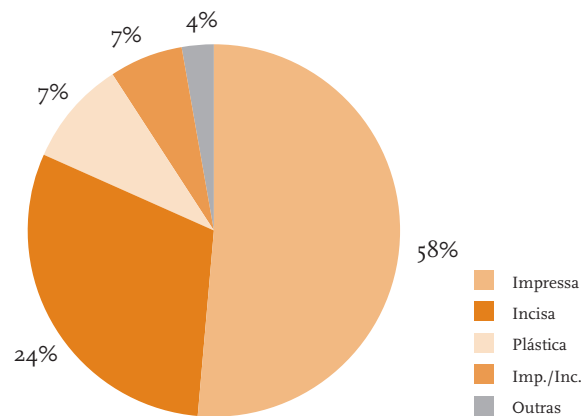


FIG. 81 - Técnicas decorativas presentes nos bordos.

contextos cardiais, tem sido associada, no Mediterrâneo ocidental, a grupos neolíticos com cronologias recuadas, mas que, aparentemente, não se integram na corrente cardial.

Fazem, também, parte da colecção, 44 peças que pertencem ao estilo “punto y raya” (Est. 25). Algum tipo de arrastamento lateral da matriz terá sido realizado num número superior de exemplares, que no entanto, não apresentam como estes, o aspecto característico, e de perfeita execução, do “boquique” neolítico .

A impressão oblíqua, de punção simples, foi também utilizada na realização dos motivos em espiga. Este padrão, que nos contextos contemporâneos da Estremadura foi sistematicamente reproduzido, na Valada do Mato está presente em, apenas, 23 fragmentos (Est. 26).

A impressão de um pequeno pente foi, também, a técnica utilizada na criação do único motivo que, no conjunto, se considera simbólico, adiante discutido.

A acentuada diversidade, registada nos materiais cerâmicos da Valada do Mato, resulta, em grande parte, do conjunto dos materiais impressos, dada a multiplicidade de matrizes utilizadas, e das diferentes formas de as fazer actuar sobre a superfície do recipiente.

O grupo das 261 peças incisas apresenta, internamente, uma menor diversidade, ao nível dos instrumentos empregues.

Para além de curtos traços, produzidos pela passagem de estilete fino, ou de linhas isoladas no corpo da peça, o conjunto, dos materiais incisos é, sobretudo, composto por sequências de linhas, com distintas espessuras, profundidades e orientações que, por norma, envolvem o corpo da peça. Este motivo está presente em 186 fragmentos.

A mesma acção deu origem, segundo o tipo de instrumento usado, a resultados visuais marcadamente diferenciados. Em alguns casos a ponta, muito fina e aguçada, do estilete, controlada por mão experiente, produziu linhas paralelas, de nítida perfeição geométrica, enquanto extremidades rombas e mais ou menos espessas criaram, por vezes, linhas grosseiras e de traçado pouco seguro.

Para além de séries de linhas, estão representados, em apenas 5 fragmentos, motivos compostos por faixas limitadas por linhas incisas, e preenchidas por elementos incisos ou impressos.

A incisão foi a técnica escolhida para a realização, de algumas, das mais cuidadas, e elaboradas, composições registadas.

A terceira técnica mais utilizada no conjunto, presente em 78 exemplares, é a da aplicação de decoração plástica sobre a superfície dos recipientes.

Os cordões plásticos estão quase sempre associados a decorações impressas, 46 casos, sendo significativamente menor o número de peças que apresentam cordões e decoração incisa, 17 casos, e mais escassas, ainda, as que possuem exclusivamente cordões, 15 exemplares.

Estes cordões, quando surgem em peças que conservam bordo, são sempre paralelos a este. Num único caso, surgem dois cordões no mesmo fragmento, paralelamente dispostos. Os cordões são aplicados alguns centímetros abaixo do bordo, ou em pleno bojo.

Ao contrário de outras técnicas decorativas que não interferem nas propriedades físicas da peça, a presença de cordões plástico deve ter desempenhado um papel quer ao nível do manuseamento quer, eventualmente, ao nível da própria resistência do vaso.

Tal como se tem constatado em outros contextos do Neolítico antigo parece, aqui, confirmar-se a existência de uma relação entre grandes contentores e cordões plásticos. No conjunto estudado, os cordões estão presentes não só em alguns dos vasos que apresentam maior diâmetro de boca como estão, também, referenciados em alguns bojos muito espessos.

Em menor número, surgem as caneluras, registadas em 20 fragmentos. Consideraram-se caneluras, as séries de sulcos profundos, relativamente largos, e de contorno muito pre-

ciso, que podem ter sido obtidos por incisão utilizando punção rombo, ou através da impressão forte, de um caule flexível.

Com presença apenas pontual surge a técnica penteada. Em apenas 3 fragmentos, um pequeno pente foi, de forma leve, utilizado para criar motivos ondulantes.

#### *Localização e organização espacial*

Qualquer que seja a técnica empregue, ou o motivo criado, a decoração realiza-se, por norma, sobre a superfície externa do recipiente, e restringe-se a uma área próxima do bordo. Em casos pontuais, sectores mais distantes da abertura do vaso podem ter recebido decoração.

Contrastando o número de bojos decorados, 531, com o número de bojos lisos, 8632, torna-se nítida a existência de uma clara “zonação” dos motivos decorativos, na geografia do recipiente.

Estes motivos, impressos ou incisos, compostos por fiadas, linhas, faixas ou bandas, desenvolvem-se, sobretudo, de forma paralela ao bordo. Outras organizações, perpendiculares à abertura, ou criando grinaldas, são menos frequentes.

Identificaram-se, ainda, três fragmentos, em que a decoração foi executada sobre a superfície interna do vaso. São pequenos fragmentos de bojo, em dois casos impressos, e num inciso/canelado (Est. 45, n.º 1-3). Este procedimento que não se encontrava, ainda, atestado nos conjuntos cerâmicos do Neolítico antigo em Portugal, tem sido detectado em outras áreas do território peninsular.

Os motivos desenhados, ou mais exactamente o que deles se conserva, uma pequena banda composta por fiadas de impressões paralelas entre si, fiadas concêntricas de impressões, e série de linhas incisivas, não apresentam qualquer especificidade que justifique a sua particular localização.

Um outro fragmento de bojo, para o qual não se dispõe de paralelos, possui, também na sua superfície interna, seis pequenas protuberâncias de tipo mamilar. Estes apêndices, que não se consideram decorativos, apresentam as suas superfícies desgastadas, possivelmente por uso, mas desconhece-se qual a exacta função que desempenhavam (Est. 45, n.º 4).

#### *Sistemas decorativos*

A definição de sistemas decorativos, que decorre de uma análise conjunta de técnicas, motivos e localização das decorações, exige um necessário grau de abstracção, uma vez que a identificação de recorrências implica, em busca da(s) norma(s) subjacente(s), a secundarização da diversidade empiricamente detectável. No limite, poder-se-ia caracterizar o padrão, ou os padrões, culturalmente instituídos, e isolar produções periféricas (Quadros 40, 41 e 42).

Se o observador é, num primeiro momento, surpreendido pela diversidade, e admite-se que essa possa ter sido uma intenção original, essa impressão suaviza-se quando se constata a existência de claras preferências por motivos que, continuamente, se repetem.

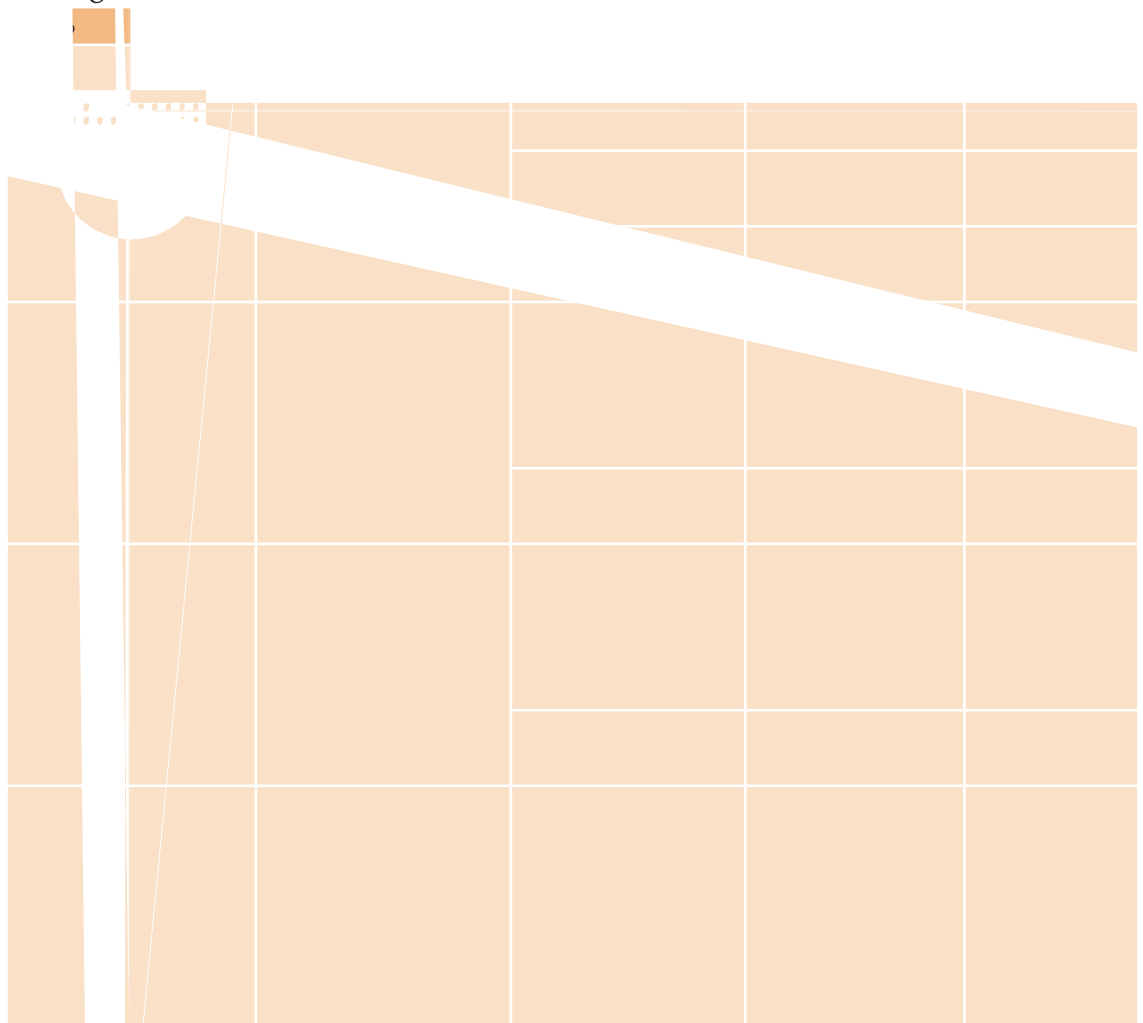
Se, ao nível da selecção do tipo de matriz ou do estilete empregue existe uma considerável liberdade na escolha, os motivos desenhados com estes diferentes instrumentos são, no entanto relativamente, restritos.

Parece detectar-se, ainda que não sejam evidentes os mecanismos sociais que a possam justificar, uma oposição fundamental entre a diversidade de instrumentos utilizados, e a relativa monotonia dos motivos executados, que sugere a interiorização de uma regra cultural.

A procura de regularidades permitiu definir sistemas decorativos principais, que comportam, o que parecem ser, variantes no seu interior e que podem expor-se de forma esquemática.

Nos o  
im a  
seita  
Os fi  
essa e  
a rela  
com j  
No p  
rdo c  
inhas  
po, d  
tença  
Est.  
Um c  
essão  
lexo  
l.

**DRO**  
ogc



**QUADRO 4I**

Catálogo dos principais sistemas decorativos – motivos incisos

Ainda que se registem, entre as peças que conservam bordo, e que se admite provirem de pelos menos três vasos distintos, algumas diferenças, relacionadas com a presença de linhas incisivas a limitar as fiadas de impressões, ou com o afastamento dessas mesmas fiadas, é possível afirmar que um número importante de fragmentos de bojo pertence a um desses recipientes (Est. 36).

Estes sistemas decorativos foram, com a referida excepção da decoração plástica, aplicados sobre recipientes que possuem diferentes dimensões e formas-tipo. Na Valada do Mato, como em outros contextos contemporâneos, não se detectou qualquer tipo de associação perceptível entre morfologia, volume, existência e tipo de decoração realizada sobre os vasos.

As decorações realizadas, ao longo do Neolítico antigo, sobre os recipientes cerâmicos devem integrar, com pontuais excepções, o conjunto de comportamentos que o sujeito reproduz como gestos quotidianos que se pensam inatos e, portanto diferentes das acções que são, pelo próprio, pensadas e sentidas como, diríamos na linguagem contemporânea, simbólicas.

Estes comportamentos, que permitem distinguir uma tradição cultural de outra, estão por norma, de tal forma interiorizados que tenderão a ser mecanicamente reproduzidos, enquanto parte da “ordem natural das coisas”. Mas as Ciências Sociais e Humanas há muito demonstraram que a *ordem só é natural*, em limites concretos de espaço e de tempo. Todas as ordens possuem origens, histórias, e conteúdos socialmente estabelecidos, e negociados.

O significado social do acto de decorar, fortemente enraizado entre as primeiras populações neolíticas, escapa-se-nos, de momento. No entanto, a diversidade de padrões desenhados só, aparentemente, remete para um mundo não organizado. Enquadrando a diferença, e garantindo que esta não se transforma em caos, parecem existir regras efectivas que configuram uma tradição, e que poderão ser detectadas em conjuntos suficientemente amplos, de molde a permitir a diferenciação entre gestos recorrentes e acções fortuitas.

#### *Cerâmica simbólica<sup>2</sup>*

Um só fragmento possui um motivo que se considera, *strictu senso*, simbólico (Fig. 82). Trata-se de uma pequena parte de bojo que conserva a representação de um, e o arranque de outro, membro inferior de uma “figura orante”, que parece encontrar paralelos quer ao nível da técnica de execução, quer ao nível da imagem impressa, no grupo das figurações antropomorfas dos contextos cardiais da região valenciana (Figs. 83 e 84) (Martí Oliver e Hernández Pérez, 1988).

O fragmento recolhido na Valada do Mato pertencia a um recipiente produzido a partir de uma argila local, muito depurada e com escassos e.n.p., onde foi repetidamente impresso um pequeno pente. Do motivo original conserva-se um membro inferior, assim classificado dado a ausência das típicas curvaturas que se detectam nos membros superiores, composto por duas linhas paralelas de impressões, internamente segmentadas pela aplicação na oblíqua do mesmo pente, e de onde partem, quatro “dedos”. Junto a uma das áreas de fractura da peça é ainda visível a figuração de um outro “dedo”, e o limite interno do outro membro inferior (Est. 18).

Ainda que muito escassas, as figurações de tipo simbólico estão registadas, no

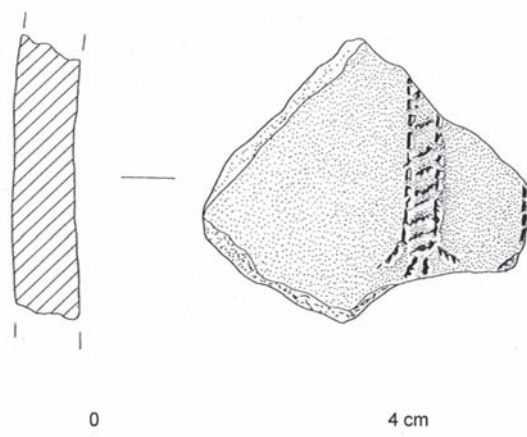


FIG. 82 - Fragmento de cerâmica simbólica da Valada do Mato.

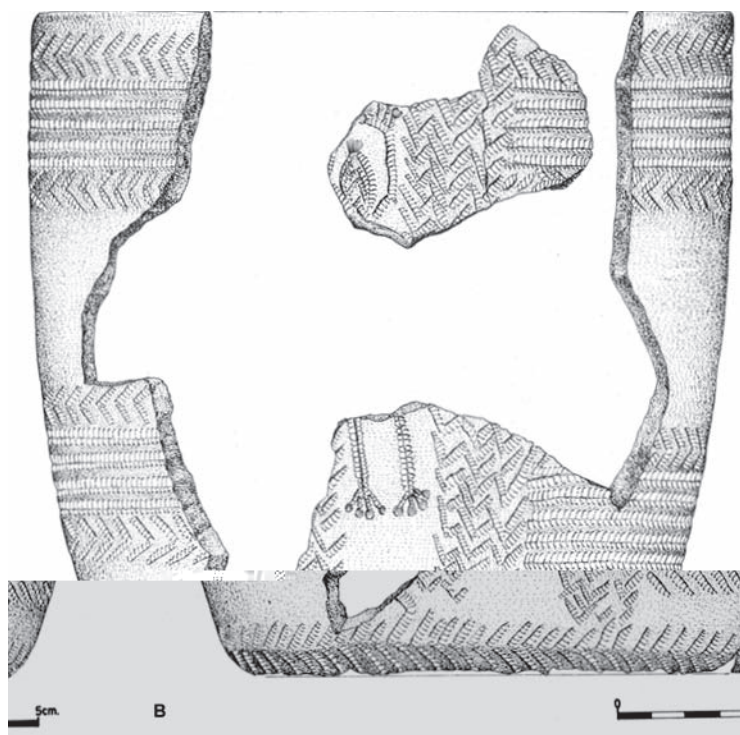


FIG. 83 - Fragmentos de vaso com representação de figura antropomorfa obtida por impressão cardial, com membros inferiores paralelos e figuração de quatro dedos, Cova de l'Or (Martí Oliver e Hernández Pérez, 1988, p. 55).

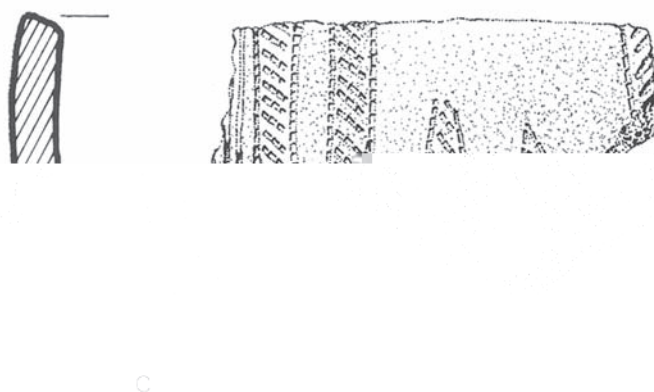


FIG. 84 - Fragmento com representação de dois antropomorfos obtidos por impressão de matriz denteada, Cova de l'Or (Martí Oliver e Hernández Pérez, 1988, p. 65, 1)

actual território português, em conjuntos onde a cerâmica cardial está, ao contrário do verificado na Valada do Mato, bem representada, como acontece nas grutas do Almonda (Zilhão, 2001, p. 14183), e em Eira Pedrinha (Corrêa e Teixeira, 1949, Est. IX).

A presença no extremo ocidente da Península de figurações e de símbolos estreitamente conectados com grupos neolíticos de áreas mediterrâneas possui imediatas implicações ao nível das relações, e da proximidade cultural que possa ter existido entre comunidades produtoras estabelecidas em pontos distantes do território ibérico.

A confirmar-se a classificação proposta para o, até ao momento, único fragmento de cerâmica simbólica recolhido no povoado da Valada do Mato amplia-se, no espaço e no tempo, a distribuição das representações antropomórficas, em território português.

#### 5.4.4. *Recipientes cerâmicos: uma leitura sintética*

Numa perspectiva global pode afirmar-se que o sistema visava a produção, a partir de argilas localmente disponíveis, de recipientes cerâmicos de pastas compactas, bem cozidas, que possuem frequentes elementos não plásticos, quase sempre de pequeno e médio calibre. Depois de configuradas, as superfícies, internas e externas, terão, na grande maioria dos casos, sido alisadas. A aplicação de aguadas e o polimento das superfícies parece um procedimento menos frequente, mas deve salientar-se que o estado das superfícies é um atributo particularmente afectado pelas condições específicas de utilização e/ou deposição dos recipientes.

O aparelho cerâmico é composto por um conjunto diversificado de formas, abertas, fechadas, de paredes rectas ou com colo diferenciado, que foram reproduzidas em vasos com diferentes dimensões. Existem, no conjunto, recipientes, genericamente, aptos para o armazenamento, de líquidos e sólidos, e para o processamento e consumo de bens alimentares, ainda que não seja possível estabelecer uma positiva correspondência entre forma e funcionalidade. Se, os grandes contentores estavam certamente destinados ao armazenamento, os vasos de dimensões médias podem ter desempenhado uma multiplicidade de funções, hoje, difíceis de precisar.

Ainda com a pasta fresca, aplicam-se, sobre um número razoável de vasos, asas, pegas ou mamilos.

Conclui-se, na maior parte dos casos, a etapa de manufactura dos recipientes decorando a área que envolve a sua abertura. Utilizou-se, principalmente, a técnica da impressão, através da qual se desenham, sobretudo, bandas simples, compostas por número variável de fiadas de impressões, paralelas ao bordo. Os motivos incisos, ainda que reproduzindo, no essencial, este esquema apresentam, em alguns casos, combinações de linhas com diferentes orientações, que segmentam o espaço visual.

A par da impressão, que no conjunto do material decorado, representa 52% das presenças, e da incisão, que atinge 30% dos fragmentos, outras técnicas, como a plástica, presente em 9% das peças, foram menos utilizadas. A combinação de técnicas afectou 6% do material, e com presença escassa, da ordem dos 3%, surgem os fragmentos penteados ou com caneluras.

Aqui, como em outros contextos do Neolítico antigo, não foram detectadas associações sistemáticas entre tipos específicos de contentores e particulares técnicas, ou motivos decorativos. Se existiram critérios, subjacentes à decoração de classes de recipientes, eles não são perceptíveis a partir dos esquemas com que, hoje, organizamos o real.

Depois de aplicada a decoração, e seca a peça, dá-se início ao processo de cozedura, realizado em estruturas de combustão simples, cobertas de terra e/ou ramagens, num ambiente, quase sempre, redutor. A etapa de arrefecimento realiza-se, já, em atmosfera oxidante, com a estrutura parcialmente desmantelada. A localização específica de cada vaso no interior destes espaços, e mesmo a duração da etapa de arrefecimento pode, em parte, justificar as diferentes colorações que as superfícies do recipiente ostentam.

Não foram, até ao presente, detectados, na Valada do Mato, áreas específicas de utilização destes recipientes. A localização do material, no momento da escavação, já não possuía relações significativas com, eventuais, zonas de uso original.

Ao nível do solo de ocupação, U.E. 9, a existência, em pontos concretos, de elevadas concentrações de fragmentos cerâmicos, mas também de material lítico, reflecte a presença de áreas tipo lixeira, onde se acumularam restos, de diferentes naturezas, mas não zonas de uso destes recipientes.

O conjunto dos vasos cerâmicos, recuperado na Valada do Mato, é particularmente significativo, ao nível da caracterização da natureza da ocupação aí registada, não apenas pela sua dimensão intrínseca, mas, sobretudo, pela multiplicidade de formas, e dimensões que apresentam estes contentores, configurando uma diversidade tipológica, própria dos sítios ocupados em permanência.

#### *Colheres*

Para além dos fragmentos de recipientes, foram recolhidas duas pequenas colheres, de cerâmica, com cabo curto e pontiagudo, e concha pouco profunda.

As colheres possuem uma pasta compacta, com e.n.p. em número razoável, e alisamento das superfícies interna e externa. Cozidas em ambiente oxidante, apresentam ambas um tom laranja vivo, 2.5YR 5/6 (*red*), da tabela Munsell (Est. 45, n.<sup>os</sup> 6-7).

A existência de colheres, ainda que de osso, atestada em outros contextos do Neolítico antigo peninsular (Pascual Benito, 1999), parecia, em Portugal, um fenómeno tardio, consequência da Revolução dos Produtos Secundários e, da vulgarização de um regime alimentar de base cerealífera (Gonçalves, 1989, p. 413).

A sua, ainda que limitada, presença na Valada do Mato não torna frequentes estes artefactos, em contextos antigos, mas faz recuar, definitivamente, no Sul de Portugal, a sua utilização às primeiras etapas do Neolítico.

#### *Outros materiais cerâmicos*

Ainda em cerâmica foram recolhidos outros pequenos objectos que, atendendo ao estado em que se encontram, não permitem uma classificação rigorosa. Estão nestas circunstâncias dois pequenos cilindros cerâmicos, um dos quais ligeiramente achatado, e com linhas incisas ao longo do corpo, e parte de dois pequenos “anéis”, em meia cana, com uma das faces plana.

#### *Nódulos de argila cozida*

Não pareceu adequado classificar como “cerâmica de revestimento”, os pequenos, e escassos nódulos de argila cozida recolhidos na Valada do Mato. Estes nódulos podem apresentar uma face relativamente aplanada oposta a outra informe, como se, depois de aplicada nalgum tipo de revestimento, a argila tivesse sido alisada. Um destes nódulos apresenta a superfície plana, estriada, mas em nenhum caso se conservam negativos de ramagens, tão frequentes na cerâmica de revestimento do Neolítico final e Calcolítico.

A raridade, ou mesmo ausência, deste tipo de material, já verificada em outros sítios do Neolítico antigo do Sul de Portugal (Silva e Soares, 1981, p. 59), faz supor que qualquer que fosse o tipo de cobertura utilizado nas estruturas habitacionais este não devia ser, sistematicamente, revestido com argila.

Na Valada do Mato, este material, que não foi recolhido em posição primária, deve ter sido empregue para colmatar, ou revestir, pequenos espaços.

---

<sup>1</sup> O número de peças que permitiram classificação morfológica é superior ao número mínimo de vasos, dado que os bordos que se admitiam poder integrar um mesmo recipiente, mas que não colavam, foram, aqui, individualmente tratados.

<sup>2</sup> Provém da campanha realizada no Verão de 2005, uma pequena estatueta antropomórfica, em cerâmica, integrável no universo das estatuetas femininas do Neolítico antigo do Mediterrâneo, cuja publicação se reserva para outro lugar.